

Anjo Secreto

The Greek Millionaire's Secret Child

Catherine Spencer

Harlequin Dueto 12.2



Homens que possuem tudo... menos uma noiva.

A enfermeira Emily Tyler fora para a Grécia com boas intenções, mas Nikolaos Leonidas via nela apenas uma aproveitadora cobiçando a fortuna da família. Para desmascarar a "bela frágil", um fim de semana de champanhe e sedução em seu iate daria conta do recado. Parecia ser o plano perfeito... Quando Emily prova sua integridade já é tarde demais: está apaixonada por Niko. A vida irresponsável que ele leva, no entanto, a deixa cautelosa, especialmente agora que espera um filho dele...

Digitalização: Silvia

Revisão: Alice Akeru





Sobre as autoras:

India Grey

Viciada confessa em romances, India os lê desde os 13 anos. Ela se formou em Literatura Inglesa e, no último dia de faculdade, conheceu seu futuro marido. Mesmo em casa cuidando de três filhas pequenas, ela ainda sonha acordada com histórias de amor, grata por seu trabalho lhe permitir contar seus sonhos a outras pessoas românticas através de seus livros!

Catherine Spencer

Catherine começou a escrever pelo desafio. Mais de 25 livros depois, ela tem uma carreira que adora e participa ativamente da movimentada comunidade das escritoras de romance. Além de escrever, ela adora antiguidades e, apesar dos protestos dos demais moradores e do saldo de sua conta no banco, reformar a casa. Ela tem um marido, quatro filhos, cinco netos, dois cachorros e um gato, e acha todos perfeitos!

HARLEQUIN BOOKS 2010

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE GREEK MILLIONAIRE'S SECRET CHILD

Copyright © 2009 by Catherine Spencer Books Limited

Originalmente publicado em 2009 por Mills & Boon Modern Romance

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica: ABREU'S SYSTEM - Tel: (55 XX 21) 2220-3654 / 2524-8037

Impressão: RR DONNELLEY Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A - Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISKBANCAS: (55 XX 11) 2195-3186/2195-3185 / 2195-3182

Editora HR Ltda. Rua Argentina, 171, 4º andar São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para: Caixa Postal 8516 - Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virginia Rivera - virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

Emily o localizou imediatamente, não por seu pai tê-lo descrito tão bem, mas porque, mesmo estando bem afastado das pessoas, ele se destacava na aglomeração, esperando pelos passageiros que chegavam ao aeroporto Vinezelos, de Atenas. Ele não podia evitar, com mais de 1,90m de uma masculinidade esguia e com um rosto de anjo. Só olhá-lo era o bastante para ver que era o tipo de homem que outros homens invejavam e pelo qual as mulheres brigavam.

Como se fosse combinado, os olhares se cruzaram e fixaram um no outro. E mantiveram-se assim por uma pequena eternidade, tempo o bastante para que ela se revolvesse por dentro, fascinada. Seu instinto de preservação lhe dizia que ele significava problema, que ela se arrependeria do dia de tê-lo conhecido. Então, ele acenou a cabeça, como se soubesse exatamente o efeito que lhe causava e, abrindo caminho pela multidão, seguiu em frente.

Ela percebeu como seu jeans realçava o quadril estreito e as pernas compridas, a jaqueta preta de couro sobre os ombros fortes e o contraste surpreendente da pele morena do pescoço com a camisa branca. Quando ele se aproximou ela também viu a boca e o maxilar sombreado pela barba por fazer, indicando a teimosia mencionada pelo pai.

Quando chegou até eles, ela perguntou, numa voz sedutora:

— Então, contra as probabilidades, você voltou inteiro. Como foi o voo?

— Longo — respondeu Pavlos, aparentando uma exaustão que ele certamente sentia. Nem os analgésicos, nem o luxo da primeira classe haviam sido o bastante para abrandar seu desconforto. — Muito longo. Mas, como você pode ver, tenho meu anjo da guarda ao meu lado. — Ele esticou a mão por cima do ombro e apertou a mão dela, afetuosamente. — Emily, minha querida, tenho o prazer de lhe apresentar meu filho, Nikolaos. E essa, Niko, é minha enfermeira, Emily Tyler. Nem posso imaginar o que teria feito sem ela.

Novamente, o olhar de Nikolaos Leonidas a percorreu, numa inspeção insolente.

Por trás de sua aparência escultural havia uma certa arrogância. Ele não era o tipo de homem a ser contrariado, pensou ela.

— Yiasu, Emily Tyler — disse ele.

Embora seu suéter e calças compridas a cobrissem quase por inteiro, ela se sentiu nua sob o olhar intenso. O problema eram seus olhos, pensou ela, estonteada. Não eram castanhos como os do pai, mas de um verde profundo, lembrando jade, acrescentando um toque final no rosto de beleza sinistra.

Engolindo, ela conseguiu responder:

— Yiasu.

— Você fala um pouquinho de grego?

— Bem pouquinho — disse ela. — Acabei de dizer todo meu vocabulário.

— Foi o que pensei.

O comentário poderia tê-la ferido, se ele não o tivesse feito com um sorriso tão encantador, deixando-a de joelhos fracos. Pelo amor de Deus, o que havia de errado com ela? Tinha 27 anos e, mesmo não sendo a mulher mais experiente do mundo, também não era nenhuma jovem inocente. Ela sabia muito bem que a aparência não contava muito. Importava o que a pessoa trazia por dentro e, a julgar por tudo que lhe haviam dito, Niko Leonidas parecia bem restrito nesse aspecto.

Ao voltar novamente a atenção para Pavlos, seu jeito não ajudou em nada para persuadi-la do contrário. Ele não manifestou qualquer ensejo em abraçar o pai, nem lhe deu um afago no ombro, ou na mão, oferecendo algum apoio como filho, durante sua convalescença. Em vez disso, ele recrutou um carregador para cuidar do carrinho lotado de bagagem que um dos comissários havia trazido, dizendo:

— Bem, já que acabaram as formalidades, vamos dar o fora. — E saiu marchando em direção à saída, deixando que Emily o seguisse, com Pavlos.

Somente ao chegarem na Mercedes que os aguardava, ele demonstrou um pouquinho de compaixão.

— Não — ordenou ele, quando ela foi ajudar seu paciente a sair da cadeira de rodas e, com uma ternura surpreendente, pegou o pai nos braços e cuidadosamente o colocou no espaçoso banco traseiro, envolvendo um cobertor sobre suas pernas.

— Você não precisava fazer isso — disparou Pavlos, tentando disfarçar a careta de dor.

Percebendo, Niko disse:

— Aparentemente, precisava. Ou teria preferido que eu ficasse olhando ao vê-lo cair de cara no chão?

— Eu preferia estar sobre meus dois pés, sem precisar de nenhum tipo de ajuda.

— Então, deveria ter se cuidado melhor quando estava longe — ou tido o bom-senso de ficar em casa em vez de resolver ver o Alasca antes de morrer.

Emily ficou tentada a chutar o homem, mas o fulminou com o olhar.

— Acidentes acontecem, sr. Leonidas.

— Principalmente a homens de 86 anos que ficam viajando por aí.

— Não foi culpa dele que o navio encalhasse, e ele não foi o único passageiro ferido. Considerando-se todas as coisas, e pela idade dele, seu pai se saiu muito bem. Com o tempo e a fisioterapia adequada, ele deve ter uma recuperação razoavelmente boa.

— E se não tiver?

— Então, eu creio que o senhor terá de assumir a responsabilidade e começar a agir como um filho apropriado.

Ele piscou lentamente, movendo seus cílios longos e perturbadores.

— Enfermeira e conselheira familiar — disse ele. — Mas que sorte!

— Bem, o senhor perguntou.

— E você me disse. — Ele deu uma gorjeta ao carregador, deixou que ele fosse devolver a cadeira de rodas, e depois fechou o porta-malas e abriu a porta do passageiro da frente. — Entre. Podemos continuar essa conversa depois.

Como ela poderia esperar, ele dirigia com habilidade. Meia hora depois de deixarem o aeroporto, eles seguiam pelas ruas arborizadas de Vouliagmeni, um belo bairro de Atenas, com vista para o golfo e a península, os quais Pavlos descrevera tão brilhantemente. Logo depois, ao final de uma rua paralela à praia, Niko manobrou o carro passando por portões de ferro, que se abriram com um controle remoto.

Emily já sabia que Pavlos era um homem consideravelmente rico, mas não estava preparada para a opulência assustadora que a confrontou, quando a Mercedes seguiu pelo caminho curvo e ela avistou aquela... O quê? Uma casa? Mansão?

Localizada numa linda paisagem cercada de pinheiros, o local desafiava a descrição mundana. Paredes de um branco cegante se erguiam às telhas num tom de azul, como ela imaginava ser o céu de Atenas, embora nessa tarde de setembro o céu estivesse cinzento e ameaçador pela tempestade que se aproximava. Janelas imensas abriam para varandas sombreadas por pérgulas forradas de vinhas floridas. Na frente havia uma fonte volumosa, e pavões passeavam pela propriedade enquanto um cão latia.

Ela teve pouco tempo para se maravilhar, pois assim que o carro parou, as portas duplas da frente se abriram e um homem de cinquenta e poucos anos, talvez sessenta, surgiu com uma cadeira de rodas.

Georgios, o mordomo dedicado, presumiu ela. Pavlos falara sobre ele com grande carinho. Logo atrás veio um jovem, na verdade um menino, que começou a descarregar a bagagem, enquanto Niko e o mordomo tiravam Pavlos do carro e o colocavam na cadeira. Até terminarem, ele estava pálido e seus lábios pareciam mais contorcidos que o habitual.

Até Niko pareceu preocupado.

— O que pode fazer por ele? — sussurrou ele para Emily, enquanto Georgios levava o padrão por um corredor largo de mármore.

— Dar-lhe algo para dor e deixá-lo descansar — disse ela. — A jornada foi muito dura para ele.

— Nem me parece que ele estaria em condições de viajar, para começar.

— E não estava. Por causa da idade e da seriedade de sua osteoporose, ele realmente deveria ter permanecido mais uma semana no hospital, mas insistiu em voltar para casa, e quando seu pai decide, nada o faz mudar de idéia.

— Diga algo que ainda não sei. — Niko fez uma cara feia, enquanto tirava a jaqueta. — Devo chamar seu médico?

— Pela manhã, sim. Ele irá precisar de mais medicamentos do que eu trouxe. Mas eu tenho o bastante para esta noite. — Esforçando-se para manter a postura profissional, apesar do calor que emanava com a proximidade do corpo de Niko, ela passou por ele e pegou sua mala na pilha de bagagem acumulada do lado de dentro da porta. — Se puder me mostrar seu quarto, eu realmente preciso cuidar dele agora.

Ele a conduziu até a parte de trás da casa, a um apartamento ensolarado, no andar principal. Composto por uma sala de estar, o quarto com varanda tinha vista para o jardim e o mar. Ainda em sua cadeira de rodas, junto à janela, Pavlos se inclinou à frente, absorvido pela vista que pareceu deixá-lo petrificado.

— Ele mandou converter esta parte da casa em sua suíte particular, alguns anos atrás, quando a escada passou a ser demais para ele — disse Niko, baixinho.

Olhando ao redor do quarto, Emily perguntou:

— E a cama hospitalar?

— Mandei vir ontem. Ele provavelmente vai me infernizar por ter tirado a outra, com a qual estava acostumado, mas essa pareceu mais prática, ao menos por hora.

— Fez a coisa certa. Ele ficará mais confortável assim, mesmo não passando muito tempo nela, exceto à noite.

— Por que não?

— Quanto mais ele se movimentar, maiores serão as chances de voltar a andar, embora...

Percebendo o tom reservado na voz dela, Niko interrompeu.

— Embora o quê? Você disse que esperava que ele tivesse uma recuperação razoável. Agora está mudando de ideia?

— Não, mas... — Novamente, ela hesitou, com certa restrição, no entanto, sabendo que o filho tinha direito de ter informações se o fato de não dizer pudesse interferir no futuro bem-estar de Pavlos. — Quanto sabe a respeito da saúde de seu pai?

— Somente o que ele me diz, o que não é muito.

Ela deveria saber que ele diria isso. Não há necessidade de contatar meu filho, Pavlos dissera, quando o hospital insistiu em entrar em contato com o parente mais próximo. Ele cuida da vida dele e eu cuido da minha.

Niko fixou aquele olhar verde enervante sobre ela.

— O que está deixando de me dizer, Emily? Ele está morrendo?

— Não estamos todos, de alguma forma?

— Não me venha de joguinhos. Eu fiz uma pergunta direta. Gostaria de uma resposta direta.

— Está certo. A idade está contra ele. Embora jamais admita, ele está muito frágil. Não é necessário muito para que ele tenha uma recaída.

— Isso eu mesmo posso ver, então, o que mais está ocultando?

Pavlos a poupou da necessidade de responder.

— Que diabos vocês dois estão sussurrando? — perguntou ele, irritado.

Lançando um olhar de desculpas para Niko, ela disse.

— Seu filho estava explicando que o senhor talvez não gostasse da cama. Ele receia que o senhor ache que ele está se intrometendo.

— E está. Eu quebrei a bacia, não a cabeça. Eu decido o que preciso, ou não.

— Não enquanto eu estiver encarregada.

— Não me dê ordens, garota. Não vou aturar isso.

— Vai, sim — disse ela, no mesmo tom. — Por isso me contratou.

— Posso despedi-la com a mesma facilidade e você estará num voo de volta para Vancouver amanhã mesmo.

Reconhecendo a ameaça vazia, ela deu um sorriso. Era o efeito da exaustão e pela manhã ele estaria com um humor melhor.

— Sim, sr. Leonidas — respondeu ela, virando a cadeira de rodas para o quarto. — Até lá, deixe-me fazer meu trabalho.

Ela percebeu que Niko aproveitou a primeira oportunidade para deixar o local e teve vontade de esbofetear a si mesma diante da decepção que sentiu, apesar de se esforçar para controlá-la. No entanto, o fiel Georgios permaneceu ali, ansioso para ajudar no que pudesse. Mas quando Pavlos fez uma refeição leve e se acomodou confortavelmente, já era noite.

Damaris, a empregada, mostrou o andar superior à Emily, levando-a até sua suíte. Decorada em tons leves de azul e marfim, o quarto a fez lembrar de sua casa, embora a mobília estivesse bem longe do que ela podia pagar. O chão de mármore, o tapete Savonnerie e as antiguidades indicavam riqueza, bom gosto e conforto.

Uma escrivadinha feminina ocupava o espaço entre as portas duplas que se abriam para uma varanda. Diante da lareira ladrilhada em azul havia um sofá com estofamento de seda e cores vibrantes desbotadas pelo tempo. Um abajur de luz âmbar iluminava o quarto e um vaso de lírios perfumava o ambiente. Porém, o mais convidativo era a cama de quatro mastros, com belos lençóis. Quase dez mil quilômetros e mais de 16 horas de voo, com os inevitáveis atrasos, além do estado de seu paciente, haviam minado sua energia, e ela só queria deitar sobre aqueles travesseiros brancos, puxar a colcha macia e dormir até de manhã.

Uma rápida olhada mostrou que sua bagagem havia sido desfeita, seus objetos de toalete estavam no banheiro e seu robe e a camisola, sobre um banco diante da penteadeira. Mas para seu desânimo, havia uma troca de roupas íntimas e um vestido de algodão recém-passado pendurado na sala de estar que ligava o banheiro e o quarto. E se isso não fosse indicação suficiente de que a noite não terminaria cedo como ela desejava, o comentário de Damaris não deixou dúvida.

— Preparei um banho, Despinis Tyler. O jantar será servido no jardim de inverno, às nove.

O protocolo diário da residência Leonidas era tão elegante e formal quando a casa em si, e o sanduíche que ela pensara em pedir no quarto, claramente não estava no cardápio.

O andar principal estava deserto quando ela desceu, alguns minutos depois das nove, mas o leve som de música e a iluminação que saía de uma porta entreaberta no corredor indicavam que ela poderia encontrar o jardim de inverno.

O que ela não esperava era descobrir que não jantaria sozinha.

Uma mesa de tampo de vidro estava graciosamente arrumada para dois. Havia uma garrafa de champanhe dentro de um balde de prata e taças que reluziam sob dúzias, ou centenas, de luzinhas que pendiam em toda a extensão da área.

E o toque final? Niko Leonidas, desgraçadamente lindo, de calça cinza e camisa da mesma cor, peças que teriam custado seis meses do aluguel da casa dela.

Emily ficou totalmente perdida, e assim deixou transparecer. Ela imaginou que deveria ficar grata porque seu companheiro de jantar não estava de smoking.

— Eu não sabia que você me acompanharia no jantar — disse ela, diante da confusão que sentiu por dentro, ao vê-lo.

Ele tirou uma garrafa aberta de champanhe do balde, encheu as taças de cristal e deu uma para ela.

— Eu não sabia que precisava de um convite para sentar à mesa de meu pai.

— Não estou insinuando que precise. Você tem todo direito...

— Que gentil de sua parte dizer isso.

Ela concluiu que ele se aperfeiçoara na arte de murchar gentilezas, enquanto tentava manter seus sentidos sob controle. O sorriso que acompanhou a resposta teve um tom de deboche e a fez se sentir ridícula, como ela sem dúvida soou.

— Não tive a intenção de ser rude, sr. Leonidas — disse ela, com a frustração aumentando. — Estou surpresa, apenas isso. Imaginei que tivesse ido embora. Entendo que tenha sua própria casa, no centro de Atenas.

— Eu tenho, e nós, gregos, não somos cheios de cerimônias. Pode me chamar de Niko. É como todos me chamam.

Ela não se importava com o que todos faziam. Ver-se sozinha com ele a deixava quase incapaz de falar, e chamá-lo de Niko só pioraria.

— Perdeu a fala, Emily? — perguntou ele, com um riso diabólico reluzindo em seus lindos olhos verdes. — Ou é a possibilidade de compartilhar uma refeição comigo que a deixou tão perturbada?

— Não estou perturbada — disse ela, com o máximo de dignidade que pôde. — Apenas curiosa por sua opção de permanecer aqui em vez de ir para sua casa. Pelo que sei, você e Pavlos não costumam passar muito tempo juntos.

— Contudo, eu sou seu filho e, pelo que sei, não estou invadindo ao passar uma noite sob seu teto. Na verdade, devido pelas atuais circunstâncias, eu acho que é meu dever estar mais disponível. Tem algum problema quanto a isso?

Quase a ponto de admitir que ela o via como uma distração com a qual não sabia se poderia lidar, disse:

— Absolutamente, contanto que não interfira em meus motivos para estar aqui.

— E quais são, exatamente, os seus motivos?

Ela o encarou. Seus olhos já não reluziam, estavam frios como vidro verde.

— Que tipo de pergunta é essa? Sabe por que estou aqui.

— Eu sei que meu pai se tornou extremamente dependente de você. Também sei que ele é um homem muito vulnerável que, por acaso, também é bastante rico.

Ela puxou o ar pela boca, indignada pelas implicações das palavras.

— Está insinuando que eu estou atrás do dinheiro dele?

— Está?

— Certamente, não — estrilou ela. — Mas é por isso que ficou por aqui, não é? Não por estar preocupado com seu pai, mas para ficar de olho em mim e se assegurar de que eu não me apodere da conta bancária.

— Nem tanto. Estou ficando por aqui, como você delicadamente disse, para cuidar de meu pai, porque atualmente ele não tem condições de se cuidar. Se acha minha preocupação ofensiva...

— Eu acho!

— Então, é uma pena — respondeu ele, com total isenção de remorso. — Mas tente ver pelo meu lado. Meu pai chega em casa com uma mulher muito bonita, que por acaso é uma estranha absoluta, a quem ele parece confiar a própria vida. Não apenas isso, ela vem do outro lado do mundo e se candidatou a assisti-lo no que parece ser uma longa convalescença, embora não falem enfermeiras aqui em Atenas, muito bem qualificadas para assumir a tarefa. Então, diga-me: se nossa situação fosse inversa, não ficaria um pouco desconfiada?

— Não — respondeu ela, inflamada. — Antes de tirar conclusões precipitadas, ou lançar calúnias em sua integridade profissional, eu pediria referências da estranha, e se não me satisfizessem, entraria em contato com seus empregadores anteriores.

— Bem, não precisa espumar pela boca, doçura. Seu ponto de vista já foi entendido e, sendo assim, estou pronto a descartar minhas suspeitas e propor que façamos uma trégua para desfrutarmos desse ótimo champanhe que peguei na adega de meu pai. Seria uma pena desperdiçá-lo.

Ela bateu a taça na mesa com tanta força que o líquido respingou por cima da borda.

— Se acha que vou compartilhar um drinque com você, ou ainda uma refeição, enganou-se! Prefiro morrer de fome.

Ela deu meia-volta para sair o mais rápido possível, mas não deu mais de três passos em direção à porta antes que ele a alcançasse e batesse a porta com a mão espalmada.

— Eu lamento muito que, ao cuidar dos interesses de meu pai, eu a tenha ofendido — disse ele, baixinho. — Confie em mim, não tenho prazer algum em fazê-lo.

— É mesmo? — Ela o olhou, fulminante. — Posso ter me enganado. Não estou acostumada a ser tratada como uma criminosa.

Ele sacudiu os ombros.

— Se a insultei, eu peço desculpas, mas prefiro errar pelo lado cauteloso.

— O que quer dizer, exatamente?

— Que meu pai já foi abordado por gente que só quis tirar vantagem dele.

— Ele poderia não ficar tão suscetível a estranhos caso se sentisse mais seguro no relacionamento com você.

— Provavelmente não, mas nosso relacionamento nunca foi algo típico de pai e filho.

— Já pude compreender isso, mas imagino que tenha chegado a hora para que vocês sepultem as diferenças e parem de se desentender. Ele precisa saber que você se importa.

— Eu não estaria aqui, agora, se não me importasse.

— Mas dizer isso a ele o mataria?

Ele deu uma bufada, contendo o riso.

— Não, mas o choque que ele teria ao me ouvir falar o mataria.

O que poderia haver entre eles para se manterem a tanta distância, pensou ela.

— Será que vocês fazem ideia da dor de esperar até ser tarde demais para dizer "eu te amo"? Porque eu sei. Eu já testemunhei a mágoa e o arrependimento que dilaceram famílias porque o tempo se esgotou antes que pudessem dizer as coisas que precisavam ser ditas.

Ele andou até as janelas do outro lado da sala, com vasos floridos, mesmo no inverno.

— Nós não somos outras pessoas — disse ele.

— Também não são imortais. — Ela hesitou, novamente conflitante do quanto dizer, depois decidiu arriscar dizer o que sabia, pois não tinha certeza se poderia viver consigo mesma caso não dissesse. — Olhe, Niko, ele provavelmente vai querer a minha cabeça por lhe dizer isso, mas seu pai não está apenas lutando contra uma fratura na bacia. Seu coração também não está em bom estado.

— Não estou surpreso. Isso é decorrente de anos de fumo e vida intensa, mas nada do que seu médico dissesse era suficiente para fazê-lo mudar de ideia. Ele é um homem muito teimoso.

Até aí ela sabia que era verdade. Pavlos se dispensara do hospital de Vancouver contra as recomendações médicas, e insistira em pegar um voo de volta para a Grécia, mesmo em seu estado debilitado, pois se recusava a aturar o monitoramento constante da equipe de enfermagem. Eles não deixam um homem respirar, ele reclamara, quando Emily tentou convencê-lo a adiar a viagem. *Eu vou embora morto, se eles me mantiverem aqui por mais tempo.*

— Bem, a maçã não cai longe do pé, Niko. No que diz respeito a essa família, vocês dois são cabeça-dura.

Ele se virou de volta e a olhou, do outro lado da sala. Mais um olhar demorado que a fez estremecer. Ele via coisas bem abaixo da superfície, coisas que ela não estava pronta a admitir para si mesma.

— Talvez, antes que você tire conclusões precipitadas — disse ele, seguindo na direção dela com a graça de um caçador se preparando para atacar —, deveria ouvir o meu lado da história.

— Você não é meu paciente, seu pai é — disse ela, recuando e quase com falta de ar, sob o olhar intenso.

— Mas a medicina moderna não tem tudo a ver com a abordagem holística — curar o espírito de modo a ter um corpo saudável etc.? E não é exatamente isso que você está defendendo, desde que entrou nessa sala?

— Imagino que sim.

— Como pretende fazer isso se só possui metade da equação? Mais diretamente, o que tem a perder em me deixar contar o que não sabe?

Minha alma e tudo que sou, pensou ela, tomada por um pressentimento de que se não se livrasse dessa teia de atração que ameaçava engoli-la, o destino, na forma de Nikolaos Leonidas, assumiria o controle de sua vida, e jamais o devolveria. No entanto, fugir como um coelhinho assustado não era de sua natureza e ela se manteve firme, afastando o pressentimento irracional, e disse, calmamente.

— Absolutamente nada.

— É mesmo? — Ele se inclinou na direção dela, baixou o tom de voz e a segurou pela cintura. — Então, por que está com tanto medo?

Ela engoliu e passou a língua sobre os lábios secos.

— Não estou — disse ela.

CAPÍTULO DOIS

Ela estava mentindo. E isso estava evidente em seu olhar assombrado, na pulsação acelerada, facilmente detectada quando ele a pegou pelo punho. E ele pretendia descobrir o motivo, porque, até onde imaginava, ele permaneceria impassível quando foi buscá-los, na chegada do voo, mas a visão do idoso frágil o atingiu com a força de uma martelada no coração. Eles haviam passado pouco tempo juntos, e há muito já haviam concordado que nada tinham em comum. Mas Pavlos ainda era seu pai e Niko não deixaria que uma estrangeira lhe desse um golpe.

Ah, sim, ela ficara indignada diante de sua insinuação, bancando o anjo misericordioso que demonstrava ser Ele não esperava que agisse de outro modo. Mas ele também vira o quanto ela se tomara indispensável para Pavlos, a forma bem-sucedida como se infiltrara na afeição dele. Seu pai jamais fora um homem de demonstrações, ao menos, não que Niko lembrasse. E a forma como ele segurava a mão de Emily no aeroporto dizia muito.

Se a sua avaliação sobre ela estivesse correta, redirecionar sua atenção seria algo bem simples. Afinal, um milionário em plena forma certamente seria preferível a um velho. E se ele estivesse errado... Bem, um flerte inofensivo não magoaria ninguém. É claro que quando o pai percebesse seu intuito, não iria gostar, mas quando é que ele gostou de algo que Niko fizesse?

— Você subitamente ficou tão quieto — disse ela, interrompendo os pensamentos dele.

Ele olhou no fundo de seus olhos azuis escuros.

— É porque estou começando a achar que a julguei precipitadamente — respondeu ele, esforçando-se para parecer arrependido. — Mas se um de nós tiver de sair, saio eu.

Ignorando o suspiro de protesto dela, ele a soltou e abriu a porta para sair da sala e se viu cara a cara com Damaris. Ele não poderia ter orquestrado uma saída melhor. A hora certa, como ele bem sabia em seu tipo de trabalho, era tudo.

— Kali oreksi, Emily — disse ele, recuando para dar passagem a Damaris, que carregava uma bandeja repleta de azeitonas, lulas, tzatziki e pão árabe. — Bom jantar.

Ele estava na soleira da porta quando ela disse.

— Ora, não seja tão ridículo!

Contendo um sorriso, ele se virou de volta.

— Algum problema?

— Se ter comida suficiente para alimentar um batalhão é um problema, sim.

Ele sacudiu os ombros.

— O que posso dizer? Os gregos adoram comer.

— Bem, eu não tenho como fazer jus a isso tudo e, como não tenho intenção de ofender a empregada de seu pai, depois de ter tido tanto trabalho...

— Sim, Emily?

Ela fez uma careta, como se suas próximas palavras lhe dessem indigestão.

— Você deveria ficar e me ajudar a comer.

Ele coçou o maxilar enquanto avaliava suas opções.

— Seria uma pena deixar tudo estragar — ele acabou concordando —, principalmente sendo essa apenas a entrada, antes de vários outros pratos.

Por um instante, ele achou que poderia ter passado dos limites. Lançando um olhar que quase o fulminou, ela esperou até que Damaris limpasse a bebida respingada, depois se sentou à mesa e disse:

— Tente não tripudiar, Niko, não é nada atraente.

Ele não estava acostumado a críticas femininas. As mulheres com quem se relacionava estavam sempre ansiosas para agradar e engoliriam a própria língua antes de falar algo assim. O fato de que ela não tinha qualquer hesitação o atraía muito mais do que ela podia imaginar. Ele dedicara a vida às improbabilidades e tinha grande prazer em derrotá-las.

Pegando a garrafa de vinho ao passar, Niko sentou com ela e encheu as taças. Nada como uma luz ambiente e um bom champanhe para preparar o clima da sedução. Erguendo a taça, disse:

— Um brinde para que recomeçemos a nos conhecer.

Ela respondeu com uma ligeira inclinação do ombro, deu um gole e pegou um pouquinho de tzatziki e pão.

— Coma mais — disse ele, empurrando a bandeja de mezedes para mais perto.

Ela escolheu uma azeitona, mas ignorou o champanhe.

— Você não gosta de comida grega?

— Não conheço muito bem.

— Não há bons restaurantes gregos em Vancouver?

— Centenas, segundo me dizem, e são todos muito bons. Eu é que não saio muito para comer fora.

— E por quê? Por favor, não venha me dizer que é falta de oportunidade. Deve haver uma fila de pretendentes esperando em sua porta.

— Receio que não. O trabalho em turnos tende a complicar a vida social de uma enfermeira.

— Certo. E você é uma profissional tão dedicada que nunca tira uma noite de folga!

Ele sacudiu a cabeça, fingindo se impressionar

— O que há de errado como os canadenses para desanimarem com tanta facilidade? São todos castrados?

Ela quase engasgou com a azeitona.

— Não, que eu saiba — disse ela. — Mas também não me dei ao trabalho de perguntar.

— E quanto aos seus colegas? Pelo que sei, os hospitais são um território fértil para romances entre enfermeiras e médicos.

— A ideia de que todas as enfermeiras acabam se casando com médicos é um mito — disse ela, enérgica. — Para começar, atualmente, metade dos médicos são mulheres e, se não fossem, encontrar um marido não está especificamente em minha lista de prioridades.

— Por que não? Não é verdade que a maioria das mulheres quer casar e ter filhos? Ou você está me dizendo que é uma exceção?

— Não. — Ela comeu um pedacinho de pão, — Eu adoraria me casar e ter filhos, algum dia, mas só se aparecer o homem certo. Não estou disposta a aceitar qualquer um.

— Defina o homem certo — disse ele, meio bruscamente.

Ela baixou o pedaço de pão e o encarou.

— Perdão?

— Quais são os requisitos para julgar seu possível marido?

Ela esticou a mão para pegar o copo e deu um gole, enquanto pensava na pergunta.

— Ele tem de ser decente e honrável — ela finalmente afirmou.

— Alto, moreno e bonito, também?

— Não, necessariamente. — Ela voltou a sacudir levemente o ombro, fazendo com que seu vestido se movimentasse ligeiramente sobre os lindos seios.

Ele gostaria de não achar aquilo tão fascinante.

— Então, bem-sucedido e rico?

— Bem empregado, certamente. Se tivermos filhos, eu gostaria de ser uma mãe dona de casa.

— Se tivesse de escolher apenas uma qualidade nesse homem ideal, qual seria?

— A capacidade de amar — disse ela, sonhadora, como os olhos azuis ternos, a boca ligeiramente curvada num sorriso. Lá fora, o vento balançava as palmeiras com uma força incomum para setembro. — Eu gostaria de amor, mais que qualquer coisa, porque um casamento sem amor não é casamento.

Irritado por ver seus pensamentos desviando de curso, ele disse, secamente:

— Eu discordo. Eu jamais deixaria que meu coração superasse minha cabeça.

— Por que não? Você não acredita no amor?

— Eu posso ter acreditado, um dia, muitos anos atrás, mas ela morreu com um coágulo no cérebro. Eu tinha três meses de idade.

— Você quer dizer, sua mãe? — Ela levou a mão espalmada até a bochecha. Seus olhos brilharam. — Oh, Niko, que triste. Lamento muito.

Ele não queria sua compaixão, ou pena, e refutou ambas com uma eficiência brutal.

— Não lamente. Ela não chegou a ficar por perto tempo suficiente para que eu sentisse sua falta.

A forma como ela se retraiu diante da resposta o fez se sentir envergonhado.

— Ela lhe a vida — disse ela.

— E perdeu a dela, algo pelo que venho pagando, desde então.

— Por quê? A morte dela não foi culpa sua.

— Segundo meu pai, foi. — O copo dela ainda estava quase intocado, mas o dele estava vazio. Precisando de algo que amortecesse a dor que raramente deixava aflorar, ele rapidamente voltou a encher seu copo, deixando a espuma chegar até a borda. — Ela tinha 41 anos e, com essa idade, dar à luz a um bebê pesando mais de cinco quilos a levou para o túmulo.

— Muitas mulheres esperam até mais de quarenta anos para terem filhos.

— Nem todas morrem por isso.

— Verdade. Mas isso ainda não é motivo para que você pense que Pavlos o acha responsável pela tragédia dela. Afinal, ela deu a ele um filho, e esse não é um legado pequeno para homem algum.

— Você pode ser uma excelente enfermeira, Emily Tyler, mas não é nenhuma médica para quem tem falta de parafusos.

Intrigada, ela disse:

— O que quer dizer?

— Que nada do que você diga muda o fato de que meu pai não ligaria caso nunca tivesse um filho. Tudo que ele sempre quis foi minha mãe e, para ele, eu a tirei dele.

— Então, ele não deveria tê-la engravidado, ou você também leva a culpa por isso?

Depois de 21 anos de casamento, sem qualquer sinal de um bebê, ele provavelmente não achava que prevenção fosse algo necessário.

— Beba seu vinho. Não gosto de beber sozinho, esse é um péssimo hábito de se adquirir.

Ela deu outro gole cauteloso.

— Eu ainda não consigo acreditar que, após ter passado a mágoa, o fato de ter você não tenha dado algum conforto a Pavlos.

— Então, você obviamente não sabe muito sobre famílias com disfunções. Meu pai e eu jamais gostamos um do outro. Ele sempre se ressentiu comigo, não apenas porque lhe custei o seu verdadeiro amor, mas porque nunca me impressionei com sua riqueza, ou seu status social.

— Eu acharia isso louvável.

— Não deixe que a pena mal empregada por um bebê órfão de mãe a engane, minha querida — disse Niko, de esguelha. — Eu sempre me rebele, desde criança, tive grande prazer em constrangê-lo ao me envolver em confusão na adolescência, e me recusei terminantemente a ser comprado por seus milhões quando finalmente cresci. Não fui um "bom menino", e não sou um "bom homem".

— Até aí, eu acredito — ela disparou, lançando um olhar igualmente debochado. — A única parte que questiono é o fato de você ter crescido. Você me parece mais um caso que adiou a adolescência.

Isso não estava se desenrolando como ele pretendia. A essa altura, ela deveria estar toda submissa, pronta para cair em seus braços, ou até em sua cama, não vencendo em seu próprio jogo. E seu copo estava novamente vazio. Droga!

— Depois de passar pelo que eu passei — respondeu ele, áspero —, sintase à vontade para criticar. Até então...

— Mas eu passei — ela interrompeu. — Quero dizer, pelo que você passou. Exceto que comigo foi mais difícil. Porque, veja só, eu perdi minha mãe e meu pai num acidente automobilístico quando tinha nove anos de idade e, ao contrário de você, lembro deles muito bem para sentir profundamente a falta que fazem. Lembro de como era ser amada incondicionalmente, depois ter aquele amor arrancado, num piscar de olhos. Eu lembro do som de suas vozes e do riso, do aroma do perfume de minha mãe e dos charutos cubanos de meu pai. E sei muito bem como é ser tolerada por parentes que não faziam segredo quanto ao fato de estarem empacados com uma criança que jamais desejaram.

Mais fervorosa do que Niko jamais a vira, ela parou e puxou o ar, irada, antes de prosseguir.

— Eu também aprendi como é ter de trabalhar por cada centavo e a pensar duas vezes antes de desperdiçar um dólar. — Ela olhou a camisa dele, com desprezo. — Você, por outro lado, não saberia o significado da privação, mesmo que ela o mordesse no rosto e, nem por um minuto, eu acredito que seu pai jamais o quis. Portanto, eu diria que sou a ganhadora incontestável dessa festa de piedade.

Ele deixou o silêncio pairar por um segundo antes de voltar a falar.

— Não é sempre que alguém fala de minhas fraquezas de forma tão sucinta — disse ele —, mas você o fez de maneira admirável. Há mais alguma coisa que queira me dizer antes que eu pegue o volante e suma na noite?

— Sim — disse ela. — Coma alguma coisa. Você bebeu demais e não está em condições de dirigir. Na verdade, deveria passar a noite aqui.

— Ora, Emily, isso é um convite?

— Não — disse ela, incisiva. — É uma ordem, e se for tolo o bastante para optar pelo contrário, eu vou chutá-lo no lugar onde dói mais.

Ela provavelmente não pesava mais que cinquenta quilos, contra seus 85, mas o que lhe faltava em tamanho sobrava no gênio. Mas a ideia de ter de se defender dela o deixou tão excitado que ele passou a questionar a eficácia de seu plano de ataque. Era ela quem deveria estar à mercê dele, não o contrário, porém, até agora, ela continuava totalmente indiferente ao seu charme. Ele, por outro lado, não podia ignorar o dela.

Damaris voltou para servir peito de frango recheado com espinafre e ziti, o que foi uma distração bem-vinda, permitindo que ele lutasse com seus hormônios e redirecionasse sua energia a direções mais produtivas.

— Por que permitiu que meu pai a coagisse a deixá-lo viajar sendo que, claramente, não está apto a isso? — perguntou ele, casualmente, quando voltaram a ficar sozinhos.

— Fiz o possível para dissuadi-lo — disse Emily. — Todos fizemos. Mas a única coisa em que ele pensava era voltar para casa, na Grécia, e nada que ninguém dissesse o convencia a esperar. Acho que foi por estar com medo.

— De morrer?

— Não. Mas de não morrer na Grécia.

Nisso, Niko podia acreditar Pavlos sempre fora freneticamente patriota.

— Então, você se ofereceu para trazê-lo de volta, em segurança?

— Foi ele quem me escolheu. Nós passamos a nos conhecer bem durante sua estadia no hospital.

Uma hora antes, ele teria classificado essa informação como outro sinal dos motivos dela. Agora, ele não estava tão certo. A Emily mulher estava provando ser muito mais intrigante que a Emily atrás do golpe do baú.

Para ganhar tempo e reorganizar suas prioridades, ele mudou de assunto.

— O que aconteceu com você depois que seus pais morreram?

— Fui mandada para a casa da irmã de meu pai. Ele tinha 36 anos e tia Alicia era 11 anos mais velha. Ela e tio Warren não possuíam filhos, mas eram os únicos familiares que eu tinha, então, eles meio que ficaram empacados comigo. Não foi um acordo feliz para nenhum dos lados.

— Eles a maltratavam?

— Não da forma a qual você provavelmente se refere, mas nunca me deixaram esquecer que haviam feito "a coisa certa" ao me aceitarem e, eu acho que teriam encontrado um motivo para recusar se isso não fosse repercutir mal para eles. É claro que o seguro que eu garantia adoeceu o acordo, custeando as despesas para colocar um teto sobre minha cabeça e me alimentar e vestir durante os nove anos seguintes.

— E depois, o que aconteceu?

— No verão em que me formei do segundo médio, eu me inscrevi para estudar enfermagem, fui aceita e me mudei para o alojamento da universidade, no final de agosto. Nunca mais voltei para casa.

— Mas ao menos havia o suficiente para que o seguro cobrisse as despesas de sua formação.

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu me virei com bolsas de estudo e empréstimos estudantis.

Movido por uma onda de indignação que nem percebeu chegar, ele a encarou. Independentemente dos outros pecados de seu pai, ele jamais mexeu na herança que a mãe lhe deixou.

— Está me dizendo que eles gastaram o dinheiro quando deveriam ter sido usado na sua educação?

— Não, eles foram totalmente honestos. — Ela ia dizer mais alguma coisa, mas pareceu achar melhor não, e disse: — É que não tinha muita coisa, mesmo, só isso.

Algo a respeito dessa resposta parecia errado e, embora o assunto pedisse mais investigação, por hora ele resolveu deixar de lado e perguntou:

— Você mantém contato com seus tios?

— Um cartão de natal dá conta.

— Então, eles não têm ideia de que você está aqui, agora?

— Ninguém sabe — disse ela. — Meu acordo com Pavlos foi estritamente entre nós dois. Se meu patrão souber o que fiz, eu provavelmente seria despedida.

O que não faria a menor diferença, se a primeira impressão de Niko estivesse correta e ela estivesse de olho numa recompensa maior. O que ela ganhava em um ano, como enfermeira, seriam meros trocados caso se casasse com seu pai.

Imaginando se ela sabia o quanto essa revelação era danosa, ele disse:

— Então, por que correr o risco?

— Porque seu pai estava sozinho, num país estranho, sem amigos ou familiares que cuidassem dele, quando foi liberado.

— Ele tinha um filho. Se você pensasse em entrar em contato comigo, eu poderia chegar lá em 24 horas.

— Talvez — disse ela, baixinho —, mas ele não queria incomodá-lo.

— Então, ele incomodou uma estranha, mesmo que isso acabasse lhe custando o emprego. Diga-me, Emily, como você pretende explicar sua ausência ao hospital?

— Não vou precisar fazê-lo. Tirei uma licença de três meses para coincidir com a alta de seu pai.

— Mas que gesto nobre de sua parte, abrir mão de suas férias para cuidar do meu pai.

Bem, por que não? Eu não tinha nada planejado. Exceto separar uma hora diária para polir sua auréola! Esforçando-se para esconder a desconfiança, Niko disse:

— Só trabalho, sem diversão, não parece muito justo. Veremos o que podemos fazer para mudar isso.

Uma súbita rajada de vento balançou as portas duplas, fazendo-a saltar.

— Só o fato de estar aqui já é uma mudança. Se o tempo melhorar, tenho certeza de que Pavlos não irá se opor em me dar um dia de folga para ver os pontos turísticos.

— Pode contar com as duas coisas — disse ele, reconhecendo a oportunidade que surgia. — E comigo, para ser seu guia.

— Isso é gentil de sua parte, Niko.

Não, não é, ele poderia ter dito. Porque quaisquer que fossem seus motivos, não tinham nada de puros. E pelo fato de ter falado sério quando mencionou não ser um bom homem.

Eles passaram o restante da refeição conversando trivialidades, interrompidos apenas pelas rajadas de chuva que batiam na janela, mas antes que o café fosse servido ela já não tinha mais nada a dizer e estava visivelmente cansada. Até ele, o bastardo inescrupuloso que se achava ser, sentiu pena dela. O longo voo transatlântico teria sido bem cansativo, mesmo se não tivesse de cuidar de seu pai. Então, quando ela pôs o guardanapo de lado e pediu licença, ele não tentou impedi-la, mas saiu da mesa e a acompanhou até o pé da escada.

— Boa noite — murmurou ela.

— Kali nikhta — respondeu ele. — Durma bem.

Ela talvez estivesse na metade dos degraus quando um relâmpago acendeu a noite. Quase imediatamente, a eletricidade falhou, envolvendo a casa na escuridão.

Ele a ouviu exclamar assustada, ao bater o salto na beira do degrau de mármore.

— Fique ai — ordenou ele, sabendo o quanto aquela escadaria era traiçoeira para os que não a conheciam. Quando ele ainda era menino, uma nova empregada escorregou e quebrou o braço, e isso aconteceu em plena luz do dia. Mas ele crescera ali e podia literalmente encontrar seu caminho até de olhos vendados, e estava ao lado de Emily na hora em que ela pisou em falso.

Na hora em que ele a pegou, outro relâmpago iluminou a noite, tirando a cor do rosto dela, deixando seus cabelos prateados e os olhos grandes como as imensas piscinas submersas.

— O que aconteceu? — sussurrou ela, segurando o corrimão.

Ele instintivamente a puxou para perto, passando um braço ao redor de seus ombros. Eram miúdos, quase infantis sob o toque, mas o restante dela, morna, junto a ele, era de mulher.

— Acabou a luz — disse ele, recorrendo ao óbvio, na tentativa de desviar sua atenção da reação vigorosa que seu corpo tinha ao dela.

Ela abafou uma risada.

— Isso eu notei.

— Acho que um poste deve ter sido atingido.

— Ah — disse ela, ciente do efeito que fazia nele. Uma excitação tão ostensiva, com ele tão próximo, era difícil de esconder. — Isso acontece com frequência?

Será que eles estavam falando a mesma coisa, pensou ele, enquanto sua mente lutava uma batalha perdida com sua região inferior.

— Não, principalmente nessa época do ano.

— Preciso verificar se seu pai está bem.

— Não precisa — disse ele, ouvindo os passos e notando a sombra da luz oscilante sob a chama da vela, lançada sobre a parede, no fundo do corredor. — Georgios já está cuidando disso, Mas se a deixar tranquila, posso acompanhá-la até sua suíte, depois eu mesmo irei vê-lo. Você sabe em que suíte está?

— Só sei que é azul e bege, com lindos móveis antigos, incluindo uma cama de quatro mastros.

Ele assentiu, reconhecendo a descrição, e, mantendo o braço ao redor da cintura dela, a conduziu pelo restante da escada, depois virou à direita e foi sentindo o caminho apalpando a parede, até chegar à porta do quarto. Depois de abri-la, ele a guiou ao lado de dentro.

Os tocos da lareira já haviam queimado, mas a brasa iluminava o quarto com uma luz alaranjada. Havia luz suficiente para que os olhares se fixassem e ela ficasse presa àquela tensão sexual que revolvía entre eles desde o primeiro instante em que se viram.

Ele não tivera intenção de beijá-la nesse estágio tão inicial do jogo, planejara um ataque mais sutil, mas quando ela se virou, dentro do círculo de seus braços, e ergueu o rosto, a coisa mais natural do mundo foi segurá-la com mais força. A coisa mais natural do mundo foi baixar a cabeça e encontrar os lábios dela.

CAPÍTULO TRÊS

Emily já havia sido beijada muitas vezes, mas alguma parte de seu cérebro sempre conseguira classificar a experiência de forma objetiva: babão demais, brando demais, agressivo demais, dentes demais, respiração demais, falta de carinho. Ela concluiu que beijar era um superestimado prelúdio do romance. Mas isso foi até Niko Leonidas entrar em cena e derrubá-la num só golpe.

Exceto que "golpe" não era a palavra certa para descrever seu beijo. O que ele fazia com a boca transcendia o comum e superava o divino. Calmo e firme, no entanto, a inflamou de calor. De alguma forma, o beijo a desnudou de tudo, sua independência, seu foco, até seu senso de sobrevivência.

Com exceção de uma experiência precipitada que ela preferia esquecer, sua escolha fora permanecer celibatária, pois o sexo só pelo sexo não lhe parecia atraente, e ela nunca chegara perto de se apaixonar. Mas ela o deixaria possuí-la, ali, no chão, se ele apenas pedisse. Deixaria que ele levantasse seu vestido e a tocasse como nenhum outro homem fizera. Pelo tempo que seu beijo a mantivesse enfeitiçada, ela o deixaria fazer o que quisesse.

Obviamente, ele não desejava nem uma fração do que ela estava disposta a dar. Porque, ao soltá-la, ele deu um passo atrás e disse:

— Vou ver meu pai e providenciar algumas velas.

Fraca, ela segurou no encosto de uma cadeira e concordou. Não conseguiria falar, nem se sua vida dependesse disso. Embora ele tivesse recuado a uma distância respeitável, ela continuava presa à sua aura. Seu corpo ainda tremia. Seus seios doíam. O calor umedecia o meio de suas coxas.

Quando ele deu as costas, ela teve vontade de gritar que não precisava de velas, só precisava dele. Mas as palavras ficaram presas na garganta. Tonta, ela sentou na cadeira e esperou que ele voltasse.

Um relógio de bronze na parede marcava os minutos que passavam. Aos poucos, seu coração voltou a bater num ritmo quase normal. Que loucura a teria possuído para que ela estivesse pronta a se dar a alguém que conhecia a menos de um dia? Ele só prenunciava problemas.

Não vou deixá-lo entrar quando ele voltar, resolveu ela. Esse homem está fora do meu alcance e eu não preciso da mágoa que um caso com ele irá trazer

Mas quando a discreta batida na porta sinalizou seu regresso, toda lógica sumiu. O calor a percorreu dando lugar a uma expectativa pulsante.

Ao abrir a porta, ela disse:

— Eu estava começando a pensar que você havia me abandonado...! — depois parou, num silêncio mortificante, quando viu Georgios ali, em pé, com um candelabro de prata numa das mãos e uma lanterna na outra.

— Niko me pediu para trazer isso, thespinis — disse ele, educadamente —, e para lhe dizer que Kirie Pavlos está dormindo profundamente.

Contendo seu orgulho, ela deu um passo atrás para deixá-lo entrar no quarto e murmurou:

— Obrigada.

— Parakalo. — Ele colocou o candelabro sobre a cômoda e entregou a lanterna. — Também devo lhe dizer que ele recebeu um telefonema e se foi.

— A esta hora da noite? — ela nem tentou esconder sua descrença.

Ele assentiu.

— Ne, thespinis. Ele recebeu uma ligação urgente e provavelmente ficará fora por vários dias.

Oh, o cretino! O rato covarde! Engolindo a raiva e a humilhação que ameaçavam sufocá-la, ela disse:

— Só pode ter sido alguma emergência para arrastá-lo no meio de uma tempestade como essa.

Georgios parou a caminho da porta e sacudiu os ombros.

— Não sei dizer, ele não disse o motivo.

— Não faz mal. Não é importante. — Ele não era importante. Ela estava ali para cuidar do pai, não do filho.

— Obrigada pelas velas e a lanterna, Georgios. Boa noite.

— Kalispera, thespinis. Durma bem.

Surpreendentemente, ela dormiu mesmo, e acordou no dia seguinte com o céu claro e ensolarado. A tempestade da noite anterior já pertencia ao passado, assim como o beijo.

Pavlos já estava acordado e vestido quando ela desceu. Ele estava sentado na varanda de sua sala de estar, olhando o jardim. Havia uma xícara vazia de café e um telefone na mesinha ao seu lado. E binóculos no colo.

Ao vê-la, ele gesticulou para que ela viesse se juntar a ele.

— Olhe — sussurrou ele, apontando para um par de pássaros bem grandes. Belos, com as cabeças cinzentas, peitos rosados e asas negras, eles ciscavam no chão, à distância. — Sabe o que são?

— Pavões? — ela se arriscou.

Ele bufou, desdenhoso.

— São pombos, garota! Tímidos e escassos, ultimamente, mas sempre vêm ao meu jardim, pois sabem que estão a salvo. E aqueles ali são papa-figos. Você não sabia que eu gostava de pássaros, não é?

— Não — disse ela, notando a centelha nos olhos escuros e a melhora de sua cor. — Mas sei que está com uma aparência bem melhor esta manhã. Deve ter tido uma boa noite.

— Nada como estar de volta ao lar para curar um homem de qualquer coisa. Não que meu filho concorde. Falando nisso, onde acha que ele deve estar? Achei que ele talvez ficasse em casa pelo menos em minha primeira noite de volta.

— Não. Ele foi chamado para algum tipo de emergência.

— Já foi, é? — Ele endireitou os ombros, ergueu o queixo como um guerreiro formidável, sem querer admitir qualquer tipo de fraqueza. — Partiu em outra fuga tola, mas isso não me surpreende. Não esperava que ele ficasse por aqui, mesmo. Ora, que faça bom proveito. Você já tomou café, garota?

— Não — disse ela, com o coração doendo por ele. Ele podia protestar o quanto quisesse, mas além de sua fachada de orgulho, ela via o pai solitário. — Eu quis primeiro ver como o senhor estava.

— Estou com fome. Agora que você está aqui, nós comeremos juntos. — Ele pegou o fone, apertou um botão e falou rapidamente com quem atendeu. Logo depois, Georgios trouxe uma mesa de rodinhas, posta para dois, equipada com tudo para algo que ela mais tarde descobriu ser quase um ritual sagrado para fazer café. Foi tudo preparado com grande cerimônia, com uma cafeteira de bronze chamada briki.

— Nenhum grego que se preze sonharia em começar o dia sem um flitzani de bom kafes — declarou Pavlos.

Possivelmente, não, e ela tinha de admitir que o aroma era celestial, mas era preciso se acostumar à bebida forte. Ela achou a salada de frutas com iogurte, amêndoas, mel e canela bem mais agradável.

Nos dias que se seguiram, ela também descobriu que Pavlos tinha pouca fé nos médicos, achava fisioterapeutas praticamente inúteis e não fazia rodeio em dizer isso na cara deles. Ele parecia uma criança frágil ao fazer os exercícios para fortalecerem seu quadril, mas era doce como um pêssego quando achava que Emily o estava forçando demais.

Durante as tardes, enquanto ele dormia, Emily nadava na piscina, caminhava pela praia ou pelo bairro, gostando particularmente das lojas. Durante as noites, ela jogava pôquer com ele, mas ele roubava.

Numa manhã, ela estava empurrando a cadeira de rodas pelo terraço, depois da sessão de fisioterapia, quando ele perguntou:

— Você sente falta de casa?

Ela olhou as flores desabrochando e os pavões passeando pelo gramado, o céu azul e o mar turquesa. Logo a temporada de chuvas chegaria a Vancouver, arrancando as folhas das árvores. As pessoas passariam apressadas sob um mar de guarda-chuvas, onde, semanas antes, estavam deitadas na praia, aproveitando o restinho do sol.

— Não — disse ela. — Estou feliz por estar aqui.

— Bom. Então, você não tem desculpas para ir embora cedo.

Ela também achava que não, até o começo da segunda semana, quando Niko reapareceu tão subitamente quanto partira.

— Então, é aqui que você está se escondendo — disse ele, aproximando-se enquanto ela lia sentada num sofá de vime. — Eu a procurei por toda parte.

Embora surpresa, ela conseguiu manter a compostura para olhá-lo relativamente tranquila e responder, com uma indiferença louvável.

— Por quê? O que quer?

Sem ser convidado, ele sentou ao lado dela, nas almofadas aquecidas pelo sol.

— Convidá-la para jantar comigo, esta noite.

Mas que audácia!

— Acho que não — disse ela, lançando um olhar que esperava ser de diversão. — Você provavelmente vai embora no último minuto e vai me deixar para pagar a conta.

— Da forma como fiz naquela noite, você quer dizer? — Ele fez uma careta. — Olhe, eu lamento por aquilo, mas...

— Esqueça, Niko. Eu já esqueci.

— Não, não esqueceu. Nem eu, e nem quero. Saia comigo esta noite e eu tentarei me explicar.

— O que o faz pensar que esteja interessada em algo que você tenha a dizer?

— Porque se não estivesse, você não estaria tão zangada comigo. Ora, vamos, Emily — disse ele, chegando mais perto. — Seja justa e ao menos me ouça antes de decidir se sou digno de seu tempo.

— Eu geralmente jogo cartas com Pavlos, à noite.

— Então, jantamos mais tarde. Aliás, como está meu pai? Passei em sua suíte, antes de encontrá-la, mas ele estava dormindo.

— Ele ainda se cansa com facilidade, mas está melhor, desde que começou a fisioterapia.

— Fico contente que ele esteja melhorando. — Ele a olhou por baixo dos cílios insultuosos, passou os dedos no braço dela e deixou um rastro de sensação. — Então, o que diz, doçura? Temos um programa?

Resistir a ele era como tentar segurar neblina nas mãos.

— Se é necessário para que você me deixe ler em paz, imagino que sim. Mas não estarei livre antes das dez, depois que seu pai estiver acomodado para dormir.

Ele se aproximou mais ainda, com toda graça masculina, e deu um beijo perigoso em seu rosto.

— Eu posso esperar — disse ele —, mas não vai ser fácil.

Ele a levou a um restaurante junto ao mar, a aproximadamente 15 minutos de carro da casa. Ela prendera os cabelos num coque e estava com um vestido preto que comprara numa

liquidação numa boutique, apenas alguns dias antes, e calçava sandálias pretas. Simples, porém bonito, seu vestido tinha uma saia godê justa, tomara que caia, complementado por um xale bordado de fios prateados. Seu único acessório era um par de brincos pingentes antigos, de prata, incrustados de cristal.

Ao contrário das tabernas repletas de flores dos bougainvilles que ela vira no bairro, esse lugar dava um novo significado à sofisticação. Toalhas impecáveis, com uma gardênia perfeita em cada mesa, cadeiras de couro confortáveis e uma pequena pista de dança criavam o ambiente elegante e romântico.

Eles foram levados a uma mesa junto à janela, com vista para o ancoradouro de iates. Os mastros altos apontavam para o céu noturno.

Depois que foram servidos os drinques e ele escolhera a refeição — percebendo que não havia preços no cardápio, ela o deixara escolher —, Niko recostou na cadeira e frisou:

— Você está linda essa noite, Emily. Parece mais uma modelo do que uma enfermeira.

— Obrigada. Você também está muito bem.

O que era a afirmação mais subestimada do século, pensou ela. O corte soberbo do terno cinza chumbo só podia ser italiano, sem mencionar o corpo extraordinário que tinha dentro,

Ele inclinou a cabeça e sorriu.

— Gosto dos seus brincos.

— Eram da minha mãe. Ela adorava jóias e belas roupas, — Ela tocou o pingente de cristal, lembrando da mãe, toda arrumada para sair, como se tivesse sido na noite anterior. — Eu ainda tenho todas as suas coisas — seus vestidos de festa, os sapatos, as bolsas bordadas.

— Você as usa?

— Não muito. Não tenho ocasiões para isso.

O olhar dele percorreu o rosto dela, descendo pelo pescoço e ombros, e foi preciso todo o seu autocontrole para não se encolher dentro do xale.

— Mas que desperdício — murmurou ele. — Uma mulher tão linda como você deveria sempre usar belas coisas.

— Minha mãe era bonita, não eu.

— Você acha?

— Eu sei — disse ela, acenando a cabeça em agradecimento ao garçom que trouxe a entrada. Ela descobriu que Mezedes era algo que fazia parte do prato principal. — E meu pai era inacreditavelmente lindo. Eles formavam um casal muito bonito.

— Conte-me sobre eles — disse ele, apoiando o cotovelo no braço da cadeira, com a taça de vinho na mão. — Como eram, além da boa aparência, como eram?

— Eram loucos, um pelo outro. Felizes.

— Sociáveis?

— Suponho que sim — admitiu ela, lembrando das inúmeras vezes em que olhava, extasiada, enquanto a mãe se preparava para uma noite de gala.

— Que mais?

Ela olhava os iates balançando em seus ancoradouros.

— Eles tiravam cada gota de alegria da vida. Dançavam na sala, depois do jantar; iam nadar na baía, à meia-noite; vestiam fantasias fabulosas, no Halloween; decoravam as maiores árvores de natal que pudessem encontrar. Estavam na lista de convidados de todos e todos queriam estar na deles. E morreram cedo demais.

Percebendo a tristeza pelas lembranças, ele fez a pergunta seguinte com compaixão.

— Como aconteceu?

— Estavam voltando para casa, vindo de uma festa, passando por uma estrada infame por suas curvas. Chovia muito e havia pouca visibilidade. Bateram de frente e morreram na hora.

Novamente, as emoções dela vieram à tona e ela se endireitou na cadeira, mudando de assunto.

— Obrigada, mas isso aconteceu há muito tempo e nós estamos aqui para falar de você, não de mim. Então, conte-me, Niko, o que exatamente o afugentou depois daquele beijo impulsivo, na semana passada? E, por favor, não me diga que você estava ocupado com o fusível, pois Georgios me disse que você partiu após receber um telefonema. Esquecera-se de algum encontro marcado ou eu fui inapta demais comparada às outras mulheres que conhece?

— Nenhum dos dois — disse ele. — Tive de ir trabalhar.

— Você trabalha?

— Bem, sim, Emily — disse ele, rindo. — Não é o que faz a maioria dos homens de minha idade?

— Sim, mas você não parece o tipo corporativo.

— Não sou.

— E era o meio da noite.

— Certa, novamente.

— Então?

— Então, tive que me preparar para partir rumo a Atenas, no amanhecer, no dia seguinte.

— Para ir para onde?

— Ao exterior.

— Mas que vago. Em breve me dirá que está envolvido com contrabando.

— As vezes, estou.

Não foi a resposta que ela esperava, nem a que queria ouvir. Cansada de suas evasivas, ela jogou o guardanapo e afastou a cadeira, levantando.

— Se essa é sua ideia de se explicar, para mim chega.

— Está certo — disse ele, pegando a mão dela antes que saísse —, eu fui entregar suprimentos urgentes para um posto médico, na África.

Ela voltou a sentar, e a irritação sumiu ao assimilar a resposta.

— Você está falando dos Médicos Sem Fronteiras?

— Nesse caso específico, sim.

O garçom voltou nesse momento para tirar o restante da entrada e trazer o prato principal. Com uma dúzia de perguntas em mente, ela esperou, impacientemente, enquanto ele servia o risoto de lulas e camarões.

— Como chegou lá? — perguntou ela, quando ficaram sozinhos novamente.

— Voei — disse Niko.

— Bem, eu não achei que teria ido a pé!

Ele curvou a boca num sorriso diante do comentário áspero.

— Eu tenho uma pequena frota de aeronaves. As vezes, é bem conveniente.

— Está me dizendo que você pilotou seu próprio avião?

— Sim.

— Ir a lugares assim pode ser perigoso, Niko.

Ele sacudiu os ombros.

— Talvez, mas alguém tem de fazê-lo.

Ela o encarou, e sua impressão mudava drasticamente.

— Onde aprendeu a voar?

— Depois do serviço militar, eu passei cinco anos como oficial de carreira, na Força Aérea. Foi quando me envolvi nas missões de socorro. É claro que meu pai ficou profundamente contrariado com minha escolha de ser militar em vez de me dobrar para ele e seu império.

— Foi por isso que você o fez?

— Não, inteiramente. Eu adorava a liberdade de voar. E prover ajuda humanitária sempre me pareceu mais valioso do que juntar mais fortuna. Como está sua lula, Emily?

— Deliciosa — disse ela, embora ela quase nem tivesse saboreado. O que estava descobrindo a respeito dele era muito mais interessante. — Um tempo atrás, você disse que é dono de uma frota de aeronaves, o que imagino significar que possui mais de uma.

— Dez no total, e uma equipe de 15 pessoas. Somos uma operação privativa, de plantão 24 horas por dia, sete dias por semana, e vamos a qualquer lugar onde somos necessários, provendo qualquer tipo de ajuda. Mês passado, nós juntamos forças com a Cruz Vermelha, depois de um terremoto no nordeste da Turquia que deixou centenas de desabrigados. No mês anterior, a Oxfam International nos chamou.

— Bem, se você se importa tão pouco com dinheiro, como pode pagar por isso tudo? Pavlos é quem financia?

— Você não deveria ser tola de fazer uma pergunta dessas — debochou ele. — Mesmo que ele tivesse oferecido, eu teria morrido de fome antes de aceitar um euro dele. E, só para constar, eu nunca liguei para dinheiro. É um bem útil. Apenas não ligo.

— Então, eu não entendo.

— Eu herdei uma quantia volumosa de minha mãe e, verdade seja dita, Pavlos a investiu para mim. Aos 21 anos, quando tive acesso, já rendera a ponto de que eu pudesse fazer o que quisesse sem precisar recorrer a patrocinadores. E escolhi usá-la para beneficiar outros que

precisam de ajuda. — Ele olhou para cima e a viu o encarando. Novamente. — Por que você fica olhando tão surpresa?

— Porque na semana passada você me disse que não é um bom homem e eu acreditei. Agora percebo que nada poderia estar mais longe da verdade.

— Não se empolgue, Emily — alertou ele. — Somente porque não sou imune ao sofrimento humano não significa que sou um santo.

— Mas eu começo a achar que você é um homem muito bom.

Irritado, ele empurrou o prato, quase sem tocar na comida.

— O vinho deve ter lhe subido à cabeça. Vamos dançar antes que você diga algo do qual se arrependerá.

Ela teria recusado se ele estivesse em clima de aceitar um não como resposta, e a possibilidade de se ver mais uma vez em seus braços era tentação demais para resistir.

— Tudo bem — disse ela, e o seguiu à pista de dança.

Abrindo caminho entre as outras pessoas que dançavam, ele esperou que ela o alcançasse e estendeu as mãos convidativas.

— Venha, doçura — disse ele, e ela foi.

Quaisquer ressentimentos que ela tivesse guardado já haviam passado, deixando-a totalmente vulnerável a ele. Quem podia condená-la quando apenas um toque, ou aquele olhar, fariam uma mulher esquecer de tudo que aprendera sobre preservação pessoal? O fato de saber que ele era tão decente só o deixou ainda mais irresistível.

CAPÍTULO QUATRO

Era bom abraçar uma mulher cujas curvas não haviam sido devastadas pela desnutrição. Cujos ossos, embora delicados, não eram tão frágeis a ponto de que ele temesse quebrarem sob seu toque. Cujos seios não haviam murchado por amamentar tantas crianças. Que não se encolhia de medo quando um homem a tocava. Que tinha cheiro de flores, não de pobreza.

— Pare — disse ele, inalando a fragrância adocicada de seus cabelos

— Parar o quê?

— De pensar. Posso ouvir seu cérebro fazendo hora extra.

— Bem, não posso evitar pensar...

Ele a puxou para mais perto, o suficiente para que o calor derretesse o bloco de gelo que ele carregava por dentro. Sempre que regressava de uma missão particularmente angustiante, a voz tranquila de uma mulher e seu corpo generoso ajudavam a apagar a miséria desesperadora com a qual ele nunca se acostumava. As vidas desperdiçadas, o terror, a evidência chocante da desumanidade do homem com o homem.

— Não pense, Emily — disse ele, contente por ela ter deixado seu xale na mesa, e adorando a maciez de sua pele marfim, no alto do vestido tomara que caia. — Não faça mais perguntas. Esqueça de tudo e apenas fique comigo, nesse momento.

— Não é fácil, Niko. Você não é quem eu achei que fosse.

Descendo a mão até o fim das costas dela, ele a puxou para mais perto ainda.

— Eu sei — disse ele.

Ele era pior. Muito pior. Nada do herói magnânimo que ela o pintara, mas um homem em missão, bem longe de ser louvável, no que dizia respeito a ela. Enganando-a quanto aos motivos de estar saindo com ela e, ao mesmo tempo, usando-a para abrandar seu tormento pessoal.

Ela se mexeu nos braços dele, erguendo o rosto e pousando a bochecha junto à dele. O roçar sedoso nas partes dele onde não podia ver o deixou inflamado.

— Desculpe por ter tirado conclusões precipitadas quanto a você.

— Você não o fez — murmurou ele, com o fogo revolvendo em sua barriga. — Sou tão ruim quanto você imaginou.

— Não acredito em você.

Eles não estavam mais dançando. Já fazia tempo que não estavam. Enquanto outros casais rodopiavam ao redor, eles permaneciam em pé, no meio da pista, os corpos tão colados que, mesmo se ela não fosse uma enfermeira bem familiarizada com a anatomia masculina, tinha como saber em que estado ele estava.

— O que não consigo entender — continuou ela, tão concentrada em seus pensamentos que nada que ele dissesse ou fizesse poderia desencaminhá-los —, é o fato de você demonstrar tanta compaixão por estranhos e tão pouca por seu pai.

— Eu não a trouxe aqui para falar de meu pai.

Os lábios dela resvalaram nele, um toque que levou sua excitação a um nível desastroso.

— E eu nem estaria aqui se não fosse por ele.

— Obrigado pelo lembrete — disse ele, dançando em direção da mesa, para que sua excitação diminuísse. — Pensando nisso, é melhor que eu a leve para casa, já que terá de trabalhar cedo.

— Na verdade, eu não começo a trabalhar antes das nove. Pavlos prefere que Georgios o ajude a tomar banho e se vestir, e eu o acompanho para o café, depois disso.

Ele pegou o xale e o colocou ao redor dos ombros dela. Quanto menos visse dela, melhor.

— Mesmo assim está ficando tarde.

Ela assentiu.

— E você está cansado.

— Dentre outras coisas — respondeu ele, ambigualmente, acenando para que o garçom trouxesse a conta.

Lá fora, a temperatura ainda estava por volta de vinte graus, quente o bastante para que o BMW permanecesse sem capota.

— Em vez de dirigir de volta até Atenas, depois de me deixar, por que não dorme na casa do seu pai, esta noite? — sugeriu ela, segurando o xale mais fechado enquanto ele seguia pela costa.

— Não — disse ele, surpreso consigo mesmo, pois era exatamente isso que planejava no início da noite. Ele tinha toda a intenção de seduzi-la, de usar sua maciez adorável para apagar as imagens terríveis que trouxera de volta da África e, ao mesmo tempo, provar sua teoria original de que ela se venderia ao que pagasse mais. Afinal, agora ela sabia que ele tinha dinheiro a rodo.

Porém, por mais que a desejasse, ele perdera a vontade de usá-la. E se ela fosse fingida, como ele imaginara, ele já não tinha certeza se queria saber.

Já passava de uma hora da manhã. A casa estava em silêncio. Exceto por Emily, que deveria estar exausta, mas, em vez disso, estava totalmente desperta e tão decepcionada que podia chorar.

Andando até as portas duplas de sua suíte, saiu para a varanda e logo desejou não tê-lo feito. A estátua clássica de mármore no jardim, brilhante sob a luz do luar, era muito semelhante ao perfil de Niko. O sopro fresco do vento sobre sua pele lembrava os lábios dele roçando em sua bochecha ao beijá-la, dando boa-noite.

O que acontecera naquela noite havia sido repleto de encanto, num instante, para acabar no momento seguinte? Eles haviam estado tão próximos, tão sintonizados um ao outro, enquanto dançavam. Ela sabia o quanto ele estava excitado e sentira uma pontada de desejo por ele.

Quando Niko disse que iam embora do restaurante, ela pensou que, depois de tê-la abraçado, ele ao menos fosse terminar a noite com um beijo como aquele da semana anterior. Ela queria que ele o fizesse, na verdade queria desesperadamente. E por que não? Aos olhos dela, ele se redimira completamente e ela estava disposta a alimentar a centelha de atração entre eles, deixando que os levasse ao nível seguinte. Mas em vez de deixá-la ardendo em fogo, como ela pensou, ele a levara direto para casa e a acompanhou até a porta do pai.

— Obrigada por esta noite adorável — disse ela, mal contendo sua decepção.

— O prazer foi meu — respondeu ele —, fico contente que você tenha gostado.

Depois ele deu um beijo apagado em sua bochecha e murmurou:

— Boa noite — e voltou correndo para o carro, como se estivesse com medo que ela insistisse para que ele a levasse para o mato e a possuísse.

Mas que contraditório ele era, conclui Emily, voltando para o quarto. Por outro lado, Niko era todo desconfiado e tinha um charme letal quando isso lhe convinha, e na outra face de sua personalidade era um herói relutante, mais preocupado em não deixá-la dormir tarde em lugar de atender às suas próprias necessidades. Ou isso, ou ele tinha um prazer masoquista em deixar desequilibradas as mulheres com quem saía. E se esse fosse o caso, ela estaria melhor sem ele. Um Leonidas temperamental de cada vez já era o suficiente.

— Passeando na cidade até altas horas da noite com aquele safado do meu filho? — Pavlos perguntou, olhando para ela, do outro lado da mesa do café da manhã, logo que ela chegou. — E se eu precisasse de você?

— Se precisasse, Georgios saberia como me encontrar.

— Essa não é a questão.

— Então, o que quer dizer exatamente, Pavlos? Que estou presa em casa, sem permissão para sair sem seu consentimento?

Ignorando o sarcasmo, ele disse:

— Você está procurando problemas ao se envolver com Niko. Para ele, as mulheres não são nada além de brinquedos criados exclusivamente para sua diversão e prazer. Ele vai brincar com você enquanto isso o divertir, depois irá descartá-la pela próxima que o agradar. Vai partir seu coração sem pensar duas vezes e deixar os pedaços para você catar, exatamente como fez com as que vieram antes.

Sem querer admitir que chegara à mesma conclusão, ela disse:

— Sou uma mulher adulta. Sei me cuidar.

Ele fez uma cara feia.

— Com um homem como ele, não. Ele é problema, independentemente da forma como você olhe. Aceite meu conselho, garota. Fique longe dele.

Uma sombra surgiu no chão.

— Falando de mim, velho? — Niko entrou pela porta.

Nessa manhã, não estava de terno italiano, ela percebeu.

Mas novamente de jeans e uma camisa azul de mangas curtas, revelando seus antebraços musculosos e bronzeados, Não que a embalagem contasse muito. O homem que estava dentro e sua voz sexy e hipnotizadora fizeram o coração dela disparar.

Irritada por ele tão facilmente a envolver, Emily desviou o olhar, mas seu pai continuou a encará-lo diretamente nos olhos e disse:

— Conhece alguém mais que se encaixe à descrição?

— Não consigo pensar em ninguém — respondeu Niko.

— Então, pronto. — Pavlos pousou a xícara sobre a mesa, com força. — De qualquer forma, por que está aqui?

— Para dar uma palavra com Emily e saber como você vai indo.

— Não precisava ter se incomodado.

— Obviamente, não. Você está mais mal-humorado do que nunca, o que vejo como um bom sinal de que está se recuperando bem.

— E Emily não quer vê-lo.

— Por que não deixa que ela mesma me diga isso? Ou o fato de a estar pagando para ser sua enfermeira lhe dá o direito de agir como seu porta-voz também?

— Parem, vocês dois! — Emily interrompeu. — Pavlos, termine sua torrada e pare de se comportar mal. Niko, o fisioterapeuta estará aqui em breve, e então estarei livre para conversar com você.

Ele sacudiu a cabeça.

— Receio que não possa esperar tanto. Tenho uma reunião na cidade...

— Então, não se atrase por nós — disse o pai, abrindo o jornal e fingindo interesse nas manchetes. — E o que quer que vá fazer, não tenha pressa para voltar.

Niko fechou o rosto e, dando meia-volta, saiu andando pelo corredor. Mas antes Emily viu um lampejo de dor em seus olhos, que ele não conseguiu disfarçar.

— Isso foi cruel e desnecessário — ela disse a Pavlos.

— Então, vá correndo atrás dele.

— Ótima sugestão — disse ela, afastando a cadeira da mesa.

Niko já tinha chegado ao carro quando ela abriu a porta da frente.

— Niko, espere — ela gritou, atravessando o pátio correndo.

Ele se virou ao ouvir a voz dela, mas não foi ao seu encontro.

— Se está aqui para se desculpar por meu pai, poupe o fôlego — disse ele. — Estou acostumado com ele.

— Bem, eu não estou — disse ela. — Olhe, eu não sei por que ele está tão mal-humorado, mas quero que você saiba que não deixo outras pessoas ditarem com quem eu devo ou não falar.

— Nesse caso, talvez você estivesse melhor se deixasse — disse ele, novamente se virando para o carro. — Afinal, ele me conhece desde que nasci e isso o torna um especialista no que sou.

Aproximando-se, ela o deteve colocando a mão em seu braço. Embora a pele estivesse morna, por baixo ele parecia de pedra. Destemida, ela disse:

— Talvez eu acreditasse nisso ontem, a essa hora, mas agora será preciso mais do que as palavras de seu pai para me convencer do contrário. Portanto, se você está usando a cena lá de dentro como desculpa para terminar nossa amizade, isso não vai acontecer. Agora, me diga, o que queria falar comigo?

Ele a olhou, pensativo, por um momento.

— Sua folga — acabou admitindo.

— Por que quer saber?

— Por que acha que quero, Emily? Quero vê-la.

Novamente, o aperto em seu coração dizia o quanto ela era vulnerável a ele.

— Então, qual o motivo dos recados truncados ontem à noite, Niko? — perguntou ela, decidindo pôr de lado as suas apreensões, de uma vez por todas. — Você costuma morder e soprar as mulheres com quem sai, ou me escolheu para isso?

Ele não se deu ao trabalho de dissimular. Foi, na verdade, direto e hilário em sua resposta.

— Caso você não tenha notado, minha querida, ontem à noite, quando estávamos dançando, eu estava com uma excitação que deixaria um garanhão orgulhoso. Isso deveria lhe dizer algo.

Prendendo uma gargalhada, ela disse, com igual franqueza.

— Na hora, eu achei que dizia. Mas depois de me levar embora correndo, você decidiu que eu não era seu tipo, ou perdeu a coragem.

Um rubor de indignação surgiu no rosto dele.

— Não perdi a coragem e nenhuma outra coisa.

— Então, por que se apressou em ir embora?

— Há um tempo e uma hora para tudo, Emily, principalmente para a sedução. Não sou o cara do tipo que faz sexo no banco de trás do carro, o que não significa que eu não queria levá-la para cama. Mas você não deu qualquer sinal de que gostaria da proposta. Na verdade, pelo contrário. Você não parou de falar.

— Se você se desse ao trabalho de perguntar — disse ela —, eu poderia ter dito que nós não estávamos tão distantes, no pensamento, como você parece pensar. Eu só me saí melhor ao esconder.

Ele piscou.

— Tem certeza do que está dizendo?

— Muita certeza. No instante em que coloquei os olhos em você, eu percebi que a química entre nós poderia facilmente se tornar explosiva.

— Essa não foi a primeira vez que você me deixou sem palavras — disse ele, quase gaguejando —, e eu desconfio que não será a última.

— Bem, não me interprete mal. Não estou dizendo que estou pronta para pular na cama com você, mas...

— Mas não vai recusar se eu a convidar para sair novamente?

— Ficarei decepcionada se não convidar.

Ele passou o braço ao redor da cintura dela e a puxou para perto.

— Quando terá algumas horas de folga?

— Hoje, mais tarde, de três às sete.

— Venho buscá-la às três e meia. Vista algo casual — calça comprida e um suéter leve, caso sinta frio, e leve máquina fotográfica, se tiver uma. Hoje, nós vamos dar uma de turistas na cidade.

Então, ele a beijou. Forte e terno. Na boca. E durou o suficiente para que, quando ele a soltasse, ela tivesse de se apoiar no teto do carro para se manter em pé.

Ela havia lido os folhetos de viagem e pensou que sabia o que esperar de Atenas. Tráfego congestionado, barulho e mistura de neblina e fumaça. Ruínas antiquíssimas ao lado de imensos arranha-céus. E, acima de tudo, a Acrópole e o Parthenon. Mas os folhetos não chegavam nem perto da realidade.

Niko não apareceu de BMW e, sim, numa motoneta vermelha. Ajudando-a a sentar no banco do carona, ele colocou um capacete vermelho vivo em sua cabeça, prendeu a tira e sentou, dizendo:

— Segure firme.

Ao dizer isso, lá foram eles, zunindo pela periferia da cidade, entrando e saindo do trânsito, subindo ladeiras, descendo por ruas estreitas e pequenas praças, até que os monumentos famosos estavam por todo lado que ela olhava. Ela teria ficado aterrorizada com a velocidade que eles trafegavam. Com qualquer outro, sem dúvida. Mas sentada atrás dele, colada em suas costas, os braços ao redor de sua cintura, ela se sentia destemida, confiante.

Emily adorava o vento no rosto, os aromas que exalavam das tabernas, a energia vibrando no ar. Adorava senti-lo, todo musculoso sob a camisa de mangas curtas, e o cheiro de sua pele bronzeada.

Finalmente, ele estacionou e trancou a motoneta, depois a conduziu por uma rua de pedestres perfilada de restaurantes e cafés, e por um caminho de mármore que conduzia à Acrópole. De perto, a grandiosidade do Parthenon a impressionou.

— Não posso acreditar que realmente estou aqui, vendo com meus próprios olhos — disse ela. — É incrível, Niko. Magnífico! E a vista...!

Ela caiu em silêncio, perdendo a fala. Atenas estava a seus pés, uma massa de concreto ocasionalmente entremeada com as colinas cobertas de pinheiros.

— Aqui dá para ter uma boa ideia da geografia da cidade — concordou Niko —, mas se meu pai um dia resolver que pode passar uma noite sem você, nós voltaremos outra hora, para ver o pôr do sol. Desfrutar de uma garrafa de vinho e ver as luzes se acendendo é igualmente impressionante.

— O que me surpreende é não estar cheio como pensei que testaria.

— É porque os turistas já voltaram para casa e deixaram Atenas para aqueles de nós que escolheram viver aqui. Porém, os espertos sabem que outubro é uma das melhores épocas para visitar.

Eles passaram algumas horas percorrendo as ruínas, parando no caminho de descida da colina para beberem um café, e visitando uma linda igrejinha escondida numa pequena praça. Mas apesar de ter ficado maravilhada por tudo que viu, foi Niko que deixou a impressão mais marcante em Emily.

Seu sorriso preguiçoso a acariciava, dando pistas dos prazeres por vir. A voz dele recitando a história dos templos a hipnotizava. A forma como ele aproveitava cada oportunidade para tocá-la, segurar sua mão e guiá-la pelo chão desnivelado, como se ela fosse a coisa mais delicada e preciosa do mundo, passando o braço ao redor de seus ombros enquanto apontava para um monumento distante, fazendo-a transbordar de felicidade.

Com um carinho casual, um olhar, ele inspirava uma paixão sem malícia. Ela nunca sentira uma emoção desse tipo.

Seis da tarde chegou rápido demais e era hora de voltar a Vouliagmeni. O sol poente reluzia sobre os gramados e a porta da frente estava aberta quando eles chegaram em casa.

— Você vai entrar? — perguntou ela, quando ele apoiou a motoneta na alavanca de descanso.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, karthula. Por que estragar uma tarde perfeita?

— Eu queria que não fosse assim — disse ela, tirando o capacete.

Ele o pegou, pendurou no manete e segurou o rosto dela com as duas mãos.

— É o que é, Emily, e o que sempre foi.

— Bem, eu acho isso muito triste. Não é...

Ele a silenciou com um beijo demorado, que esvaziou sua mente de tudo, exceto o deleite dos lábios dele sobre os dela.

— Oh — disse ela, quando o beijo finalmente acabou.

Ele ergueu a cabeça olhando além dela, depois disse:

— Acho que devemos tentar isso novamente — murmurou ele e, puxando-a para perto, a beijou mais uma vez, por mais tempo.

Uma exclamação interrompeu o momento com um tom irado, e Emily se virou e viu Pavlos apoiado em seu andador, junto à porta.

— Não era de esperar? — disse Niko, alegremente, soltando-a. — Pegos no ato pelo meu paterá reprovador. É melhor que eu suma, antes que ele venha atrás de mim com uma arma. Eu vou te ligar, Emily. Em breve.

Um instante depois, ele partira, sumindo pela longa entrada da garagem, em sua motoneta vermelha, levando junto toda a alegria que aquela tarde trouxera. Pois ela sabia, sem sombra de dúvida, que ele a beijara pela segunda vez pelo puro prazer de atíçar a raiva no pai.

E o alerta que Pavlos fizera voltou para assombrá-la. As mulheres não são nada além de brinquedos criados exclusivamente para sua diversão e prazer. Ele vai partir seu coração e deixar os pedaços para você catar, exatamente como fez com as que vieram antes.

CAPÍTULO CINCO

Pavlos estava com uma expressão tão "eu te disse" que Emily sabia que ela aparentava estar tão decepcionada quanto se sentia. Andando ao lado dela, ele disse:

— Foi o que eu disse, não foi?

— Você não sabe do que está falando, Pavlos — disse ela, sucinta, mantendo o orgulho.
— Tive uma tarde fabulosa.

— E eu corri uma maratona enquanto você esteve fora! — Ele lhe deu uma leve cotovelada nas costelas. — Admita, Emily. Niko a desapontou.

— Se quer saber, vocês dois me decepcionam. Pai e filho, homens adultos soltando farpas um no outro, não é minha ideia de diversão. Você já jantou?

— Não, eu esperei por você.

— Não estou com fome.

— Ah, garota! Não deixe que ele faça isso com você. Ele não vale a pena.

O tom de compaixão na voz dele causou um sério abalo em sua compostura e o fato de estar certo não o tomava mais fácil de engolir.

— Ele não está fazendo nada — insistiu ela. Exceto brincando com suas emoções, o que ela não admitiria ao pai dele.

Naquela noite, quando se preparava para deitar, Pavlos escorregou no chão de mármore de seu banheiro e abriu a testa na beirada da pia. Esforçando-se para manter a calma diante do caos — Georgios entrou em pânico ao ver o sangue, e teve certeza de que seu patrão estava morrendo e se culpou pelo acidente —, Emily o orientou para que chamasse uma ambulância enquanto ela cuidava de Pavlos, que estava deitado no chão. Embora meio desorientado, ele xingou, irritado, e lhe deu um tapa na mão quando ela tentou evitar que ele levantasse. Apoiando-se na banheira, ele debochou.

— Ainda não estou morto, mulher! Será preciso mais que uma fratura de crânio para me liquidar.

— Não é com sua cabeça que estou preocupada, é com sua bacia — disse ela, aplicando uma toalha dobrada sobre o corte superficial da sobrancelha. Na verdade, a pia havia quebrado na queda e o fato de que ele conseguia sentar no chão sem demonstrar muita dor era um bom sinal, mas ela queria uma prova mais científica de que ele estava bem como afirmava.

Os médicos da emergência chegaram logo depois e o levaram ao hospital, para tirar radiografias. Felizmente, ele não sofrera maiores danos no quadril e vetou qualquer recomendação para que passasse a noite lá.

— Eu não a trouxe até aqui para que passasse o trabalho a outra pessoa — ele lembrou a Emily.

Mas na manhã seguinte ele já voltara a ser ele mesmo, apesar do olho roxo.

— Não há motivo para isso — estrilou ele, quando ela sugeriu dizer ao seu filho sobre o que acontecera.

— Mas ele tem o direito de ser informado — insistiu ela, e deixou uma breve mensagem na caixa postal de Niko.

Ele não deu sinal de vida até três dias depois, quando voltou novamente, sem ser anunciado, quando eles estavam terminando de almoçar.

— Mas que colorido — frisou ele, inspecionando o olho roxo de Pavlos, que a essa altura já estava passando a um tom esverdeado. — Diga-me, velho, está planejando transformar esse abuso físico num hábito?

— Acidentes acontecem — disse o pai. — Você é a prova viva disso.

Emily se encolheu diante da crueldade estupefaciente da resposta, mas percebeu que, embora o pai preferisse morrer a admitir, Pavlos ficara muito magoado por Niko não ter voltado antes.

— Todos temos nossa cruz a carregar, Patero — disse Niko, debochado. — A sua não é mais pesada que a minha.

— Não me chame de patero. Você não é meu filho, não mais que um cão de rua.

Depois do último confronto que tiveram, Emily decidira que jamais voltaria a ficar no meio quando os dois resolvessem se atacar, mas os insultos eram demais para que ela tolerasse.

— Como vocês conseguem conviver um com o outro? — perguntou ela, incisiva.

— Tendo o mínimo possível a ver um com o outro — disse Niko, dirigindo-se a ela pela primeira vez desde que entrara na sala. — Yiasu, Emily. Como tem passado?

— Muito bem, obrigada. Não se pode dizer o mesmo de seu pai, mas eu acho que isso não é importante para você, já que esperou três dias para visitá-lo depois do acidente.

— Não gaste fôlego apelando para seu senso de decência — Pavlos advertiu. — Ele não possui.

Niko o olhou com total desdenho.

— Ao contrário do senhor, quando estava em plena forma, a minha carreira exige mais que apenas ficar sentado atrás de uma escrivaninha enquanto meus subordinados fazem todo o trabalho. Eu estava longe, a trabalho, e só voltei a Atenas esta manhã.

— Foi correndo para outra missão piedosa para salvar o mundo? — disse Pavlos.

— As to thialo, yarro!

— Está ouvindo, Emily? — Pavlos lançou um olhar ferido. — Ele me disse para ir para o inferno!

Emily desviou o olhar de um para outro. Olhou o pai, com seus cabelos grisalhos ainda fartos e os olhos vivos, mas o corpo em decadência, com ossos tão frágeis que havia sido um milagre que não terem esfarelado quando ele caiu. E olhou para o filho, um Adonis da era moderna, alto, forte e indomável. Ambos tão orgulhosos que andariam descalços sobre brasas antes de admitirem que se importavam um com o outro.

— Não imagino por que se deu ao trabalho — disse ela. — Pelo que vejo, ele já está lá, e você também.

Ao dizer isso, ela saiu, Eles podiam estar decididos a dilacerarem um ao outro, mas ela não ficaria ali para catar os pedaços.

Saindo, ela seguiu à varanda na lateral da casa que conduzia ao alojamento atrás das garagens. Theo, o jardineiro viúvo, e seu filho, Mihalis, a quem ela conhecera ao chegar, moravam ali. Cochilando no degrau da porta dos fundos estava Zephyr, uma criatura grande, de raça indeterminada, que chegou para o lado quando ela se aproximou, abrindo espaço para que ela sentasse ao seu lado, e pousou a cabeça sobre seu colo.

Niko a encontrou ali, alguns minutos depois.

— Tem lugar aí para mim também?

— Não — disse ela. — Prefiro companhias civilizadas e você não está qualificado.

— Mas o cachorro está?

— Certamente. Eu o aceito antes de você, em qualquer dia da semana.

Ele enfiou as mãos nos bolsos traseiros do jeans e a olhou tristonho.

— Só para você saber, Emily, eu não tenho prazer algum em estar em batalha constante com meu pai.

— Então, por que não acaba com isso?

— O que quer que eu faça? Deixe que ele me faça de saco de pancada?

— Se for preciso...

— Desculpe, karthula, não sou do tipo subserviente. E não estou aqui para continuar com você onde parei com ele.

— Então, por que está aqui?

— Para perguntar se você pode jantar comigo novamente.

— Para quê? Para me exhibir diante de seu pai como fez outro dia?

Ignorando o rosnado de Zephyr, ele sentou no degrau ao lado dela.

— Você acreditaria se eu dissesse que é porque não consigo ficar longe de você, embora Deus saiba que eu gostaria?

— Por quê? Porque me culpa pelo acidente de seu pai?

— Não seja absurda — disse ele. — Claro que não.

— Talvez devesse. Eu deveria ser sua enfermeira para ajudá-lo a recuperar a saúde, não expô-lo a mais ferimentos. É um milagre que ele não tenha se machucado ainda mais quando caiu.

— O fato é que ele não se machucou e eu soube depois de apenas algumas horas.

— Como pode se afirma só ter chegado esta manhã?

— Pode até lhe causar surpresa, Emily, mas eu não sou tão sem coração. Admito que estou longe mais do que venho, mas mantenho contato regular com Georgios ou Damaris, e fico sabendo praticamente no mesmo minuto quando surge um problema. A julgar pelos relatos, você não é apenas uma profissional hábil e cuidadosa com Pavlos, mas está concorrendo à santidade quando morrer — o que eu me apresso em dizer que desejo que não aconteça tão cedo.

— Se você se importa com ele a ponto de ligar para saber como ele está indo, que mal há em lhe dizer isso?

— Por que me dar ao trabalho se ele deixa claro que isso é algo que ele não quer ouvir?

— Ele pode surpreendê-lo.

— Você é a única pessoa que me surpreende, Emily, e eu não posso dizer que estou gostando da experiência. Já tenho muita coisa na cabeça.

Diante do tom melancólico, ela deu uma olhada para ele. Notou a expressão dos lábios, as sobrancelhas franzidas e sentiu uma pontada de compaixão.

— Teve problemas quando estive longe?

— Nada incomum quanto a isso — disse, sacudindo os ombros. — Meu negócio é resolver problemas, contanto que sejam dos outros. Mas faz muito tempo que aprendi que, para lidar com isso de forma eficiente, preciso estabelecer um limite entre meu trabalho e minha vida pessoal, e essa última precisa estar sem complicações. — Ele parou e enlaçou os dedos aos dela. — Mas, de alguma forma, você se tornou exatamente isso, Emily. Uma complicação que não posso ignorar.

— Não vejo como.

— Sei que não. Isso é metade do problema.

— Então, tente explicar.

— Não posso — disse ele. — Essa é a outra metade.

Ela suspirou, angustiada, e soltou os dedos.

— Não sou fã de enigmas, Niko, e você não parece estar pulando de alegria por estar envolvido comigo, portanto, vou livrar a ambos dessa infelicidade. Obrigada, mas não, obrigada. Não quero jantar com você novamente.

Varrendo-a com seu olhar esverdeado, ele chegou mais perto. Passou as mãos ao redor de sua nuca.

— Mentirosa — murmurou ele, passando a língua insolente na ponta da orelha dela.

Na última vez que um homem tentara fazer isso, ela mal conseguira conter a repulsa antes de empurrá-lo para longe. O que havia de tão diferente quanto a Niko Leonidas que cada toque seu, cada olhar, a deixava ofegante e querendo mais?

— Somente porque me recuso a deixá-lo brincar com joguinhos não me torna uma mentirosa — insistiu ela, fraca, quase paralisada pela tensão pulsante que brotava por dentro, em partes que desejava não possuir.

— Isso também não a torna mais fácil para se resistir.

— Então, acho que temos um impasse.

Por um longo momento, ele a encarou como se tentasse imaginar a solução para o dilema que só ele podia resolver. Depois, sacudindo o ombro, como quem diz Que se dane, ele levantou com uma graça indolente.

— É, acho que temos — respondeu ele, e saiu desfilando.

— Bom proveito! — disse ela, baixinho, esmagando a onda de decepção que ameaçava engoli-la. — Outras mulheres podem tropeçar na avidez para caírem em seus braços. Eu, não.

Ela repetiu seu pequeno mantra várias vezes durante o restante da tarde, porque era tudo que tinha para impedir sua vontade de ligar para ele e dizer que mudara de ideia quanto a sair. Para garantir que não enfraqueceria no último minuto, saiu para uma caminhada na praia e jantou numa taberna. Ao voltar para casa, ela jogou xadrez com Pavlos durante uma hora, depois alegou uma dor de cabeça e fugiu para sua suíte.

Já era noite e ela fechou a porta do quarto, olhando seu santuário com uma mistura de alívio e prazer. Damaris puxara a colcha e acendera a lareira. O cheiro agradável da madeira queimando pairava no ar.

Sim, ela decididamente tomara a decisão certa, pensou Emily, jogando o suéter no pé da cama e tirando os sapatos. Embora não pudesse negar o magnetismo entre ela e Niko, também não podia ignorar sua intuição feminina. Desde o começo, sentira que ceder à sua atração por ele só traria problemas. Se não recuasse agora, ela se veria envolvida com um homem completamente fora de seu alcance e só seria infeliz. Afinal, ele deixara perfeitamente claro que seu interesse por ela era puramente sexual e, sendo realista, o que mais ela poderia esperar? Na vida dele não havia espaço para um relacionamento sério e, mesmo que houvesse, o futuro dela estava a meio mundo de distância.

Afastando a verdade deprimente, ela foi até o banheiro e, enquanto enchia a banheira, tirou o restante da roupa, prendeu os cabelos e acendeu uma vela aromática. A solidão era preferível à mágoa, disse a si mesma, afundando na água até o queixo, deixando que os jatos de massagem tirassem a tensão do dia.

Quando a vela finalmente apagou, ela se secou e passou uma boa quantidade de hidratante na pele enrugada pela água, depois vestiu uma camiseta limpa. Sentindo-se mole como macarrão cozido demais, ela seguiu até o quarto.

A lareira ainda estava acesa, como se tivesse acabado de ser reabastecida. E seus sapatos estavam ao lado da poltrona que, incrédula, ela viu estar ocupada. Por Niko.

— Eu já estava pensando que você tinha se afogado — disse ele, em tom casual.

Terrivelmente constrangida por não estar vestindo nada além do camisetão cuja bainha ia apenas até o meio das coxas, ela tentou puxá-la para baixo. Grande erro, pois quando a soltou, ela subiu com força, revelando só Deus sabe o quê.

— Não olhe! — gritou ela, tão chocada que não conseguiu responder mais nada.

— Se você insiste — disse ele, e educadamente virou o rosto.

— Como entrou aqui?

— Pela porta, Emily. Pareceu a forma mais lógica.

Se ela tivesse um pinga de determinação, responderia com o mesmo sarcasmo e lhe diria para sair pelo mesmo caminho, mas a curiosidade a venceu.

— Por quê?

— Eu decidi que lhe devo uma explicação.

Novamente! Desejando que a visão dele não a deixasse tão desesperada de desejo, ela disse:

— Você não me deve nada, Niko. E não tem nada para fazer em meu quarto.

— Mas estou aqui assim mesmo. E vou ficar até dizer o que tenho a dizer.

— Parece-me que já passamos por isso antes e não chegamos a lugar algum.

— Por favor, Emily.

Ela deu um longo suspiro.

— Então, fale logo. Estou cansada e quero ir para a cama.

Ele lançou um olhar audacioso para suas pernas.

— Será que poderia vestir algo um pouco menos revelador? Sou um mero ser humano e olhar para a lareira não pode ser comparado a olhar para você.

Irritada pela onda de prazer instigada pelas palavras dele, ela voltou batendo os pés para o banheiro, pegou um robe comprido que estava pendurado na porta e vestiu.

— Assim está melhor — disse ele, saindo da poltrona, quando ela voltou somente com as mãos, os pés e a cabeça para sua inspeção. — Por que não senta aqui?

— Não, obrigada — disse ela, seca, — Imagino que isso não irá demorar.

Ele havia se convencido de que seria fácil Tudo que tinha a fazer era reiterar suas reservas iniciais, explicar que as deixara de lado e já não tinha motivos para importuná-la. Mas ao vê-la saindo do banheiro, tirara tudo isso de sua mente, exceto um desejo feroz de tocá-la inteira. De erguer aquele pedacinho de pano e mergulhar a boca nos cachinhos que ela tão provocantemente revelara, na tentativa de recato.

— Estou esperando, Niko — ela o lembrou, parecendo sua professora de matemática.

Ah, se ela também fosse igual, com bigode e tudo...

— Quero começar de novo, com você — disse ele.

— Não tenho certeza se entendo o que isso significa.

Ele engoliu, buscando as palavras que persistiam em fugir.

— Começamos errado, Emily. Você é enfermeira do meu pai e eu sou o filho...

— Pelo que sei, isso não mudou. Ainda sou enfermeira, e você, filho.

Como podia ser? Como encurtar a conversa e dizer, diretamente, Apesar de fingir que não acreditava mais, eu continuei convencido de que você estava atrás do dinheiro dele e resolvi que minha única escolha era seduzi-la, mas agora concluí que eu estava errado, e esperar que ela entendesse? Ele não entenderia se a situação fosse inversa.

— Mas outra coisa mudou — disse ele.

— O quê?

Ele respirou fundo e deu uma melhorada na verdade.

— Digamos que eu estou cansado de joguinhos e vamos parar por aí. Não estou interessado em usá-la para tirar pontos de meu pai, nem por qualquer outra razão. Quero estar perto de você, não para irritá-lo, mas porque eu mesmo gosto de você. Então, creio que as únicas perguntas que permanecem sem resposta são, você quer a mesma coisa ou eu interpretei mal os sinais, e a atração que achei existir entre nós é fruto de minha imaginação?

— Não é fruto de sua imaginação — admitiu ela —, mas eu não compreendo por que você está buscando isso se esta tarde disse que eu era uma complicação da qual você não precisa.

— Analisar as coisas excessivamente é um hábito antigo. Já salvou minha pele muitas vezes. Mas, nesse caso, eu fui longe demais.

Ela mudou o peso de um pé para o outro, avaliando as palavras dele.

— Talvez, não — disse ela. — Talvez você simplesmente tenha percebido que não havia futuro num relacionamento comigo.

— Jamais contar com o futuro é outro derivado de meu trabalho. A única certeza é aqui e agora.

Ele deu um passo na direção dela, depois outro, até que estava perto o suficiente para sentir o perfume de sua pele. Ela prendera os cabelos, mas algumas mechas haviam soltado e colavam, úmidas, em seu pescoço. O robe era grande demais para ela e estava folgado na frente, atraindo o olhar dele para o decote, acima da camiseta de dormir.

A vontade de abraçá-la, beijá-la, quase o cegava.

— O que diz, Emily? — perguntou ele, com a voz rouca. — Vai arriscar comigo?

CAPÍTULO SEIS

A voz persistente da cautela a alertou para que não caísse novamente no raciocínio dele. Afinal, o que ele estava oferecendo, exceto o prazer do momento?

Por outro lado, o que ela ganhara no passado em deixar todas as esperanças por um amanhã melhor? Um diploma de enfermagem, um financiamento de imóvel terrível, um carro de segunda mão e um relacionamento curto e decepcionante com um aluno de medicina. Até seu círculo de amizades diminuía cada vez mais, conforme os amigos iam se casando e tinham bebês. Não que a abandonassem completamente, mas os interesses já não coincidiam como fora antes. Os horários dela mudavam conforme os turnos e os deles, conforme as esposas e as amamentações noturnas.

— Emily? — a voz de Niko flutuou sobre ela, escorregando para dentro de seu robe, que deveria protegê-la de sua forte atração.

Por que ela estava esperando por um futuro que poderia nunca chegar, quando o homem que resumia todas as suas fantasias estava oferecendo uma chance de realizá-las? Cedendo ao coração em vez da cabeça, ela ergueu os olhos para ele e sussurrou:

— Por que você não para de falar e apenas me beija?

Ele gemeu e esticou os braços. Segurou o rosto dela nas mãos e beijou suas pálpebras, suas bochechas, seu queixo. E quando ela já estava toda trêmula de tanta expectativa, ele finalmente

pousou os lábios sobre os dela. Não como fizera antes, mas com uma sutileza calculada, não uma avidez desesperada.

Pela primeira vez em sua vida, sua cautela natural a abandonou, aniquilada pelo desejo doloroso que sentia e tinha de ser satisfeito a qualquer preço. Quase sem notar que passara os braços ao redor da cintura dele, ela curvou o quadril de um jeito que se encaixou ousadamente onde ele estava totalmente excitado. Sua virilidade rija a inflamou, fazendo qualquer dúvida virar pó.

De alguma forma, seu robe abriu e ele a estava tocando, seus dedos hábeis tracejavam uma linha ao longo de sua clavícula e por dentro de seu camiseta sem mangas, ao redor de seu seio. Mas ela queria mais e tentou demonstrá-lo ao se posicionar em ângulo para que seu mamilo arrepiado encostasse na palma da mão dele, pedindo que ele não parasse.

Mas ele parou.

— Aqui, não — disse ele, com o suor brilhando na sobrancelha. — Na casa do meu pai, não.

— Mas eu não posso sair — disse ela. — E se ele precisar de mim e eu não estiver?

— Emily, eu preciso de você. Preciso de você agora.

Sem qualquer acanhamento, ela ergueu a bainha da camiseta e guiou a mão dele até o meio de suas pernas.

— Você acha que eu não preciso de você do mesmo jeito?

Com o peito estufando, ele encostou a mão nela e pressionou, flexionando os dedos. A sensação que isso causou nela ecoou em todo o seu corpo, e quase a fez ficar de joelhos. Ofegante, ela se encostou a ele.

Guiando-a para trás, ele a baixou sobre a cama e a tocou novamente, provocando o ponto mais excitante de seu âmago. Quando ela chegou ao êxtase, ele abafou seu grito com a boca e a acariciou até que os espasmos de seu corpo foram diminuindo.

Quantos minutos teriam se passado até que ele se ergueu e, na tentativa de não deixá-la constrangida, puxou seu robe, cobrindo-a. Mas ela se agarrou a ele.

— Fique — implorou ela.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não posso.

— Você não me quer, Niko?

— Tanto que posso até sentir seu gosto. Mas não com a sombra de meu pai à nossa volta.

— Então, como... Quando?

— Diga a ele que você vai tirar o fim de semana de folga. Iremos para algum lugar onde possamos ficar completamente sozinhos.

— E se ele não concordar?

— Ele não é seu dono, karthula — disse ele. Então, olhando o rosto dela, ele perguntou — Ou é?

— Claro que não, mas ele é meu paciente e está me pagando para cuidar dele. E queira você ou não, ele ainda não está tão recuperado como quer que você acredite. Esperar que Georgios assuma a responsabilidade por ele não seria profissional, além de negligente da minha parte.

— A única coisa necessária para resolver esse problema é um telefonema para a agência de enfermagem pedindo alguém para substituí-la. Vamos levar no máximo três dias. Ele pode se virar sem você nesse tempo tão curto.

— Imagino que sim — disse ela, duvidosa, não por estar incerta quanto a passar o fim de semana com ele, mas porque sabia que teria de lutar com Pavlos para conseguir.

Um músculo se contraiu no maxilar de Niko.

— Sabe, Emily, se eu estiver pedindo demais...

— Não está!

— Tem certeza?

— Sim. — Ela apertou os lábios fechados e assentiu. Nossa, o que a transformara nessa boboca? Ela estava na Grécia há aproximadamente três semanas e sempre ao lado de Pavlos. Não tinha nada de mais em pedir uma folga. — Vou arranjar algo, eu prometo.

Ele deu um último beijo em sua boca.

— Avise-me quando tudo estiver arranjado.

Nos dois dias movimentados que se seguiram, ela alternava entre a euforia e a relutância contra o horror de ter se oferecido a Niko de forma tão desavergonhada. Como ela poderia olhá-lo novamente? Mas seu desejo era mais forte e ela passou por cima das objeções de Pavlos pelo fim de semana de folga.

— Um biquíni e bastante filtro solar — disse Niko, quando ela ligou para dizer que estaria pronta para partir na sexta-feira e perguntou o que deveria levar.

— O que mais?

— Algo mais quente para as noites, embora o tempo deva estar bom. Short, algumas camisetas. Nada que encha uma mala.

Ela escapou na quinta à tarde para fazer umas compras, enquanto Pavlos tirava um cochilo. As roupas que levava para a Grécia eram bem básicas, para o trabalho. Ela certamente não tinha nada destinado a um fim de semana romântico com o homem mais sexy do planeta.

Depois do jantar, naquela noite, ela colocou as compras sobre a cama, com um conjunto de moletom vermelho escuro, meias brancas, lingerie nova, uma camisola, sandálias, uma túnica de seda, xampu, escova de dentes, cosméticos e uma bolsa de lona feita para levar menos coisas. Ele dissera que eles ficariam totalmente sozinhos, mas claramente não entendia que ela não estava preocupada com estranhos, e sim em estar bonita para ele.

Embora Pavlos tivesse permitido que uma enfermeira da agência a substituísse em sua ausência, ele deixara claro que estava fazendo isso contra a vontade, pois ignorara Emily a tarde toda.

Não perguntou aonde ela ia, nem com quem, mas a julgar por seu resmungar, ele obviamente concluiu que envolvia Niko. Então, depois de explicar as tarefas à substituta, em vez de começar o fim de semana com uma discussão, Emily pegou a bolsa e escapou da casa, alguns minutos antes das seis, para esperar por Niko junto ao portão.

Bem na hora, ele chegou com o BMW.

— Você conseguiu — ele a cumprimentou passando o braço ao redor de seus ombros, num abraço rápido.

— Pensou que não conseguiria?

— Digamos que eu não me surpreenderia se meu pai tivesse se atirado ao chão quando você tentou sair. E o fato de estar aqui, na espreita, sem ser vista lá da casa, me diz que você também temia o mesmo.

— Se eu admitir que você está certo, o assunto de seu pai ficará vetado durante o fim de semana?

— Com prazer. — Ele jogou a mochila dela no porta-malas e abriu a porta do passageiro. — Entre, Emily. Quero pegar a estrada enquanto ainda está claro.

— Estrada — ela descobriu que não embarcaria numa aeronave, como esperava, mas num veleiro de cinquenta pés, ancorado numa marina privativa em Glyfada, ao norte de Vouliagmeni. O casco elegante, pintado de azul marinho, trazia o nome de Alcione em dourado. Mas sem vento para encher as velas, ele foi forçado a ligar o motor a diesel, seguindo até a pequena ilha de Fleves.

Foi um trajeto curto, mas, para Emily, a lua nascente estava mágica, refletindo prateada, como pequenos diamantes. Niko, de jeans e um suéter bege, também não estava nada mal.

Depois de baixarem a âncora, ele acendeu uma lanterna no centro da cabine e disse para que ela esperasse, pois já voltava. Alguns minutos depois, ele trouxe uma garrafa de vinho branco gelado, copos de cristal e uma pequena bandeja de petiscos.

— A você, eu brindaria com champanhe — disse ele, sentando de frente para ela, servindo o vinho —, mas não fica bom no veleiro.

— Não preciso de champanhe — ela o tranquilizou. — Estou feliz em estar aqui, com você.

Ele bateu a taça à dela.

— Então, a nós, karthula.

Saboreando o vinho gelado, ela tomou coragem.

— Você me chamou assim antes. O que significa?

— Querida. — Ele ergueu uma sobrancelha interrogativa. — Você se importa?

— Não — disse ela, e estremeceu de prazer dentro de seu moletom vermelho.

Notando, ele gesticulou para o deque abaixo.

— O jantar está no forno e deve estar pronto em breve, mas nós podemos sentar na cabine, que é mais quente, se você quiser.

— Prefiro não — disse ela, envergonhada pela intimidade que a proximidade oferecia. Agora que já passara a empolgação de ir para longe e de só estarem os dois, ela sentia uma vergonha quase paralisante. — Está tão tranquilo aqui no deque.

— Mas você está nervosa. Por que, Emily? Está achando que não deveria ter concordado em passar o fim de semana comigo?

— Não é isso. Só estou um pouquinho... Desconfortável.

Ela a olhou em silêncio, vendo as emoções conflitantes. E finalmente disse:

— Quanto a estarmos aqui, agora, ou por causa daquela noite?

Ela ficou tão vermelha que foi um milagre seus cabelos não pegarem fogo.

— Precisamos falar daquela noite?

— Aparentemente, precisamos — disse ele.

Ela remexeu no copo, refletindo a luz da lanterna. Sem poder escapar do olhar dele, pensando como ele a deixara se sentindo tão libertina.

O que havia se apoderado dela para tirá-la do sério daquela maneira? Profissionalmente, ela era a enfermeira Tyler, hábil e sempre no controle. Socialmente, ela era a boa amiga Emily, amável, mas também no controle.

Ela não mergulhava em casos, não implorava a um homem que fizesse amor com ela e certamente não o convidava para explorar suas partes íntimas. O fato de ter feito as três coisas com Niko a fez se encolher. No entanto, ali estava ela, porque, constrangida ou não, ela não conseguia ficar longe dele. E isso significava enfrentar o que se passava entre eles.

— Você tem de saber o quanto foi difícil para mim, deixá-la da forma como tive de fazer — disse ele, baixinho, adivinhando exatamente o que a estava deixando desconfortável. — Não vou fingir que não quero continuar de onde paramos, mas só se você sentir o mesmo. Levaremos isso no seu ritmo, Emily. Ou não faremos nada.

Ela olhou em volta, vendo a noite enluarada, uma ilha escura à esquerda. Ficou ouvindo o silêncio, interrompido apenas pelo barulho da água batendo no casco do barco. Finalmente, se atreveu a olhar para o homem que a encarava.

— É o que quero, também — admitiu ela, — Só estou um pouco desambientada. Isso tudo é muito novo para mim, Niko.

A postura dele mudou de um relaxamento indolente para um estado súbito de alerta.

— Você está tentando me dizer que é virgem?

Ela engasgou com o vinho.

— Não.

— Não, que não é o que está tentando me dizer, ou que não, não é virgem?

— Não é isso que estou tentando dizer. Eu estava me referindo ao ambiente, o barco, o lugar exótico. Quanto a ser ou não virgem, isso importa?

— Sim, importa — disse ele, sóbrio. — Não porque irei julgá-la de uma forma ou de outra, mas porque se eu serei seu primeiro amante, eu quero saber antes. — Ele se inclinou à frente e tocou a mão dela. — Então?

Ela ficou vermelha novamente, embora torcesse para que não desse para ver, sob a luz fraca.

— Não sou.

Vendo seu desconforto, ele começou a rir.

— Não fique assim — disse ele. — Eu também não sou.

— Mas foi só uma vez e não foi exatamente... Um grande sucesso. Ao contrário da impressão que eu posso ter causado, naquela noite, não sou muito boa em... Bem... Isso.

— Entendo — disse ele, fazendo um esforço visível para ficar sério. — Bem, agora que desabafou, o que diz quanto a jantarmos e deixarmos que o restante da noite cuide de si mesma?

— Eu gostaria de ir ao toalete antes. — Na realidade, ela queria enfiar a cabeça na privada e dar descarga, ou melhor ainda, pular do barco.

— Claro — disse ele. — Vou levar alguns minutos para preparar tudo, então, vá tranquila. Nossas coisas estão na cabine, que tem um banheiro.

Também tinha uma cama king size. Com lençóis azul-marinho e abajures de cobre dos dois lados, propiciando o ambiente para a sedução, o que fez o coração de Emily pular de expectativa.

Será que ela o decepcionaria?, pensou, desfazendo a mochila e colocando os itens de toalete na penteadeira do banheiro. Faria papel de tola ainda maior do que fizera antes? Será que ela estaria sendo negligente demais, ou ingênua demais, desviando tanto de seu ambiente habitual? Ou teria ela encontrado o único homem do mundo que fazia valer a pena todos os riscos de se apaixonar?

Luzes fracas e música a receberam quando ela voltou à cabine principal. O ar estava cheirando a orégano e alecrim. A mesa estava arrumada com jogos americanos e guardanapos azul-marinho, cristal e talheres de aço inox, junto à porcelana chinesa. Na cozinha, sobre o balcão acima da geladeira, havia uma cesta de pão e uma tigela de azeitonas e pedaços de tomate, pepino e queijo, polvilhados de azeite. Niko estava ao lado do forno, arrumando espetos de carneiro assado, berinjela e pimentões, sobre o arroz.

— Não é exatamente uma comida gourmet — disse ele, levando a bandeja até a mesa. — Só um piquenique simples,

— Eu não chamaria isso de simples — disse ela, pensando nos garfos plásticos e pratos de papel presentes nos piqueniques que ela geralmente frequentava. — Como consegue evitar que seus pratos e copos quebrem quando está velejando?

— Mandei fazer armários sob medida no barco, para manter tudo no lugar. Depois vou lhe mostrar, se estiver interessada.

— Interessada? Intrigada é o mais certo. Mesmo correndo o risco de ser repetitiva, você não tem nada do playboy que eu achei ser quando o conheci.

Os olhos verdes ganharam uma expressão de diversão:

— Então, você é especialista em playboys?

— Não, mas aposto que eles não colocam suas vidas em risco para ajudar pessoas aflitas, e não cozinham.

— Não deixe que a refeição a engane. Mandei preparar numa taberna. Tudo que tive de fazer foi aquecer o prato principal, o que resume meu talento na cozinha.

Ele trouxe o pão e a salada para a mesa, serviu mais vinho e bateu o copo no dela.

— Novamente, à nós, karthula. Aproveite, antes que esfrie.

A comida estava deliciosa, A conversa fluíu bem, enquanto eles descobriam mais a respeito um do outro. Ambos gostavam de ler e concordaram que poderiam viver sem televisão, contanto que tivessem um bom estoque de livros, embora ele preferisse não ficção enquanto ela devorava romances. E nenhum dos dois podia viver sem o jornal diário.

Niko era um mergulhador ávido e já havia visitado inúmeras ruínas de navios naufragados na costa egípcia. Emily só conseguia mergulhar de snorkel, numa lagoa protegida e admitia ficar nervosa se estivesse longe da costa.

Ele já vira partes do mundo que turistas jamais haviam visitado. Ela ficara na rota segura: outras partes do Canadá, Havaí, as Ilhas Virgens Britânicas.

Quando terminaram de comer, ela o ajudou a tirar a mesa. Secou os pratos, enquanto ele lavava. Empilhou as taças de vinho na pequena prateleira feita para eles. E adorou o ar doméstico daquilo tudo. Um homem, uma mulher, um ninho...

Como já eram quase onze, ele sugeriu que terminassem o vinho no convés. A lua estava acima deles, inundando o barco com sua luz fria, mas ele pegou um cobertor e embrulhou em volta dos dois.

— Eu sonho com lugares assim quando estou longe — disse ele, puxando-a para seu braço. — Isso me mantém são.

— O que foi, em seu trabalho, que o fez escolhê-lo? A emoção, o perigo?

— Em parte, sim. Eu nunca encontro satisfação bancando o magnata corporativo sentado atrás de uma mesa, contando meus milhões, apesar de meu pai ter tentado me comprar como seu aliado, com mais dinheiro do que eu poderia gastar em um século de vida privilegiada. Para ele, o dinheiro é a maior arma para disciplinar um homem e ele ficou enfurecido pelo fato de que eu tinha minha própria fortuna, deixada por minha mãe, pois isso o fez perder seu poder sobre mim. É a única coisa vinda dela que o deixou ressentido.

— Mas há outra razão para que você tenha decidido por uma carreira tão pouco convencional?

Ele se remexeu, como se subitamente achasse desconfortável o banco luxuoso do barco.

— Isso não é algo que eu diria a qualquer pessoa, mas, sim, há outra razão. Usar meu dinheiro para ajudar as pessoas necessitadas abrandava minha consciência por tê-la matado.

Aflita em pensar que ele carregava um fardo tão pesado de culpa durante toda sua vida, Emily disse:

— Eu sei que já disse isso, mas a morte dela foi uma tragédia imprevista, Niko, e você é um homem inteligente demais para ficar se culpando por algo que não foi culpa sua. O fato de que Pavlos o tenha deixado crescer acreditando no contrário...

— Achei que havíamos concordado em não falar sobre meu pai.

— Concordamos, mas foi você quem o mencionou primeiro.

— Bem, agora eu quero esquecê-lo, portanto, em vez disso, vamos falar sobre seus pais, e satisfaça minha curiosidade sobre algo que me intriga desde a primeira vez que você mencionou. Você disse que eles haviam morrido num acidente de carro, então, como foi que você foi deixada sem qualquer seguro? Geralmente, nesses casos, há um seguro substancial, principalmente se houver um menor órfão.

Se ela o pressionara para confrontar seus demônios, a pergunta dele caprichosamente a forçava a olhar para os dela.

— Não houve pagamento do seguro pelo acidente — disse ela. — Ao menos, não em meu favor.

— Por que diabos, não?

Ela fechou os olhos, como se pudesse fazer com que os fatos ficassem mais agradáveis. Não aconteceu. Nunca acontecera.

— Foi culpa do meu pai. Ele estava correndo e bêbado. Tristemente, ele e minha mãe não foram as únicas vítimas. Quatro outras pessoas morreram em decorrência de seus atos, e mais duas tiveram ferimentos que as tomaram incapazes. Por conta dos processos judiciais, eu fiquei sem nada, mas minha mãe havia feito um pequeno seguro quando eu nasci. E você já sabe como foi gasto.

— Eles não tinham mais nada de valor? Nenhuma carteira de ações ou imóveis?

Ela sacudiu a cabeça,

— Nunca tivemos uma casa, nem um apartamento. Nossa casa ficava num andar alto, numa suíte de um hotel da moda, com vista para o English Bay, em Vancouver. Um lugar onde eles podiam entreter seus amigos da sociedade e oferecer festas glamourosas.

Niko murmurou baixinho, mas ela não precisava entender grego para saber que ele xingou.

— Então, eles podiam pagar por isso, mas nunca pensaram em guardar para o futuro da única filha?

— Eles viviam o momento. Todo dia era uma aventura e o dinheiro era para ser gasto. E, por que não? Meu pai era muito bem-sucedido no mercado de ações.

— Uma pena que ele não tenha se comprometido a guardar um pouco para o futuro da filha, já que estava gastando tudo consigo mesmo.

— Ele e minha mãe me adoravam — disparou ela. — Faziam com que eu me sentisse amada e querida. Eu levava uma vida encantadora, cheia de ternura, alegria e amor. Isso não tem preço.

— Eles eram crianças mimadas brincando de adultos — disse ele, asperamente. — Mesmo se tivessem lhe deixado uma fortuna, isso não poderia ter compensado pelo que a futilidade deles acabou lhe custando.

— Pare! — ela gritou, incerta do que mais a deixava zangada: o fato de que ele se atrevia a criticar sua família ou o fato de que estava certo. — Apenas cale a boca!

Jogando o cobertor, ela levantou e foi recostar na lateral do barco, junto à proa. Era a maior distância que podia ficar dele. Ele veio atrás dela. Colocou os braços ao seu redor.

— Ei — disse ele. — Ouça.

— Não. Você já disse o bastante.

— Nem tanto. Não até que eu peça desculpas.

— Qual é a parte de cale a boca que você não entendeu? Não estou interessada em seu pedido de desculpas.

— E eu não sou muito bom em aceitar ordens. Além disso, sou a última pessoa qualificada a comentar sobre relacionamentos imperfeitos. — Ele aninhou o nariz na lateral do pescoço dela, com o queixo arranhando um pouquinho. — Perdoe-me?

Ela queria recusar. Terminar as coisas com ele enquanto podia e se salvar de uma mágoa adiante. Porque aquela voz irritante da cautela estava novamente sussurrando em sua cabeça. Eles discordavam em muitas coisas para se manterem em harmonia por muito tempo. Ele não ligava para família. Não acreditava em amor. Não estava interessado em casamento, ou compromisso.

Mas a resistência dela estava cedendo, deixando seu corpo dócil sob o toque, seu coração suscetível à sedução. Muitos homens haviam dito a mesma coisa que ele, até que a mulher certa surgira e os fizera mudar de ideia. Por que ela não poderia ser a mulher a fazê-lo mudar?

— Emily? Por favor, diga algo. Eu sei que a deixei zangada, a magoei, mas, por favor, não se feche para mim.

— Sim, estou zangada — admitiu ela, infeliz — porque você não tinha o direito de tirar minhas ilusões. Estou magoada, porque você foi bem-sucedido. — Ela se virou de frente, em lágrimas. — Passei os últimos 18 anos tentando ignorar a verdade sobre meus pais, a quem tanto quis lembrar como sendo perfeitos. Graças a você, não posso mais fazer isso.

Ele xingou novamente, tão suavemente que pareceu um carinho, e mergulhou o rosto dela em seu ombro. Ela começou a chorar profundamente pelos sonhos perdidos, e a indiferença cruel do destino à dor humana.

— Deixe eu melhorar as coisas, anjo — Niko murmurou dando beijinhos nos cabelos dela. — Deixe-me amá-la como você merece.

E porque ela o queria mais do que queria estar segura, ela ergueu o rosto molhado e o olhou, rendida.

— Sim — disse ela.

CAPÍTULO SETE

O grande ato romântico do amante, pegá-la nos braços e carregá-la para a cama, não funcionava num barco à vela. Embora ela fosse esguia, o corredor simplesmente não era grande o suficiente para os dois ao mesmo tempo. O melhor que ele pôde fazer foi guiá-la de volta à

cabine, descendo os quatro degraus. Ele a pegou pela cintura, com uma mão de cada lado. Ela não era muito alta, tinha pouco mais de um metro e meio, e não pesava mais que 46 quilos, mas era esguia, tinha pernas elegantes e a possibilidade de vê-las nuas o deixou rijo e latejante.

Infelizmente, ao chegarem no quarto, os olhos dela estavam imensos, ela tremia e estava ofegante. Alguns homens poderiam interpretar aquilo como uma avidez equivalente a deles, mas ele já vira refugiados demais, em zonas de guerra, com bombas explodindo.

Virgem ou não, e mesmo parecendo querer muito quando ele pedira para fazer amor com ela, agora que o momento havia chegado, ela estava com medo. E segundo o que ele sabia, isso significava ignorar as exigências de sua libido, pois ainda estava para chegar o dia que ele ia satisfazer suas próprias necessidades acima das de uma mulher.

Em vez disso, ele acendeu os abajures e colocou um CD no som. Com a melodia calmante de Chopin preenchendo o silêncio, ele a puxou para sentar ao seu lado, na beirada da cama, e limpou o restante das lágrimas.

— Você é tão linda — disse a ela.

Ela conseguiu dar uma risada trêmula.

— Duvido. Nunca aprendi a chorar delicadamente. Mas obrigada por dizer. A maioria dos homens não gosta quando as mulheres recorrem às lágrimas.

— Não sou a maioria dos homens — disse ele, passando os dedos pelos cabelos dela, que pareciam cetim frio. Assim como a pele de seu pescoço, quando ele começou a descer, lentamente. — E você, certamente, não é a maioria das mulheres.

Em seguida, ele a tocou nos lábios, provocando, com o polegar. E só beijou quando eles se abriram.

Os olhos dela se fecharam como se o peso dos cílios fosse demais para suportar. Ela suspirou. E ao fazê-lo, toda sua tensão escapou, deixando-a flexível junto a ele.

Niko não queria apressá-la e a segurou na nuca, beijando-a novamente. Ela tinha gosto de vinho e inocência e só quando um sabor sutil de desejo entrou na mistura, ele aprofundou o beijo.

Aos poucos, ela foi ficando mais ousada. Suas mãos subiram por baixo do suéter dele, passando sobre seu peito nu. Ela murmurava pequenos apelos que diziam que havia perdido o medo e estava pronta. Mais do que pronta. Sua fome se igualava à dele.

Contendo a avidez que ameaçava seu controle, ele a despiu lentamente, primeiro tirando seus sapatos e meias, depois seu conjunto de corrida. Uma roupa prática e atraente, mas, por baixo, ela vestia um conjunto de renda cor de pêssego. Um sutiã tão delicado e fino que seus mamilos reluziam em cor-de-rosa através do tecido, e a calcinha era minúscula.

As peças eram provocadoras e estavam coladas em seu corpo, feitas para atizar a paixão de um homem com tanta força que ele teve de desviar o olhar antes que ficasse constrangido. Teve de abrir o zíper de seu jeans ou sofreria um ferimento permanente, de tão apertado. Depois também tirou o suéter e jogou do outro lado da cabine, mandando a cueca em seguida.

Mal interpretando sua súbita mudança de ritmo, ela o afagou nas costas e sussurrou:

— Você está zangado? Eu fiz algo errado?

— Você é a enfermeira — disse ele, quase rouco, virando de frente de modo que ela não poderia deixar de ver o estado em que ele se encontrava. — Parece que você fez algo errado?

Ela piscou. E corou.

Se ele não estivesse com tanta fome sexual e se seu cérebro não estivesse tão concentrado em como ele iria satisfazer isso, teria dito o quanto seu recato o encantava. Mas ele estava no limite e queria focar para dar prazer a ela, então tirou a colcha e a puxou para junto dele.

Querendo ganhar alguma paciência, ele abriu o fecho do sutiã dela. Deslizou a calcinha insultuosa pelas pernas. E quando ela finalmente estava nua diante dele, se deleitou enquanto a olhava. Deslumbrado pela perfeição loura, suas formas delicadas e, acima de tudo, pelo olhar fogo, ele traçou todas as curvas com as mãos, depois fez o mesmo com a boca.

Ela se contorcia no colchão, oferecendo-se a ele sem reservas. Segurando seus ombros de deleite, quando ele encontrou seus pontos mais sensíveis. Arqueando-se como um fio de alta tensão quando ele a levou à beira do orgasmo. E desmoronando de calor ao se render a ele.

O fato de que ela era tão receptiva à sua sedução o gratificava, mas também o inflamava. Ele não era feito de pedra e sabia que não poderia continuar indefinidamente, negando-se o mesmo prazer que estava proporcionando a ela.

Emily também sabia disso e esticou a mão para pegar sua masculinidade, maravilhada com a rigidez, louvando sua vulnerabilidade. Fez isso com tanta reverência que, de alguma forma, conseguiu tocá-lo em outro lugar, em lugares que ele mantinha à parte de outras pessoas. Seu coração, sua alma.

O arrebatamento emocional, tão singular quanto poderoso, o cegou do perigo que o invadia. A responsabilidade, a delicadeza, todos os pré-requisitos que definiam suas ligações sexuais o desertaram. Ele estava consumido por um desejo esmagador de possuir e ser possuído. Parecendo sentir isso, ela se aproximou e o recebeu no meio de suas coxas macias e lindas.

O sangue explodia dentro dele. Niko pôde sentir sua umidade morna e sabia que só tinha um segundo a perder, voltando à sanidade e colocando um preservativo. Então, mergulhou todo dentro dela.

Erguendo o quadril, ela se elevou para recebê-lo, acompanhou seu ritmo implacável, absorvendo sua investida ávida. Ela era escorregadia, quente, apertada. Irresistível. E tomou o corpo dele como refém. Ela o segurava dentro dela, fazendo com que ele esquecesse de tudo exceto o ímpeto de paixão que chegava a um clímax que ameaçava destruí-lo.

E aquilo a capturou também. Ele a sentiu se contrair ao seu redor. Estava levemente consciente de seus gritos abafados, as unhas cravavam suas costas e uma onda explodiu sobre ele. Tirou-lhe toda força e o fez cair em total submissão. Com um gemido que veio das profundezas de sua alma, ele sentiu a libertação transbordar.

Esgotado, mas consciente de que seu peso devia estar esmagando-a, ele lutou para recuperar o fôlego e normalizar seu batimento cardíaco. Finalmente, com um esforço gigantesco, ele rolou para o lado e a levou junto. Olhando para baixo, ele a viu observá-lo com os olhos ternos, seu lindo rosto vermelho. Totalmente desprendida da criatura trêmula de meia hora antes. Curioso pelo motivo, ele disse:

— Você estava nervosa quando eu a trouxe aqui para baixo, não estava?

— Ainda estou.

Não era a resposta que ele esperava, mas ao lembrar do comentário sobre sua experiência anterior, ele se apressou em dizer.

— Se está pensando que me desapontou como minha parceira, karthula, pode ter certeza de que eu não podia querer nada melhor.

— Não é isso — disse ela. — Antes de fazermos amor, eu temia que fosse acabar gostando demais de você. Agora estou com medo, porque sei que estava certa.

A admissão dela causou uma pontada em seu coração, como se ela o tivesse espetado com uma agulha e causado um pequeno ferimento. Ele não estava acostumado a esse tipo de honestidade vindo de suas parceiras.

— Isso é algo tão ruim? — ele perguntou a ela.

— Não necessariamente ruim. Eu sabia que fazer amor com você significava correr um risco. Só não sabia que seria um risco tão grande.

Então, não pense nisso como fazer amor, ele queria dizer. Seja como as outras mulheres que levo para cama, e veja isso como sexo prazeroso. Mas ela estava tão radiante que ele não conseguiu desiludi-la. O que causou outra contração em seu coração. Ela fizera emergir nele uma ternura protetora que parecia tão assustadora quanto inaceitável.

Lendo seus pensamentos com perspicácia, ela disse:

— Não se preocupe, Niko. Não sou tão ingênua a ponto de achar que esse fim de semana seja um prelúdio de um relacionamento a longo prazo. Não espero que isso acabe num pedido de casamento, nem com um anel.

Por que não?

A pergunta quase escapou.

— Não estou em posição de oferecer nenhuma das duas coisas, mesmo que eu quisesse — disse ele, quando se recuperou. — Minha carreira não permite esse tipo de compromisso e eu duvido que alguma mulher ature um marido que fica fora mais tempo do que passa em casa.

— Exatamente. Sendo realista, nenhum de nós está disponível para nada além de um flerte casual. É que eu apenas não sou boa nesse negócio casual.

— Não há nada de errado em gostar da pessoa com quem você está na cama, Emily, e se eu ainda não deixei claro, deixe-me dizer agora que gosto muito de você. Se não gostasse, eu não a teria convidado para viajar comigo.

O sorriso dela se transformou num bocejo levemente disfarçado.

— Que bom — disse ela. — Vou dormir bem melhor sabendo disso, mas primeiro preciso escovar os dentes.

— É claro. Vou usar o banheiro da cabine de cima.

Ela saiu da cama e sumiu, deixando a visão feminina que o instigou. Mas ele também tinha seus rituais a realizar, assegurando que a âncora estivesse bem colocada para passarem a noite. Não havia nada como um veleiro rumando à costa para arruinar uma noite romântica.

Quando ele voltou à cama, cerca de 15 minutos depois, ela estava deitada de costas para ele, dormindo profundamente. Melhor assim. Ela tomava fácil demais que ele esquecesse as regras que há muito tempo estabelecera para si mesmo. Aos que salvava — órfãos, viúvas, idosos —, ele dava tudo de si, pois eles não invadiam sua vida particular. Mas ele aprendera a manter distância daqueles com quem se relacionava o restante do tempo.

Embora ele não a estivesse tocando, estava perto o suficiente para que o calor de seu corpo a envolvesse. Sabia que, se virasse, se fizesse o menor movimento, ele a abraçaria e eles fariam amor novamente. E ela não podia fazer isso. Estava aterrorizada demais pelo poder que ele tinha sobre ela. Aterrorizada que o prazer que ele lhe dava chegasse a um nível insuportável que a fizesse dizer as três palavras que dariam fim ao que ela classificara com um flerte.

Ele podia gostar muito dela, mas isso estava muito longe de querer ouvi-la dizer "eu te amo". Não que ela o amasse. Na verdade, sabia que não. Não podia. Porque qualquer um que tivesse metade do cérebro sabia que aquele sexo feliz e inacreditável não se igualava ao amor.

Homens têm uma mente de mão única, ela ouvira uma colega enfermeira dizer, certa vez. Eles querem a mulher na cama, e fazem com que você sinta que não querem estar em lugar algum, exceto com você — até que no dia seguinte, ou na semana seguinte, quando passam para outra pessoa, você fica se sentindo gasta e incredivelmente imbecil. A única forma de ter o controle é enganá-los ao fazê-los pensar que você não liga se não voltar a vê-los, ou eliminar o sexo de vez.

Fora a experiência desanimadora com o residente do terceiro ano de medicina, cujo ego ultrapassava qualquer coisa que ele tivesse a oferecer, Emily havia aderido à última opção. Ela não arriscaria seu respeito pessoal, ou sua reputação, por um caso de uma noite. O melhor, decidira ela, vendo agora a ingenuidade de sua parte, seria não aceitar nada menos que um total compromisso antes de ter intimidade com um homem. Mas esse argumento prudente foi antes de Niko Leonidas entrar em sua vida e varrer todas as suas noções preconcebidas do que era melhor.

Agora, compartilhando a mesma cama que ele, com a pele vibrando, ela se forçava a permanecer completamente parada, esperando que ele caísse no sono, que sua respiração ficasse constante, indicando que ele dormira.

Os segundos passavam. Estendiam-se a longos minutos. Nada rompia o silêncio, exceto o sussurro do mar e a respiração dele. Ele dormia bem quieto, ao contrário de seu pai que roncava alto, ao adormecer.

Cuidadosamente, ela mexeu o pé, enfiou a mão embaixo do travesseiro. E esperou por um sinal de que ele estivesse desperto como ela. Ele não se mexeu. Convencida de que agora era seguro, ela parou de fingir e abriu os olhos, admitindo a terrível verdade sob a noite enluarada.

Emily estava apaixonada por ele. Já fazia dias. Ela cometera a maior loucura e oferecera tudo que tinha a dar, em troca do que sempre soube que não passaria de um caso passageiro. E agora estava pagando o preço.

A imensidão dolorosa do que ela permitiu que acontecesse a sufocava. As lágrimas escorriam em seu travesseiro e o choro silencioso sacudia seu corpo. Ela voltara a ser uma criança outra vez, deixada com o coração cheio de amor, sem ninguém para dar. Ela queria que Niko a olhasse como seu pai olhava para sua mãe, como se ela fosse a criatura mais linda e fascinante sobre a terra. Ela queria a mágica e a paixão que eles tiveram. Queria tudo isso e queria com Niko.

Resumindo, ela queria o que ele não podia lhe dar.

— Emily? — disse ele baixinho. — Você está dormindo?

— Não — disse ela —, mas achei que você estivesse.

Ela ouviu o remexer do lençol, sentiu a mão dele deslizar sobre sua camisola, parando em seu quadril.

— Estou aqui, pensando em você... E a querendo novamente.

Ele levantou a bainha da camisola, passando dos joelhos. Passando a cintura. A mão dele, quente e possessiva, entre suas coxas.

— Emily? — disse ele, novamente.

Qualquer mulher que quisesse se preservar teria afastado a mão dele, mas Emily Anne Tyler, não. Não, ela se derreteu sob seu toque. Virou de barriga para cima, deixando as pernas se abrirem, mostrando que o queria. Bem, por que não, racionalizava uma parte distante de sua mente. A esse ponto, ela não tinha nada a perder e devia mesmo guardar o máximo de lembranças que pudesse desse encontro encantado.

Ele a beijou na lateral do pescoço. Murmurou em seu ouvido todas as palavras que homens dizem para uma mulher que planejam seduzir. Palavras calculadas para transpor sua resistência e fazê-la ceder a todos os seus desejos. Ele acabou deitando sobre ela, puxando-lhe as pernas ao redor de sua cintura e mergulhando dentro dela, Como se Deus os tivesse desenhado especificamente um para o outro, pensou ela, tentando se agarrar à realidade.

Dessa vez, ele a amou lentamente, causando-lhe leves ondas de deleite, até que ela não pôde mais se conter e, apoiando-se nos antebraços, ele ficou olhando enquanto ela explodia em clímax. Quando ele atingiu seu ápice, ela também ficou observando. Viu seus lábios apertados, como se ele lutasse uma batalha que não tinha esperanças de ganhar. Viu como, no último instante, ele fechou os olhos e gemeu, enquanto seu corpo estremecia na rendição. A honestidade de tudo aquilo a fez chorar novamente.

— O que foi? — perguntou ele, claramente assustado. — Eu a machuquei? Diga-me, manamou.

— Não — disse ela, porque confessar a verdade, dizer que cada toque, cada palavra, cada olhar, a fazia amá-lo ainda mais, não era uma opção. — Fazer amor novamente foi tão lindo, só isso.

Uma desculpa fraca, mas ainda bem que ele aceitou. E a abraçou, puxando-a para recostar a cabeça em seu ombro.

— Foi maravilhoso. E também será, da próxima vez.

Ela conseguiu adormecer com essa promessa, confortada pela batida constante do coração dele embaixo de sua mão, embalada pelo doce balanço do mar.

Eles acordaram quase nove horas. Depois de um café da manhã simples, com iogurte e frutas, levaram o café para o deque. Embora o calor intenso do verão já tivesse passado há muito tempo, ainda era um dia para usar short e camiseta regata.

— Até meio-dia — ele disse à Emily —, você estará deitada no deque, só de biquíni.

— Mmm. — Ela ergueu o rosto para o sol. — Ficar de biquíni num veleiro, em outubro. Nada mal, eu tenho de admitir.

— Feliz por ter vindo comigo?

— Quem não estaria? Aqui é maravilhoso.

Resposta certa, mas não dizia exatamente a verdade. Algo a incomodava.

— Tem certeza?

— É claro — disse ela, mudando de assunto. — Acha que a água estará fria demais para nadar?

— Podemos descobrir mais tarde, se você quiser, mas está um pouco cedo. Emily, há algo...

— Cedo! Nossa, Niko, já são quase dez horas. Você sempre dorme até tão tarde?

— Só quando estou no barco. É minha fuga da rotina diária. — Ele não acrescentou que os perigos de seu trabalho tinham um preço. Ele deixava essa parte de sua vida para trás no instante em saía do iate clube, rumo ao mar.

— Eu sei como é. Essa é uma das razões por eu ter aceitado vir para a Grécia como enfermeira de Pavlos. Eu precisava mudar de ambiente.

— E a outra razão?

Ela mordeu o lábio, pensativa.

— Eu passei a gostar muito dele durante sua hospitalização. De certa forma, nós nos tornamos como pai e filha, mais do que enfermeira e paciente, e eu achava que não podia abandoná-lo.

— Mais como avô e neta, não?

— Quando você não tem nenhum familiar, não se atém a pequenas coisas como essa.

Um mês antes, ele teria analisado essa afirmação, encontrando inúmeras mensagens ocultas. Agora, encarava como era.

— Mesmo depois de todos esses anos, você ainda sente falta de seus pais, não é?

— Sim. Muito.

— E piorou com meus comentários, ontem à noite — disse ele, xingando a si mesmo. — Eu manchei as lembranças perfeitas que você possuía.

— Na verdade, não, porque ninguém é perfeito, nem mesmo meus pais, por mais que eu tentasse vê-los assim. A verdade é que, às vezes, eu penso que tenha sido bom que eles tenham morrido jovens e juntos. Eles não teriam lidado bem com o fato de ficarem velhos, ou sozinhos. E eu jamais teria preenchido o vazio que seria deixado se somente um deles tivesse morrido no acidente.

Ela o cativava com sua honestidade, o que era bem irônico, considerando sua primeira impressão dela, de que não merecia confiança.

— Talvez eles não tenham sido perfeitos, Emily, mas chegaram muito perto quando a fizeram. Tenho certeza de que a amavam muito.

— Ah, eles me amavam — disse ela, afastando-se dele, olhando o horizonte azul —, mas nunca precisaram de mim, realmente. Se quer saber, foi por isso que resolvi me tornar enfermeira. Eu queria ser necessária. Você não, não é?

A pergunta o surpreendeu.

— Por que motivo você acha que eu ponho minha vida em perigo para ajudar outras pessoas?

— Porque são estranhos que invadem sua vida profissional apenas por pouco tempo. Mas sua vida pessoal... Bem, isso é diferente. Só é preciso olhar para o relacionamento com seu pai para ver isso.

Ela via demais, e ele não se rebaixaria a ponto de negar.

— Trazê-lo para a festa não é minha ideia de diversão, Emily.

Ela fez uma careta.

— Culpa minha, fui eu que o mencionei.

— Então, sugiro que façamos um esforço concentrado para que nos livremos dele. Que tal levarmos o barco até a praia e darmos uma caminhada na ilha?

— Eu adoraria — disse ela, entusiasmada. — Deixe-me pegar minha câmera,

Seu alívio foi palpável. Porque ela também não queria o pai dele pairando em volta, pensou Niko, ou porque queria alguma distância entre eles?

Ele não deveria ter ligado, mas ficou irritado ao ver que ligava.

CAPÍTULO OITO

Ótima sugestão, conclui Emily, olhando, enquanto Niko inclinava o motor do bote erguendo-o da água, conforme o fundo do bote se aproximou da ilha. Por mais luxuoso e confortável, a desvantagem do veleiro era que ele não oferecia nenhum meio de escapar quando a conversa saía de controle. E quase aconteceu, beirando o desastre, quando ela tolamente levantou o assunto de querer ser necessária. Mais alguns minutos e seus sentimentos por Niko, os quais tentava desesperadamente reprimir, acabariam transbordando.

Esconder-se atrás da câmera lhe deu a chance de se recompor. Ela tirou fotos de flores que desabrochavam antes do inverno: gerânios e margaridas. Fotografou o iate tranquilamente ancorado na baía. E quando ele menos esperava, tirou fotos de Niko, de seu sorriso estonteante, de seu perfil bem talhado, com os cílios a meio-mastro, apertando os olhos, olhando o mar.

A atmosfera na ilha era diferente, percebeu ela. Mais livre, menos intensa. Ali, ela podia respirar sem se preocupar em manter a guarda. Se necessário, podia abrir distância de Niko. E pelo fato de poder fazê-lo, ela não sentia ser preciso.

Sentindo sua mudança de humor, ele também fez uma brincadeira.

— Se você não tivesse uma câmera presa na cintura, estaria encrencada — disse ele, agarrando-a antes que ela pudesse escapar, depois de ter jogado água nele.

Com esse tipo de problema ela podia lidar.

— Eu gostaria de poder dizer que lamento muito, e ser para valer — disse ela, jogando água nele, novamente.

Subitamente, ele parou de rir e, enlaçando as mãos nas dela, a olhou sério.

— Eu gostaria de levá-la para passear um mês, em vez de um fim de semana — disse ele. — Estar perto de você é bom para mim, Emily. Você me faz lembrar que há mais na vida do que o trabalho. Sou um homem feliz quando estou com você.

A alma dela se elevou diante disso. Será que ele também poderia estar se apaixonando por ela?

Bem, por que não? Ela não estava sempre dizendo aos pacientes e seus familiares que nunca deviam abrir mão da esperança? E ela não via, repetidamente, que os milagres aconteciam? Por que não podia acontecer com ela?

— Se você ficar me olhando desse jeito — continuou ele, baixando o tom de voz a um sussurro — não serei responsável pelo que posso fazer, o que será um erro duplo, pois essa praia não é feita para sedução e eu não trouxe preservativos.

Flertando descaradamente, ela o olhou.

— Então, por que não voltamos para o iate,

Os olhos dele se inebriaram, assumindo um tom de verde escuro.

— Vamos apostar quem chega primeiro no bote, anjo?

Ela descobriu que fazer amor à tarde era diferente. A luz do sol entrando pela janela acima da cama lançava reflexos do mar no teto da cabine, proporcionando uma intimidade que, em princípio, a decepcionou porque ela não tinha como se esconder.

Ele logo acabou com essa tolice. A inspecionou inteira, desde as solas de seus pés até o topo de sua cabeça. Ele encontrou uma pequena cicatriz em sua nádega, de quando ela caíra no vidro, na praia, ainda pequenina, e beijou como se fosse recente e ainda estivesse doendo.

Prestou atenção a cada pedacinho dela, às vezes com as mãos, às vezes com a boca e a língua, parando, de vez em quando, para perguntar.

— Você gosta quando faço isso?

Gostar? Ela nunca se sentira assim. Ele a deixava tremendo de expectativa. Causava um desejo eletrizante em seu corpo, a deixava latejando. E a fazia gritar, implorar por mais.

Até ele, ela nunca tivera um orgasmo. Com ele, ela atingia o clímax tão rápido e com tanta fúria que perdia o fôlego.

Seu toque a fazia ir às nuvens, ela quase tocava o céu, e ele sabia, porque a olhava o tempo todo. Percebia o exato segundo em que ela chegava ao auge, rumo a uma queda livre que desejava jamais terminar.

Então, quando ela estava tonta e exausta de prazer, certa de que não tinha forças para levantar nem um dedo, muito menos atingir o clímax outra vez, ele mergulhava dentro dela, quente, e mostrava o contrário. Presa em seu ritmo, ela chegava ao clímax com ele, num final magnífico.

Às duas da tarde, eles fizeram um lanche de frutas e queijo e comeram na cabine, Beberam um pouquinho de vinho enquanto conversavam mais sobre Niko, o que significou que Pavlos acabou entrando na conversa.

— Ele era cruel com você? — perguntou Emily, quando Niko falou rapidamente sobre sua infância infeliz.

— Não do jeito que você está pensando — disse ele. — Longe disso. Nunca me faltou nada. Roupas, brinquedos, professores, qualquer coisa que eu precisasse, ele provia. Quando chegou a época de minha formação, ele não media esforços para que eu tivesse o melhor. Mandou-me ao mais prestigiado colégio interno da Europa — na verdade, mais de um, já que consegui ser expulso de vários.

— Então, por que a desavença?

— Ele não entendia que havia mais coisa em ser pai do que gastar dinheiro.

— Ou, então, não entendia que você estava clamando por seu amor.

— Com ele, nunca teve nada a ver com amor. Tinha a ver com poder. E, a partir de seu ponto de vista, o dinheiro e o poder eram a mesma coisa. Outro ponto de discórdia entre nós, pois para mim o dinheiro é meramente um meio de se obter um fim. Se eu acabar sem dinheiro algum, encontrarei um jeito de ganhar mais, entretanto nunca deixarei que ele dite minha vida, como faz com a dele.

— Por que acha que ele dá tanto valor a isso?

— Provavelmente porque ele cresceu sem nenhum. Ele foi resultado de um caso entre uma empregada e o filho de um milionário, que a abandonou quando soube que ela estava grávida. Se você perguntasse qual era sua maior ambição quando menino, eu garanto que ele diria que era se tomar um dos homens mais ricos da Grécia, capaz de escolher seus amigos e até sua esposa.

— Aparentemente, ele foi bem-sucedido.

Niko inclinou a cabeça, concordando.

— Sim, mas levou anos. Ele só se casou com minha mãe depois de 31 anos, o que, naquela época, era considerado bem velho. Ela só tinha vinte e era a única filha de um de seus maiores rivais nos negócios.

— Foi por isso que ele se casou com ela? Para ganhar do pai dela?

— Não — disse ele. — Ele realmente a amava. Sou obrigado a lhe dar esse crédito.

— Que pena que ele nunca o tenha visto como o legado mais duradouro vindo dela.

— Eu era rebelde demais, decidido a fazer as coisas do meu jeito, e mandar para o inferno qualquer um que me impedisse.

Ele nunca fora tão sincero com ela. Seria o calor da tarde, ou o fato de terem feito amor, que o deixava mais aberto e fácil de compartilhar a história de sua vida? Qualquer que fosse a razão, Emily estava faminta por saber tudo sobre ele e preparada para ouvir pelo tempo que ele quisesse falar.

— Ele quis que você fosse para a universidade?

— Eu estava convencido de que ele poderia fazer isso acontecer do pior modo, pois eu não tinha dinheiro até fazer 21 anos. Ele via um diploma em negócios como o passo lógico para que eu ingressasse em seu império. Mas eu saí de seu controle quando ingressei na força aérea, e não

havia nada que ele pudesse fazer. Depois que acabei de servir, passei um ano na Inglaterra com um ex-piloto das Nações Unidas, que me ensinou tudo que ele sabia sobre as missões de salvamento e me introduziu nos pontos mais específicos da língua inglesa. Depois disso, eu voltei à Grécia, assumi minha herança e estabeleci minha operação.

— E o restante, como dizem, virou lenda?

Ele levantou e se espreguiçou.

— Não, mas se me perguntar, posso dizer que é muito tedioso e um desperdício de uma linda tarde. O que acha de nadarmos?

Niko terminara de expor sua alma, ao menos por hora, e ela percebeu que não ganharia nada se o pressionasse para obter mais.

— Está bem, se você acha que a água está morna o suficiente.

— Só temos um jeito de descobrir, Emily — disse ele, puxando-a para ficar de pé. — Você vem por livre e espontânea vontade ou terei que atirá-la?

— Ao menos, deixe-me vestir meu biquíni.

— Para quê? — Ele tirou o short e a cueca, depois a camiseta, e mergulhou, nu, em toda sua glória. — Nada como mergulhar ao natural, principalmente porque não temos nada a esconder que o outro já não tenha visto.

— Uma vez rebelde, sempre rebelde — murmurou ela, constrangida, enquanto tirava suas roupas.

Ele a saboreou com um sorriso sensual.

— Eu não esperava que uma enfermeira fosse tão recatada, minha querida. Você está corando até no traseiro.

Só havia uma resposta para isso e ela não perdeu tempo. Colocando as duas mãos sobre o peito dele, o empurrou para dentro d'água.

Depois do primeiro choque, o mar estava deliciosamente refrescante. O céu nunca parecera tão perto, concluiu Emily, boiando, com os cabelos flutuando para trás e o céu azul imenso, acima.

Niko, a quem ela vira nadando até a entrada da baía, subitamente emergiu ao seu lado.

— Você parece uma sereia — disse ele. — Uma sereia particularmente deliciosa.

E ele parecia um deus do mar, pensou ela, com o coração apertado ao ver seus ombros largos bronzeados, seu sorriso brilhante e os cílios cheios ao redor de seus lindos olhos verdes. Não era de se admirar que ela tivesse se apaixonado por ele. Que mulher de juízo perfeito teria resistido?

Eles ficaram deitados ao sol. Ele havia nadado mais do que pretendia, um exercício desgastante que o deixou agradavelmente cansado e feliz em apenas deitar ao lado de Emily, com o corpo encostado, os dedos passando levemente no braço dela. Sem se mexer, sem falar, apenas olhando nos olhos azuis, deixando que a alegria o varresse.

Será que ele estava se apaixonando?

Não podia estar. Isso estava completamente fora de questão. Uma fantasia romântica trazida pela fadiga da mente, pois ele se recusava terminantemente a nutrir a possibilidade de ter

algo a ver com seu coração. No entanto, se isso fosse tão impossível, por que ele subitamente odiava o homem que tirara a virgindade dela? Ela não pertencia a ninguém, exceto a ele, e deveria ter esperado até que ele a encontrasse.

— Que pensamentos sombrios estão passando por sua cabeça? — murmurou ela, ao espiá-lo, com os olhos entreabertos.

A verdade amarga lhe subiu à garganta. Fazendo uma cara feia, ele disse:

— Tenho uma confissão a fazer. Na verdade, mais de uma.

— Ah, é? — uma névoa pairou em seu rosto.

— Para começar, eu estou com ciúmes do meu predecessor.

Claramente perdida, ela disse:

— Do que você está falando?

— Estou com ciúmes da pessoa com quem você dormiu antes de me conhecer.

— Entendo. — Ela se ergueu, apoiando a cabeça numa das mãos, enquanto o olhava. — Devo ficar lisonjeada?

— Não sei. Nunca me vi nesse tipo de situação.

E isso, pensou ele, era todo o problema.

Antes de conhecê-la, sexo era apenas prazer mútuo, sem compromissos. Ele nunca mentia para suas parceiras, nunca fazia promessas que não pudesse cumprir, nunca tivera a intenção de ser cruel. Mas, às vezes, ele as magoava mesmo assim, pois elas queriam mais do que ele podia dar.

Até agora. Até Emily, quando seu plano inicial dera terrivelmente errado, e ele se vira correndo perigo de querer dar mais do que podia.

— Isso não é confortável para você, é? — perguntou ela.

— Não, eu prefiro seguir as regras.

— Que regras?

— As que eu estabeleci para mim mesmo.

— E você as está infringindo comigo?

— Sim — disse ele, melancólico, sem ter certeza se fora a autopreservação ou a autodestruição que o levaram a mostrar sua alma tão brutalmente. — Quando comecei a sair com você, tudo que eu pretendia era agir como um chamariz.

— Um chamariz?

Ele ouviu o alerta na voz dela, e desejou ter ficado de boca fechada. Mas dizer meias-verdades o deixavam se sentindo mal e indigno dela. E, mesmo que não se sentisse assim, ele já falara demais para parar agora.

— Sim — disse ele. — Para mantê-la longe do meu pai. Como não há tolos como tolos idosos, eu decidi intervir e salvá-lo de si mesmo — e de você — desviando sua atenção de um idoso frágil para um homem que pudesse satisfazê-la melhor.

Pasma, ela desviou o olhar, focando a atenção no barco, parecendo fascinada pelo deque de fibra de vidro.

— Então, esse fim de semana é para provar um ponto de vista?

— Não. Esse é problema. Agora é sobre você e eu, e os sentimentos que eu jamais quis. Eu tentei lhe dizer isso outro dia, mas perdi a coragem.

Ela não estava ouvindo. Em vez disso, estava se levantando, sacudindo a cabeça de um lado para o outro, uma criatura ferida, desesperadamente tentando escapar de seu perseguidor.

Chegando ao lado dela como um raio, ele a pegou nos braços. Ela disse a ele:

— Solte-me! — ela gritou. — Nunca mais me toque!

— Você não está me ouvindo, Emily — ele disse a ela, aflito. — Agora, tudo é diferente.

— Claro que é. — Ela estava aos prantos. O som era como farpas no coração dele. — Você finalmente mostrou quem é.

— Não, Emily. Eu cometi um erro imbecil.

— Então, você decidiu me compensar, me dando um fim de semana memorável? Mas que tédio deve ter sido fingir que queria fazer sexo comigo.

— Eu não estava fingindo! Pelo amor de Deus, Emily, você, mais que qualquer outra pessoa, sabe que um homem não pode fingir.

— Então, como conseguiu? Fechando os olhos e imaginando que eu fosse outra pessoa?

Ele a puxou para junto dele, chocado.

— Nunca. Foi sempre você. Só você, desde o começo. Eu apenas não percebi.

— E eu pensando que tínhamos descartado essa ideia horrenda de que eu queria dar o golpe do baú no pobre do seu pai. — Agora ela não estava chorando. Ela estava coberta de gelo.

— Descartamos — protestou ele. — Você é o que sempre foi, linda por dentro como é por fora.

— Não me sinto bonita — disse ela, inexpressiva. — Eu me sinto imbecil e patética, porque permiti me apaixonar por você.

— Então, acho que somos ambos imbecis e patéticos, porque é isso que estou tentando dizer. Também estou me apaixonando por você e o pior é que não sei que diabos fazer a respeito.

— Então, eu lhe digo — disse ela. — Supere isso. Nós dois vamos superar.

A expressão no rosto dele dizia que essa não era a resposta que ele queria ouvir

— Por que devemos? — sussurrou ele, junto aos lábios dela.

Mas o estrago estava feito e nada que ele dissesse ou fizesse endireitaria as coisas novamente.

— Porque não há futuro nisso, para nenhum de nós. — Ela se afastou o suficiente para olhar os olhos dele, depois acrescentou. — Há?

— Se você está me pedindo para prever o que pode acontecer amanhã, Emily, eu não posso. Tudo que temos é hoje. Não pode deixar que isso seja o bastante?

Alegria temporária em troca de uma infelicidade eterna? Sem chance! Ela já estava sofrendo o suficiente e adiar o inevitável só aumentaria a agonia.

— Não. Muito antes de conhecê-lo, eu já decidira que relacionamentos que não dão em nada eram uma perda de tempo.

— Eu poderia fazê-la mudar de ideia, se me deixasse.

Ela temia que ele pudesse e sabia que tinha de se afastar dele, antes que ele conseguisse. Ele a estava beijando nos olhos, cabelos, pescoço. Deslizando as mãos pelos braços dela, por suas costas nuas, com um carinho profundo. Sabotando-a com carícias quando as palavras fracassaram em obter o que ele queria, e sua resistência já estava se esvaindo.

— Não quero mais ficar aqui com você — disse ela, se agarrando à determinação superficial, com o desespero de uma mulher que se afogava. — Leve-me de volta à costa.

— Levarei — murmurou ele. — Amanhã.

— Hoje.

— Oh!... Não. — Ele a pegou no colo e a deitou no chão da cabine. Passou os lábios por seu rosto e levou a boca à dela, beijando-a levemente.

Ele fazia suas pernas tremerem, a fazia tremer por dentro. Ela deixava seu coração desejoso.

— Por favor — ela dizia, sem ação.

— Dê-me uma última noite, minha Emily.

— Não posso.

Ela a tocou entre as pernas.

— Diga-me por que não, se você me quer tanto quanto eu a quero.

Ela estremeceu, tomada pelo fervor da paixão.

— Diga-me por que estou inexplicavelmente atraída por um homem que não faz meu tipo? — disse ela.

— E qual é o seu tipo de homem?

— O tipo que não teme o amor. Que fica feliz com um emprego de nove às cinco e um financiamento imobiliário — disse ela, se agarrando à verdade que recusara a admitir até agora. — O tipo seguro, que não precisa flertar com o perigo o tempo todo, para se sentir realizado.

— Então, você está certa. Eu decididamente não sou seu tipo de homem.

Mas ele a puxou para mais perto, de uma forma que o corpo dela se arqueou ao dele, recebendo sua ereção. Como se ela finalmente tivesse encontrado o que estava procurando. Como se ele fosse exatamente seu tipo de homem.

Ela estava perdida, e sabia disso. A pressão do corpo dele sobre o dela a deixava hipnotizada. Fazia com que ela esquecesse tudo que a traía, até agora. Nada tinha importância, exceto voltar a ter o prazer que só ele podia dar. Se, no dia seguinte, na semana seguinte, voltasse

atrás quanto às suas manifestações de amor, ao menos ela teria esse fim de semana para se lembrar dele.

A fome insaciável chegava a um nível insuportável. Deixando de lado a dignidade fingida, ela se espalhou nas almofadas da cabine. E ele estava sobre ela. Mergulhando dentro dela, quente, pesado, aflito.

Perfeitamente sintonizados, eles subiam e desciam juntos, parando no momento exato para olhar nos olhos um do outro. Não havia necessidade de palavras para justificar uma decisão que ia contra tudo que haviam dito um ao outro. Eles tinham atingido o clímax juntos porque não conseguiam ficar separados. Era simples assim.

CAPÍTULO NOVE

Quando eles finalmente se mexeram e ela mencionou que gostaria de ir ao toalete, Niko passou a mão no queixo, disse que tomaria um banho e faria a barba, mas ela podia ir sem pressa.

— Temos todo o tempo do mundo — disse ele. — Temos mezedes e vinho, e vamos ver a lua nascer, depois jantamos, quando der vontade.

Então ela se deliciou num banho longo, lavou os cabelos para tirar o sal. Depois de se secar, passou hidratante na pele corada pelo sol, colocou um pouquinho de colônia nos cotovelos e atrás dos joelhos e vestiu uma túnica de seda, contente por ter tido o bom-senso de levá-la. Ele dissera que estava apaixonado por ela, mas Emily sentiu que fizera isso de forma relutante, e tinha pouca esperança que ele se sentisse da mesma forma pela manhã. Se fosse o caso de ser esta a última noite que passariam juntos, ela pretendia que fosse uma noite que eles não esquecessem tão cedo.

E não esqueceram mesmo, mas não pelos motivos que ela imaginara. No instante em que o encontrou na cabine, ela viu que os planos haviam mudado. Ele tomara banho, pois estava com os cabelos molhados, mas não havia se barbeado. Não havia sinal dos petiscos que ele mencionara, nem aromas vindo do forno. Só o celular em cima da mesa e a expressão do rosto dele, que prenunciava más notícias.

— Aconteceu algo — disse ela, com um nó no estômago.

— Sim. Receio que tenhamos que voltar imediatamente.

— É Pavlos?

Ele sacudiu a cabeça.

— Acabo de saber de meu diretor de operações que nós perdemos contato com um de nossos pilotos, no norte da África. Ele deveria pegar um trabalhador da Cruz Vermelha que estava ferido, num campo de refugiados. Mas não apareceu.

— O que você pode fazer a respeito?

Ele a encarou como se ela estivesse fora de si.

— Ir achá-lo. O que acha, que vou ficar sentado e deixá-lo perdido no deserto?

— Não, claro que não. — Ela engoliu, sentida pelo tom brusco. — Há algo que eu possa fazer para ajudar?

— Para começar, mude de roupa, coloque algo mais quente. Será uma viagem fria de volta.

Ela devia parecer desconsolada como se sentia, pois quando ele falou novamente sua voz suavizou.

— Sei que está desapontada, Emily. Também estou. Não era assim que eu tinha planejado a noite. Mas quando surgem situações desse tipo, receio que o restante tenha de esperar. A vida de um homem pode estar em risco.

— Eu entendo — disse ela. E entendia. Completamente. Mas, e quanto à vida dele? Estaria em segurança correndo para salvar alguém, sem saber os perigos que podia enfrentar? — Será arriscado ir procurar por ele?

— É possível, mas, e daí? Os riscos vêm com o trabalho. Você vai se acostumar.

Você, talvez, mas eu não, pensou ela, assimilando a dura realidade da vocação dele pela primeira vez, o que a deixou com uma profunda apreensão.

— Como saberá por onde começar a procurá-lo?

— Se ele tiver ligado o radar eletrônico, isso me levará direto até ele. Se não, eu tenho familiaridade com a região, sei aonde ele ia e tenho suas coordenadas antes de ter perdido contato.

— E se não o encontrar?

— Isso não é uma opção — disse ele. — É só um garoto de 23 anos, o mais velho de três irmãos e único filho homem de uma viúva. É meu trabalho localizá-lo e trazê-lo de volta para sua família. Eles precisam dele.

— Mas e se...

Ele a silenciou com um beijo.

— Não tem "e se". Não é a primeira vez que eu terei feito isso e não será a última. Estarei de volta antes que você perceba, no máximo até amanhã à noite, mas nós realmente precisamos ir andando para que eu esteja pronto para partir logo que amanhecer.

Partir para onde? Alguma região árida, a milhas da civilização? Alguma fortaleza, onde a vida humana não conta nada?

— Então, é melhor que eu vá organizar as coisas — disse ela, dando as costas antes que ele visse a desolação em seus olhos.

— Ao menos meu pai ficará contente em vê-la mais cedo do que esperava.

— Imagino que sim.

Ele se aproximou por trás dela e passou os braços ao redor de sua cintura.

— Cheguei a dizer o quanto está linda, Emily? — disse ele, baixinho, junto aos cabelos dela.

Por fora, talvez. Mas por dentro, ela estava desmoronando.

A enfermeira que a substituíra ficou tão feliz em ser rendida que praticamente saiu voando pela porta antes que Emily entrasse.

— É impossível! — disse ela, com um gritinho de indignação, em um inglês falho. — Ele morre, eu me niazi! Não ligo. Mais um dia, eu quebro o pescoço dele. Por favor, não me chamem de novo. Apokliete!

— Tenha uma boa noite — Emily disse, assustada, conforme a porta da frente foi fechada.

Pavlos nem fingiu esconder a alegria quando ela surgiu no café da manhã, no dia seguinte.

— Não demorou muito para que você tomasse juízo, não foi, garota? — disse ele.

— Tente se comportar, Pavlos — estrilou ela. — Não estou com humor para suas bobagens.

Ele sorriu olhando a xícara de café.

— Foi ruim assim, é?

— Para sua informação, eu me diverti muito. A única razão para ter voltado antes foi seu filho ter ido para uma busca por um jovem piloto perdido no Saara.

Seu tom de deboche sumiu, passando a uma expressão de preocupação, mas ele logo a encobriu.

— Maldito tolo! Será bem-feito se acabar sendo morto.

— Vou fingir que não o ouvi dizer isso.

— Por que não? — respondeu ele. — Ignorar os fatos não os modifica. Assim que aparecer o próximo local de conflito, pode apostar que ele estará lá e, qualquer dia, abusará de sua sorte.

Por pior que fosse o momento, a verdade da resposta não podia ser negada e ela não soube como conseguiu passar o restante do dia. Os minutos se arrastavam, as horas duravam uma eternidade. A manhã se transformou na tarde, depois na noite. Cada vez que o telefone tocava, o coração dela disparava. E murchava, quando a ligação não trazia notícias de Niko.

— É melhor ir se acostumando com isso se pretende ficar com ele — Pavlos advertiu ao chegar a hora do jantar, sem notícias.

— Da mesma forma como você se acostumou? — ela respondeu. — Você faz um bom discurso, Pavlos, mas está tão preocupado com ele quanto eu.

— Eu, não — bufou ele, mas não havia qualquer convicção em seu tom de voz, e seu olhar desviava para o relógio com a mesma frequência que o dela. — Para onde disse que ele havia ido?

— Norte da África — o deserto —, não tenho certeza, exatamente.

— Hmm. — Ele tamborilou os dedos idosos na beirada da mesa. — É um território bem vasto para ser coberto por apenas um homem.

Ela fechou os olhos. O medo corria em seu sangue.

— Vá para a cama, Emily — disse Pavlos, com uma gentileza incomum. — Eu ficarei acordado e avisarei, caso tenha notícias.

Como se ela pudesse dormir!

— Não estou cansada, mas você deve descansar.

Entretanto nenhum dos dois se mexeu.

Pouco depois das 11 h, o telefone tocou rompendo o silêncio, pela última vez. Com as mãos trêmulas, ela pegou após o primeiro toque.

— Niko?

Ela o ouviu sorrir.

— Quem mais você está esperando a esta hora?

— Ninguém... Você... Mas ficou tão tarde e você não ligou...

— Você terá de aprender a acreditar no que eu lhe disser, Emily — disse ele. — Prometi que estaria de volta hoje, e estou.

— Sim. — Tonta de alívio, ela pegou a mão de Pavlos e apertou. — Onde está você agora?

— No escritório. Seguirei para casa assim que terminar de fazer meu relatório.

— E o homem que você foi procurar?

— Teve um incêndio em seu painel de controle e isso derrubou seu sistema de comunicação. Ele fez um pouso de emergência numa pista deserta, da Segunda Guerra Mundial. Há dúzias delas, talvez centenas, por todo o Saara. A que ele escolheu ficava a quase duzentos quilômetros de onde ele deveria estar, mas o radar ainda estava funcionando e isso me levou direto até ele.

— Ele está bem?

— Está ótimo, embora eu gostasse de poder dizer o mesmo da aeronave. Mas a boa notícia é que nós pegamos o homem que ele deveria trazer de volta e o levamos até um hospital, menos de 24 horas depois do que era esperado.

— Você teve um dia longo e deve estar exausto.

— Nada que não possa ser consertado se eu for dormir cedo. Eu a vejo amanhã?

— Mal posso esperar — disse ela, — Senti sua falta.

— Eu também, karthula. — O bocejo dele ecoou na linha. — Eu iria até aí agora, mas...

— Nem pense nisso. Vá para casa e ponha o sono em dia.

— Farei isso. Kali nikhta, minha doce Emily.

— Kali nikhta, — repetiu ela. — Boa noite.

Nos dias que se seguiram, ela deveria ter ficado totalmente feliz. Embora ele tivesse vetado qualquer sugestão de que ela deixasse seu trabalho, Pavlos já estava em franca recuperação

e não precisava dela como antes. Aceitando o fato de que ela e o filho estavam juntos, ele se comprometeu a deixá-la tirar os finais de semana de folga.

Ela vivia pelo céu que eram aqueles dois dias e noites. A espaçosa cobertura que Niko tinha em Kolonaki era o refúgio. As salas de estar e de jantar davam para o terraço, assim como a suíte. Uma pequena biblioteca e uma cozinha extremamente moderna completavam o restante do andar principal, com uma suíte magnífica no andar de cima. A decoração era restrita e elegante, como ele próprio, sem aqueles toques pessoais como fotografias, mas com uma imensa coleção de livros e CDs, que diziam seu gosto e davam pistas de um homem contente com a própria companhia.

Ele fazia o melhor para agradá-la durante o tempo que passavam juntos, fazendo parecer que eles eram como qualquer outro casal apaixonado. Encaixando os horários à programação inconstante dele, passeavam pela região rural, indo de scooter se o clima permitisse, mas, nas temperaturas mais frescas de novembro, iam de carro.

Eles escalaram as colinas cobertas de pinheiros atrás da cidade, levaram um cesto de piquenique e velejaram pela costa da península. Às vezes, iam de carro até alguns vilarejos e saboreavam deliciosos pratos em tabernas despretensiosas, cujas paredes eram forradas de tonéis de vinho. Outras vezes, iam até Atenas e jantavam em alto estilo, nos melhores lugares que a cidade tinha a oferecer. Eles dançaram de rosto colado no hotel Grande Bretagne, fizeram amor apaixonado na cama king size dele.

Se tivesse de desmarcar um encontro — e ele o fazia, frequentemente —, mandava flores, ou mensagens de texto, à noite, que ela encontrava ao acordar. Em contrapartida, ela tentava manter sua ansiedade sob controle quando ele estava longe, mas nunca tinha paz de verdade até que ele regressasse. Ela não conseguia dormir e andava pela casa metade da noite. Não conseguia comer porque a ansiedade lhe tirava o apetite. Notando isso, Pavlos nunca perdia a chance de dizer que ela estava cometendo o maior erro de sua vida.

Ela aprendera a viver com tudo isso porque a alternativa terminar — era impensável.

Uma vez, quando Niko descobriu que deixara o celular em cima de sua mesa, no trabalho, ele teve de voltar para pegá-lo e a levou com ele, e mostrou a ela o campo aéreo privativo que servia como sua base operacional. O edifício de teto plano provavelmente só tinha quatro salas, mas era equipado com o que havia de mais moderno em equipamentos eletrônicos. Provavelmente as aeronaves que estavam na pista, do lado de fora, também, mas quando Emily as viu, ficou assustada por parecerem tão frágeis.

— São os que você usa para voar ao exterior? — perguntou ela, tentando disfarçar seu desalento.

Notando, Niko riu e disse:

— Você estava esperando balões de ar, minha querida?

— Não, mas essas coisas são tão pequenas e... Antigas.

— Antigas? — Ele a olhou com um deboche horrorizado, por cima de seus óculos de sol de aviador.

— Bem, sim. Cada um deles contém dois propulsores, na frente.

— Eu sei — disse ele, seco. — É o que os tira do solo e os mantém no ar.

— Mas, por que você não usa jatos? Certamente são mais velozes, não?

— Mais velozes, mas nem de perto tão versáteis ou eficientes com o combustível. Aeronaves de turbinas duplas como essas não exigem uma pista tão longa, podem pousar em qualquer lugar e voar a uma altitude bem menor. — Ele lançou um olhar brincalhão e perguntou: — Quer que eu a leve até lá no alto e mostre o que ele pode fazer?

— Não, obrigada — disse ela, rapidamente. — Eu acredito em sua palavra,

Conforme saiam, encontraram Dinos Melettis, o segundo homem em comando depois de Niko.

— Traga-a para o jantar — insistiu ele, depois de serem apresentados. — Venham hoje. Não temos nada na escala até mais adiante, na semana, o que toma esta noite boa para relaxar com os amigos e Toula adoraria conhecer a dama de sua vida. Toula — disse ele, dirigindo-se a Emily — é minha esposa.

Eles aceitaram o convite e tiveram uma noite maravilhosa.

— Niko nunca trouxe uma amiga à nossa casa — Toula confidenciou a Emily, em seu inglês cauteloso. — Acho que está muito enamorado por você.

Pela forma como ele pressionava o joelho ao dela debaixo da mesa e murmurava baixinho que mal podia esperar até estarem sozinhos novamente, também a fazia pensar isso. No entanto, embora a paixão entre eles ficasse mais radiante a cada dia, em momento algum eles falavam do futuro. Fazê-lo estragaria um presente tão incerto por conta das exigências do trabalho.

Embora Emily fizesse o melhor para conviver com isso, o fato que ela não conseguia superar e que a aterrorizava era o tipo de trabalho que o afastava dela, o fato de que ele sempre se designava às missões mais perigosas.

Quando ela se atreveu a perguntar o motivo, ele disse:

— Porque eu tenho mais experiência e menos a perder.

— Mas e quanto a Vassili? — pressionou ela, referindo-se a outro colega com quem eles haviam encontrado, um dia, em Atenas. — Você me disse que ele é um dos pilotos mais habilidosos que você já conheceu.

— Ele também tem esposa e um filho de dois anos, em casa — respondeu Niko.

Sua resposta a fez tremer até os ossos.

Numa noite de domingo, em meados de novembro, eles estavam no terraço da cobertura, bebericando conhaque e admirando a vista da noite de Atenas, abaixo. Mas embora Niko parecesse perfeitamente relaxado e contente, uma tensão emanava dele, algo que Emily agora reconhecia bem, e ela se preparou para algo que estava por vir.

Ele não a deixou sob suspense por muito tempo.

— Amanhã partirei novamente — disse ele, de modo casual, como se pretendesse jogar golfe, mas depois acrescentou, cauteloso: — Talvez eu demore mais do que o habitual.

Em outras palavras, essa missão seria mais perigosa que as outras,

— Quanto tempo mais?

— Três dias, talvez quatro, mas pode contar que estarei em casa no fim de semana.

— Para onde dessa vez?

— África, novamente.

Uma resposta tipicamente ambígua. Ele nunca esmiuçava seu itinerário exato, e era sempre vago quanto ao motivo para ir. Entregar comida e roupa a um orfanato... Kits de sobrevivência num vilarejo isolado por um deslizamento... Um resgate... Suprimentos para um hospital de campanha, dizia, quando ela perguntava, depois rapidamente mudava de assunto.

Mas ela sabia que nunca era tão direto ou simples como ele fazia parecer. Se fosse, ele não voltaria com uma aparência tão exausta. Ele não acordaria ensopado de suor, depois de um pesadelo que se negava a comentar. Não a agarraria, à noite, como se ela fosse tudo entre ele e um abismo de desespero.

— Em que lugar da África? — agora ela insistiu.

— Faz diferença?

— Sim, faz.

Ele hesitou, mas ela ficou esperando a resposta. Quando ele disse, foi bem pior do que qualquer coisa que ela podia esperar. Era o epicentro da violência, devastação e perigo, e ela ficou com o estômago enjoadado.

Emily sabia como deveria reagir. Calmamente. Com aceitação. E não conseguiu fazê-lo. Dessa vez, não. Em vez disso, ela começou a chorar.

— Ah, Emily — murmurou ele, abraçando-a. — Não faça isso. Ainda temos essa noite.

Mas ela infringira as regras e cometera um pecado capital ao querer o amanhã, e esta noite já não era o bastante.

Suas lágrimas o pegaram desprevenido. Zangado consigo mesmo por tê-la angustiado, e com ela também porque sabia, desde o começo, sobre a carreira que ele havia escolhido, Niko disse:

— É por isso que até agora eu evitei me envolver seriamente com uma mulher. Quando parto em missão, minha atenção tem que estar focada nas pessoas cujas vidas, por um motivo ou por outro, estão em risco. Ficar preocupado com você é uma distração à qual não posso me dar ao luxo.

— Eu sei. — Ela limpou as lágrimas e tentou sorrir. — Estou sendo egoísta e insensata. Desculpe. Não sei o que me deu. Geralmente, não sou tão emotiva.

Ele tinha de admitir que no começo ela não era. Mas, ultimamente, qualquer coisinha parecia aborrecê-la. Na semana anterior, ele havia ido buscá-la e a encontrou chorosa por conta de um pássaro que voara janela adentro e havia quebrado o pescoço. Ele também não ficou feliz pelo pobrezinho, mas ela sabia muito bem que a morte fazia parte da vida e não diferenciava os velhos e jovens, culpados ou inocentes.

— Se isso for mais difícil do que você imaginou e quiser sair — disse ele —, apenas diga. Eu entenderei.

Ela fechou os olhos, contendo outra onda de lágrimas e sacudiu a cabeça.

— Mais do que qualquer coisa, eu quero você.

— Mesmo com a bagagem que trago comigo?

— Mesmo assim.

Ele também a queria. O bastante para passar por cima dos limites que impusera à vida pessoal antes de conhecê-la. E naquele instante, com seu corpo em silhueta sob a luz da cidade e o belo rosto virado em sua direção, ele queria mais ainda.

— Então, agora venha comigo — sussurrou ele, levando-a para dentro, subindo a escada em espiral para o quarto. — Não vamos desperdiçar as poucas horas que restam antes que eu tenha que deixá-la.

Naquela noite, ao contrário de outras, quando seu desejo superava qualquer delicadeza, ele a amou vagarosamente. Preocupado apenas em agradá-la, afastando os demônios de medo de sua mente, beijando-a inteira. Ele a seduziu com as mãos, com a língua. Sentia o cheiro de sua pele. Via a onda de paixão lentamente se apoderando dela, saboreou o mel entre suas coxas. Gravou na lembrança os pequenos mamilos rosados e o gritinho que ela deu quando chegou ao clímax.

Quando ele finalmente mergulhou dentro dela, o fez lentamente. Desejou poder ficar para sempre dentro de sua ternura sedosa e apertada. E quando seu corpo o traiu, como sempre fazia, ele se rendeu com tudo o que era, ou queria ser.

— S'agapo, chrisi mou kardhia — gemeu ele. — Eu te amo, Emily.

Ele acordou pouco antes de amanhecer, saiu da cama silenciosamente para não perturbá-la, pegou as roupas e foi para o banheiro de hóspedes, para tomar banho e se preparar para o dia. Quando terminou, ele voltou ao quarto e ficou olhando enquanto ela dormia.

O sol do começo da manhã banhava seus cílios. Lançava uma sombra perolada nos cabelos que caíam em desalinho sobre o travesseiro. O braço dela estava esticado ao lado dele da cama, como se o procurasse.

Ele queria tocá-la. Colocar os lábios sobre os dela e dizer seu nome. E sabia que não podia, pois se o fizesse, seria impossível deixá-la.

Dando as costas, ele pegou a mala e saiu silenciosamente, deixando a cobertura.

CAPÍTULO DEZ

A preocupação compulsiva tomou conta da vida dela, assombrando seus sonhos.

Niko seguira por espontânea vontade a uma região onde não havia regras de civilidade. Diariamente, os noticiários mencionavam atrocidades. Assassinato e tortura eram comuns, a fome e as doenças alcançavam proporções épicas.

Racionalmente, Emily reconhecia que homens, mulheres e crianças indefesas precisavam desesperadamente do alívio humanitário que gente como Niko se dedicava a prover. Mas a Convenção de Genebra não tinha qualquer significado diante dos crimes cometidos e os que tentavam ajudar eram sujeitados à violência crescente, chegando ao extremo de ter retirar as pessoas de lá para sua própria segurança. Outros perdiam a vida por conta dos princípios em que acreditavam. E se ele se tornasse um deles?

Na tentativa de desviar a mente para outras direções, ela começou a ficar zangada. Por que ele partira sem se despedir? Para poupar a ambos da dor de uma despedida ou por se importar mais com estranhos do que com ela?

Mas essa linha de raciocínio a envergonhou. Como é que alguém sensato, muito menos uma mulher que se dedicava a cuidar de outras pessoas, poderia ser tão egoísta? A compaixão que ele tinha pelos outros era uma das principais razões por ela amá-lo tão desesperadamente.

Então, ela se voltou ao otimismo, dizendo a si mesma que ele era o melhor naquilo que fazia. Jamais perdera um piloto e, para se assegurar disso, insistia que todos os homens envolvidos nessa operação, incluindo ele mesmo, fossem constantemente treinados.

— As emergências não são uma exceção — uma vez ele dissera —, elas são a regra e nós estamos sempre preparados.

Como ela poderia deixar de apoiar medidas tão heróicas? Como poderia se ressentir por ele tirar alguns dias e se afastar dela para fazer diferença nas vidas de pessoas tão menos afortunadas? Até sábado, ela estaria novamente nos braços dele e o pesadelo teria passado.

Mas o fim de semana chegou e passou sem qualquer notícia dele. Na segunda-feira de manhã, ela não suportava mais e desabou na frente de Pavlos.

— Estou morta de preocupação com ele — disse ela, aos prantos.

— Isso é o que acontece ao se envolver com um homem como ele.

— Você fala como se eu tivesse escolha quanto a me apaixonar por ele, mas não é assim que funciona. Aconteceu, apesar da minha vontade.

— O que posso dizer? Eu tentei alertá-la, garota, mas você não ouviu e agora está encurralada numa armadilha da qual não há saída.

— Você não está ajudando — disse ela, em meio às lágrimas.

Ele a olhou triste.

— É porque não tenho como ajudar. Há muito tempo, eu descobri que no que diz respeito ao meu filho, a preocupação é uma perda de tempo. Ele só faz o que quer e qualquer um que o atrapalhar que vá para o inferno.

— Como consegue dormir à noite, Pavlos? — ela chorava, amarga. — Como pode dar as costas ao seu único filho e não dar a mínima se ele está vivo ou morto?

— Anos de experiência em ser desagradável, garota. Da forma como vejo, se eu tentar fazer com que ele desgoste de mim o suficiente, ele sobreviverá apenas para me irritar. Meu conselho a você é o mesmo de sempre: esqueça que o conheceu. Você estará melhor se não souber o que ele anda fazendo.

Mas ela já passara desse ponto sem volta havia semanas e a incerteza por não saber a estava matando. Outra noite andando de um lado para o outro a faria perder a cabeça, então, naquela tarde, enquanto Pavlos cochilava, ela pegou um táxi e foi até o hangar. Melhor saber o pior do que ficar refém dos horrores da própria imaginação.

O hangar estava vazio, exceto por cinco aeronaves que aguardavam na pista, mas vários carros estavam estacionados do lado de fora do escritório. Sem se dar ao trabalho de bater, ela abriu a porta e entrou.

Aglomerados junto à uma escrivaninha, estavam três homens e uma mulher, que conversavam baixinho. Ela reconheceu Dinos e Toula. Os outros dois eram estranhos. Ao ouvirem a porta abrir, os quatro se viraram e pararam de falar, fazendo um silêncio que prenunciava o desastre.

— Emily — Dinos veio até ela, sorrindo. Mas era um sorriso fraco e penalizado, que logo desapareceu.

— Você sabe de algo — disse ela, com o medo que vinha sentindo se cristalizando em certeza. — Diga-me.

Ele não fingiu não compreender o que ela estava falando.

— Não sabemos de nada — ele disse, baixinho. — Estamos esperando...

— Esperando o quê? Para saberem se ele foi preso como refém? Se está morto?

— Não há razão para presumir nenhuma das duas coisas. Ele está um pouco atrasado, só isso.

— Atrasado? — Ela ouviu o tom à beira da histeria na própria voz, e não podia fazer nada para controlá-lo. — Ele está desaparecido, Dinos!

Diante disso, Toula veio até ela e segurou suas mãos.

— Oh!. Não se aflija, Emily. Ele voltará. Sempre volta.

— Como sabe disso? Quando foi a última vez que alguém teve notícias dele?

Novamente, um silêncio terrível pairou, chegando a dar um nó em seu peito. Ela experimentara a mesma sensação sufocante apenas uma vez, no dia em que soubera que seus pais haviam morrido.

— Quinta-feira — Dinos finalmente disse. — Mas isso, em si, não é necessariamente significativo. As vezes, é mais seguro permanecer incomunicável, em território hostil, do que arriscar dizer seu paradeiro.

Ele estava mentindo, e muito mal.

— Você não faz a menor ideia de onde ele está e o que aconteceu com ele, não é?

O olhar dele hesitou e ele sacudiu os ombros, melancólico.

— Não.

Ela sentiu as lágrimas minando em seus olhos e lutou para controlá-las.

— Quando estava planejando me dizer? Ou não tenho o direito de ser informada?

— Hoje, eu iria até você — Toula interrompeu. — Por isso vim até aqui primeiro. Para saber das últimas notícias, torcendo para que fossem boas.

Tomada de desespero, Emily disse:

— Como consegue fazer isso, Toula? Se Dinos não aparece quando deveria, como mantém sua sanidade?

— Eu acredito — disse ela, com os olhos escuros repletos de pena. — Eu rezo para Deus e espero. É tudo que posso fazer. É o que você também deve fazer. Não pode perder a fé.

— Toula está certa, Emily. — Dinos a tocou no braço, gentilmente. — Você precisa acreditar que, independentemente do que tenha acontecido, Niko encontrará o caminho de volta até você.

— Neh... Sim. — Os outros dois homens assentiram, vigorosamente.

— Não há nada que você possa fazer aqui — continuou Dinos, conduzindo-a até a porta. Volte para casa e espere por ele lá. Ligarei no instante em que tiver algo. Onde deixou seu carro?

— Eu vim de táxi.

— Então, Toula a levará para casa.

Dinos não ligou. Ninguém ligou. Mas quando passava pelo hall, na terça à tarde, ela ouviu o som de um veículo deixando a frente da casa. Um instante depois, a campainha tocou. Temendo o pior, ela foi correndo atender e se viu cara a cara com Niko.

Sob a luz alaranjada do sol poente, ele estava recostado à parede, com a mão esquerda junto ao peito,

— Ouvi dizer que você andou perguntando por mim — disse ele.

Ela rezara por esse milagre durante os últimos dias. Tinha ensaiado exatamente o que diria, o que faria. Mas agora, ela havia perdido as palavras e apenas o encarava.

De certa forma, ele parecia do mesmo jeito daquele dia distante, de quando eles haviam se conhecido, no aeroporto. O mesmo jeans, a camisa aberta no pescoço e a jaqueta preta de couro. Os mesmos cabelos negros e os olhos verdes hipnotizantes. Mas aquele homem era o retrato da saúde, Tão forte e invencível que poderia encarar o mundo com uma só mão e sairia vitorioso. Ele pegara o pai no colo, como se Pavlos tivesse o peso de um bebê.

Esse parecia doente. Abatido, de olhos fundos, mal podendo sustentar o próprio peso. A visão deixou Emily paralisada, A deixou muda e pasma.

— Então, Emily?

Recompondo-se com um esforço brutal, ela disse:

— Faz dias que você não se barbeia.

Um sorriso fantasmagórico surgiu nos lábios dele.

— De alguma forma, eu esperava uma recepção mais calorosa. Talvez eu devesse ter ficado longe por mais tempo.

— Talvez devesse — disse ela, quando o choque deu lugar a uma raiva irracional. — Talvez nem devesse ter voltado.

O olhar dele a percorreu e parou em seu rosto, que ela sabia estampar sua infelicidade.

— Emily, karthula — murmurou ele, com um tom carregado de arrependimento.

Ela sentiu revirar por dentro. Desmanchando-se em lágrimas, ela sentiu o coração apertado de vontade de tocá-lo. De sentir a força dos músculos por baixo da roupa, o batimento do coração, pulsando no maxilar. De provar de uma vez por todas que ela não estava sonhando e ele não era um fantasma, era real.

— Eu não disse isso para valer — ela gritou, atirando-se a ele.

Niko fez uma careta e a afastou com um gemido involuntário de dor, reforçando sua impressão inicial de que algo estava terrivelmente errado. Os olhos dele tinham uma expressão febril e gotas de suor se formavam sobre seu lábio superior.

— O que aconteceu com você? — sussurrou ela.

Ele sacudiu os ombros, insolente.

— Só um arranhão no ombro. Nada para ficar alvoroçada.

— Eu é que vou julgar isso — disse ela, puxando-o pela soleira da porta.

Ele entrou, mas cambaleou junto à uma mesa do lado de dentro, mandando um vaso de flores ao chão de mármore. O barulho fez com que Damaris e Georgios viessem correndo da cozinha.

— Preciso de uma mão, aqui — disse Emily, ofegante, segurando o peso de Niko enquanto se esforçava para mantê-lo em pé. — Ajude-me a levá-lo lá para cima, até uma cama.

Lá dos fundos da casa, Pavlos falou.

— Meu quarto é mais perto. Traga-o para cá.

Os três meio que o conduziam, meio que o arrastavam, pelo hall central até a suíte. Conforme o colocaram na cama, a frente da jaqueta abriu revelando uma mancha de sangue na parte esquerda superior da camisa.

A empregada puxou o ar pela boca, mas Emily logo assumiu uma postura profissional.

— Arranje-me uma tesoura, Damaris — disse ela, calmamente, tirando a jaqueta dele. — Terei que cortar a camisa. Georgios, eu preciso de toalhas limpas, desinfetante e água quente.

Embaixo da camisa, ela encontrou uma atadura ensopada de sangue, cobrindo um ferimento perfurante, ligeiramente à direita da junta de seu ombro, pouco abaixo da clavícula.

— Eu diria que tomar um tiro é pouca coisa além de um arranhão, Niko — disse ela, torcendo para que seu pânico interior não ficasse aparente em sua voz.

— O que a faz pensar que tomei um tiro?

— Sou enfermeira. Conheço um ferimento a bala e esse está infeccionado. Um médico precisa dar uma olhada.

— Um médico já viu. Quem você acha que fez o curativo?

— Alguém que estava com muita pressa, pelo jeito. Vou levá-lo ao hospital.

Ele fechou os olhos, a preocupação estampada no rosto.

— Não vai fazer nada disso. Se eu quisesse passar outra noite no hospital, não teria feito Dinos me trazer para cá.

— Não sou Dinos e não vou correr riscos com sua saúde.

— Não sou criança.

— Então, pare de se comportar como uma e faça como estou pedindo.

— Esqueça. Eu não acabei de escapar de um inferno para ser jogado em outro.

Ela buscou o apoio de Pavlos, que estava em pé, impassível, junto ao pé da cama, segurando a grade.

— Pelo amor de Deus, poderia colocar algum juízo na cabeça do seu filho, Pavlos?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não adianta tentar, garota. Ele já resolveu.

Frustrada, ela se virou para Niko.

— Muito bem. Faça como quiser. Mas não me acuse se acabar morrendo.

Ele abriu uma fresta nos olhos.

— Como se você fosse deixar que isso acontecesse, Karthula. Você é meu anjo da guarda.

— Veremos se é o que vai pensar depois que eu tiver terminado de cuidar de você.

Ela colocou um par de luvas cirúrgicas e começou sua tarefa. Até onde ela podia ver, ele não teria sequelas. Ela não encontrou sinal algum da saída da bala quando o virou de lado, o que significava que ainda estava alojada em seu corpo ou, com sorte, teria sido removida pelo médico que o tratara.

— Sim — murmurou ele, quando ela perguntou. — Eu disse a ele que poderia pendurar em seu chaveiro.

Ele tivera sorte. Ela já vira ferimentos à bala bem piores, com danos a órgãos e ossos. Mesmo assim, o ponto onde a bala entrara, em seu ombro, estava horrível, com um inchaço ao redor da sutura e um vermelhão no ferimento. E ali estava a razão da apreensão dela.

— Quando foi que isso aconteceu, Niko?

— Alguns dias atrás.

Típica resposta vaga, pensou ela, exasperada.

— Você foi hospitalizado?

— Uma noite.

— Tomou antitetânica?

— Neh. No outro braço.

— Tem certeza?

— Eu tomei o tiro no ombro, Emily, não no cérebro. Sim, eu tenho certeza. Ainda posso sentir o lugar onde eles enfiaram a agulha.

Ao menos uma boa notícia.

— Você também vai sentir isso — ela alertou, sabendo que ia doer. Mas não tinha escolha. Havia restos de fagulhas e atadura, e só Deus sabia o que mais, colados à sutura e aquilo tinha de ser removido. — Isso não será agradável.

— Faça o que tiver que fazer e acabe com isso — disse ele.

Palavras corajosas eram nada menos do que ela esperava de um homem que se recusava a admitir qualquer tipo de fraqueza, mas quanto ela tirou as beiradas do ferimento com a tesoura, depois lavou a área com água morna, os tendões do pescoço dele pareciam cordas.

Finalmente, com um curativo limpo no lugar, ela disse:

— Por enquanto, é só.

— Bom. Dê-me minha jaqueta e eu vou indo.

Ele se esforçou para sentar, ficou com o rosto cinza e caiu de volta sobre os travesseiros.

Diante disso, ela perdeu a paciência.

— Tente não ser um tolo maior do que já é, Niko Leonidas! O único lugar para onde você vai agora é para a cama, e não precisa de sua jaqueta para isso.

Ele a olhou zangado.

— Ade apo tho re, Emily. Você está começando a me irritar, Emily.

— Nem metade do que você está me irritando. Giorgios, pegue o braço bom e me ajude a levá-lo lá para cima. Vamos colocá-lo no quarto que tem ligação ao meu. E eu sugiro — acrescentou ela, ternamente, novamente falando com Niko — que você não brigue comigo por isso. Já passou dor demais por uma noite.

Embora ele lançasse um olhar sombrio, não resistiu mais e só murmurou;

— Seu comportamento ao lado da cama podia melhorar, mulher. Fugir das forças rebeldes foi um passeio comparado a isso.

Mas até que eles chegassem no andar de cima, na cama que Damaris se apressara em preparar, ele não estava mais brigando.

— Lençóis limpos — murmurou ele, dando um suspiro. — Nunca pensei que dessem uma sensação tão boa.

Um instante depois, ele estava dormindo.

Emily deixou a porta entre os quartos aberta e o olhou frequentemente, ao longo da noite, preocupada com a temperatura que subia, tanto quanto o machucado. A certa altura, ele abriu os olhos e a olhou, sob a luz fraca, como se não soubesse quem ela era. Em outro momento, ela o ouviu murmurar seu nome, delirante, e quando ela encostou a parte de trás da mão no rosto dele, viu que estava queimando. Sem saber a gravidade dos danos causados aos vasos, ela não se atreveu a lhe dar aspirina e teve de se contentar em fazer compressas com água morna. Aquilo ajudou temporariamente, mas não fazia a febre baixar totalmente.

Pelo jeito, ela sabia que só podia ajudá-lo temporariamente, e torcia para que o novo dia o deixasse mais acessível ao tipo de tratamento que só um médico poderia dar. Mas apesar de seus

esforços, ela sabia que não poderia se dar ao luxo de esperar por sua permissão e ligou para o médico de Pavlos.

Ela e o médico haviam desenvolvido um respeito mútuo nos últimos meses, desde que ela viera para a Grécia, e ele refutou o pedido de desculpa por ela perturbá-lo àquela hora.

— Irei logo — disse ele, depois de ouvir sem interromper, enquanto ela relatava a situação.

Ele chegou quando o sol estava nascendo, submeteu Niko a um exame, cuidou do ferimento infeccionado e prescreveu uma receita de antibióticos.

— Sinta-se feliz por ter uma enfermeira de primeira classe na casa, jovem — ele disse a Niko, quando terminou. — De outro modo, você estaria hospitalizado, querendo ou não.

Depois, virando-se para Emily, antes de sair, ele acrescentou, baixinho:

— Troque esse curativo regularmente, e assegure-se de que ele beba bastante líquido para repor o que perdeu. Caso fique preocupada de que ele não esteja ingerindo o suficiente, não hesite em ligar e nós vamos reidratá-lo por via intravenosa. Fora isso, o repouso e a medicação devem resolver. A menos que eu seja chamado antes, passarei por aqui amanhã de manhã.

Durante dois dias, Emily ficou profundamente feliz. Ela tinha seu homem em segurança, perto, e em franca recuperação.

Embora ele dormisse a maior parte do tempo, sempre sentia quando ela estava perto.

— Ei, anjo — ele murmurava, tonto, procurando a mão dela, e seu coração se apertava de amor.

O alívio durou pouco. Na quinta-feira ele estava irritado por ficar confinado na cama e insistiu que se movimentar seria a melhor forma de recuperar sua força. Na sexta, ele desceu para tomar café, e só precisou disso para que as hostilidades com seu pai fossem retomadas. E, como sempre, ela se viu no meio.

— O que está fazendo aqui embaixo? — disse Pavlos, ao vê-lo.

— Tenho coisa melhor a fazer do que ficar deitado na cama o dia todo, velho.

— O quê, por exemplo? — Emily interview, temendo saber a resposta.

— Negócios inacabados — respondeu ele.

— Se o que se refere é voltar à África e tomar mais tiros, pode esquecer.

— Não me diga o que fazer, Emily. Você não é minha guardiã.

— Não, sou a mulher que o ama.

— Tolice maior ainda — interferiu Pavlos —, porque você tem uma rival invejosa, querida. O nome dela é morte. Ele flerta com ela constantemente, e já faz isso há anos.

— Pré sto diavolo — vá para o diabo, velho! — respondeu Niko. — Não sabe nada quanto aos meus motivos e muito menos sobre o meu relacionamento com Emily.

— Eu sei que ela merece um homem disposto a lhe dar mais do que você jamais dará.

— Alguém como você, eu imagino?

— Ao menos, ela não ficaria andando de um lado para o outro sem saber onde estou.

— Porque mal consegue chegar à porta da frente sozinho.

Eles pareciam dois leões brigando pelo domínio de um adversário mais jovem, e aquilo a enojava.

— Eu poderia estrangular vocês dois! — ela explodiu. — São tão cheios de orgulho que nem conseguem ver o que estão fazendo, um ao outro. Ou talvez consigam, mas não ligam.

— Fique fora disso, Emily — Niko a alertou. — Isso é entre ele e eu.

— Não ficarei! — disse ela, tão zangada que quase bateu o pé. — Pelo amor de Deus, Pavlos é seu pai e você é seu único filho. Vocês são os únicos familiares um do outro e já passou da hora de deixarem essa disputa de lado e fazerem as pazes. Eu faria, se estivesse no lugar de vocês.

— Mas não está — disse Niko, com tanta frieza que ela estremeceu —, então, vamos combinar em deixar assim. O que eu e você fazemos no quarto é uma coisa, mas você não me vê interferindo em sua vida o restante do tempo. Eu agradeceria se me concedesse a mesma cortesia.

Se ele a tivesse esbofeteado, ela não teria ficado mais chocada.

— Achei que tínhamos mais do que o que acontece no quarto.

Ele pareceu tão arrasado quanto ela se sentia.

— Temos — murmurou ele, passando a mão pelos cabelos. — Eu a amo, e você sabe disso.

Um dia, ela acreditou que essas três palavras eram a única coisa necessária para que um homem e uma mulher fizessem com que o relacionamento desse certo, mas ela estava errada. Elas não significam nada se vierem envolvidas em ressentimento e estragam o que pode ter sido bonito.

— Talvez ame — disse ela, secamente —, mas não o suficiente.

CAPÍTULO ONZE

Antes que ele pudesse responder sua acusação, ou sequer refutá-la, ela já tinha deixado a sala. Segundos depois, a porta da frente bateu e ouvi-se o som de seus passos correndo.

— Isso foi muito bom — Pavlos disse. — Tem mais alguma coisa planejada caso ela peça bis?

— Não se intrometa — rosnou ele, e saiu atrás dela.

— Faça um favor a ela — a voz do idoso ecoou pelo corredor. — Deixe-a em paz. Ela está melhor sem você.

Talvez estivesse, mas não era da natureza de Niko desistir de uma briga. Se fosse, ele já estaria morto. E eles haviam investido muito um no outro para que terminasse assim.

Abrindo a porta com a mão boa, ele parou nos degraus da frente e protegeu os olhos do sol matinal. Ela já ia longe, passando por um pavão no gramado.

Na intenção de detê-la, Niko saiu correndo. Outra atitude imbecil, ele logo notou. Cada osso de seu corpo doeu, conforme ele batia os pés no chão, correndo. Ele não tinha percorrido nem quarenta metros, estava sem ar, e seu ombro latejava tanto quanto no dia em que levara o tiro. E se isso não fosse indigno o suficiente e agora seu pai estava em pé, na soleira da porta, vendo o fiasco.

— Emily — o esforço em elevar a voz quase fez Niko cair de joelhos.

Ela virou de volta.

— O quê?

Ele não conseguiu responder. Seus pulmões estavam explodindo e havia pontos pretos dançando diante de seus olhos. Humilhado por sua fraqueza, sem mencionar a platéia, ele se curvou, ofegante.

Vendo o estado dele, ela voltou, lentamente.

— Eu já sei o quanto você pode ser cruel — disse ela —, mas não sabia que também era imbecil. Você provavelmente fez seu ferimento voltar a sangrar e perdeu toda melhora que conseguiu até agora. Continue assim e vai acabar no hospital, querendo ou não.

— Quero ficar com você — ele disse, respirando ofegante.

— Para quê? Não temos nada em comum fora do quarto, lembra?

— Sabemos que isso não é verdade.

— Então, por que você disse?

— Porque eu estava, estou frustrado. Não aguento mais não poder cuidar da minha vida e ficar recebendo a hospitalidade rabugenta do meu pai. Quanto mais rápido eu voltar para a cobertura, será melhor para todos.

— Você não está em condições de voltar à cobertura — disse ela, secamente.

— Que pena, pois vou mesmo assim. Pavlos e eu provocamos o que há de pior um no outro. Sempre foi assim. — Ele pegou a mão dela. — Venha comigo, anjo. É sexta-feira e temos o fim de semana inteiro pela frente. Vamos passá-lo juntos, recuperando o tempo perdido.

— Não sei, não. Pelo seu histórico recente, eu duvido que você se sinta muito... Energético.

— Meu tórax pode não estar muito bom, mas abaixo da cintura está tudo funcionando muito bem — ele a assegurou. — Totalmente recuperado ou não, eu a quero tanto que chega a doer. Mais que isso, preciso de você.

— Você só está dizendo isso para ter as coisas do seu jeito.

Irritado, ele estrilou:

— Achei que você me conhecesse mais, Emily, mas já que aparentemente não conhece, deixe-me esclarecer uma coisa. Não preciso mentir para que uma mulher durma comigo, e se você

acha que é o que estou fazendo agora, então talvez deva continuar correndo na direção oposta sem olhar para trás. — Ele soltou a mão dela e deu um passo atrás. — Está livre. Pode ir.

Ela mordeu o lábio. Uma lágrima solitária desceu por seu rosto.

— Não consigo. Eu te amo.

— Então, por que está aí, discutindo?

— Eu não sei — disse ela e, chegando mais perto, mergulhou o rosto no pescoço dele.

— Vá com ele — disse Pavlos, quando ela contou que Niko estava voltando para a cobertura após o almoço, depois a surpreendeu acrescentando: — E não se preocupe quanto a estar aqui na segunda-feira. Fique uma semana, ou o tempo que for preciso para que ele fique em pé. A julgar pelo que acabo de ver, ele não é o homem de ferro que acha.

— Mas você me contratou para cuidar de você — protestou ela, embora eles soubessem que ele já não precisava de uma enfermeira residente há dias.

— Nesse momento, ele precisa de você muito mais que eu.

— Receio que esteja certo.

— Então, arrume a mala e vá. Como vão para a cidade?

— De táxi.

— Não precisa. Giogios os levará na Mercedes. Será mais confortável para o super-herói.

Ela lhe deu um beijo no rosto.

— Obrigada, Pavlos. Você é uma manteiga derretida por baixo dessa rabugice.

Ele afastou a mão dela com afeição.

— Olhe como fala, garota. E não se apresse em ser grata. Meu filho é um sujeito bem teimoso e não espere ter moleza com ele.

Mas ela não ligava para ter moleza, contanto que ficasse com ele.

Assim que eles chegaram à cobertura, começou a chover. Gotas imensas caíam no terraço. Nuvens carregadas cobriam as janelas que iam do teto ao chão, na tarde escura. Eles não ligavam. Com todos os dias de isolamento esplêndido que teriam adiante, eles não precisavam dos raios de sol. Tudo que precisavam era um do outro.

Naquela noite, eles pediram o jantar, comeram à luz de velas e foram deitar cedo. Sabendo que o dia o deixara exausto, Emily não esperava fazer amor, nem se importava. Ela estava feliz em ficar simplesmente deitada ao lado de Niko, em sua imensa cama, escutando seu coração, porque uma semana antes ela temera jamais fazer isso novamente. Mas ele estava vivo, eles estavam juntos e isso era tudo que importava.

Mas a proximidade era um afrodisíaco poderoso e o desejo a tomava em ondas leves, não com a impetuosidade à qual eles estavam acostumados. Ele virou de lado e sua perna encostou à

dela, a pele peluda roçou na coxa macia e morna. E a mão dele deslizou pelo quadril dela, até a bainha da camisola curta, e subiu por suas nádegas. Os lábios dele procuraram pelos dela, e ele disse seu nome como um convite, quando ela esticou a mão e encontrou sua rija excitação.

Devagarinho, ele se posicionou no meio das pernas e mergulhou dentro dela. Eles se mexiam juntos, numa sinfonia lenta, adorando um ao outro, com leves murmúrios de amor. Chegaram ao clímax juntos, com a paixão transbordando entre eles, como ondas que banhavam a praia. Adormeceram um nos braços do outro, saciados de prazer, e despertaram para uma manhã limpa e ensolarada.

E assim começou a semana que ela saberia que lembraria para o resto da vida. Às vezes, eles dormiam até tarde. Outras vezes, iam ao mercado e voltavam para casa cheios de guloseimas. Carne de cordeiro para fazer souvlaki, ou carne moída para o moussaka. Camarões frescos e lulas, queijo e azeitonas para a mezedes.

Ignorando Niko, que ria e a lembrava que eles só estavam fazendo compras para dois e não para um exército, ela ficava na seção de frutas e legumes escolhendo berinjelas, pimentões e tomates, assim como limões, tangerinas e melões. Ela foi até a padaria e comprou o pão ainda momo, e numa outra lojinha na entrada no Plaka que vendia mel, café, iogurte e castanhas.

Ela aprendeu a fazer tzaziki e saganaki. Tentou até fazer baklava. Embora ele tivesse uma empregada que geralmente vinha a cada dois dias, quando ele estava em casa, Emily a mandava voltar, preferindo trocar os lençóis e cuidar da roupa ela mesma, enquanto Niko fazia as ligações para saber o que estava se passando no hangar.

Eles saíam para caminhar pela cidade. Visitavam museus e igrejas antigas. Viam as galerias de arte e lojas de antiguidades. As vezes, saíam para fazer uma refeição. Na maior parte do tempo, ficavam em casa, preferindo ficar sozinhos.

Eles faziam amor sempre que tinham vontade. Subitamente, com impetuosidade, no fim da tarde, no tapete, diante da lareira da sala. Sonolentos, no meio da noite, loucamente, na escrivaninha do escritório, enquanto ele tentava manter uma conversa telefônica séria, falando com Dinos.

Ficavam deitados, preguiçosamente, no sofá da sala, liam ou ouviam música, desfrutando do prazer de simplesmente estarem juntos sob o mesmo teto.

Era como se estivessem casados, exceto que o casamento era um assunto que eles nunca discutiram. Fazê-lo significaria falar do futuro e traria aquele mundo de volta. O mundo que o tirara dela. Melhor viver no paraíso de um tolo.

Mas aquele mundo temível interferiu, mesmo assim, evidenciado pela ansiedade dele que aumentava, à medida que ia recuperando as forças. Os telefonemas ao escritório já não eram mais suficientes para satisfazê-lo. Ele começou a passar um tempo no hangar novamente, primeiro uma ou duas horas e, na metade da segunda semana, já estava de volta ao trabalho praticamente em horário integral. O comportamento caseiro havia enfraquecido, embora seu desejo por ela, não. Ele estava querendo algo mais desafiador que acender lareiras ou apertar os tomates para ver se estavam firmes.

— Eu sou o chefe — disse ele, quando ela protestou com ele. — Os chefes devem liderar, não ficar em casa e deixar que os outros façam o trabalho para eles.

As coisas mudaram no terceiro domingo. Ele ficou o dia todo nervoso. Finalmente, quando a noite chegou e as canções de natal começaram a tocar no rádio, ele serviu uma taça de vinho a cada um e veio sentar ao lado dela, no sofá.

— Tenho algo a lhe dizer, karthula — começou ele.

Ela sabia o que era, sem ter que fingir.

— Você vai partir novamente.

— Sim.

— Quando?

— Amanhã.

— Tão em cima da hora?

— Não, exatamente. Eu já estou sabendo há alguns dias.

— Para onde dessa vez?

Ele olhou para a lareira e para as rosas vermelhas que ela arrumara num vaso, na mesinha de canto, olhou o livro virado de cabeça para baixo, no sofá. Olhava para todo lado, exceto para ela, que sentiu o estômago revirar.

— Oh, não — sussurrou ela, trêmula. — Por favor, não me diga que você vai voltar àquele lugar horrendo.

— Eu preciso — disse ele.

— Por quê? Para tomar outro tiro, dessa vez fatal?

— As pessoas de lá estão passando uma situação terrível e precisam de ajuda. E eu preciso que você entenda que não posso dar as costas para eles.

A raiva se acumulou nela, que bateu nele, no braço direito.

— E quanto ao que eu preciso, Niko? Ou isso não importa para você?

— Eu dei tudo de mim.

— Não. Você me dá o que sobra depois de cuidar dos outros.

— Não é verdade. Você é o que me mantém são quando o mundo ao meu redor fica enlouquecido. Antes de nos conhecermos, eu nunca ligava se voltaria para casa. Agora, eu vivo pela hora de podermos estar juntos novamente.

— Claro que sim — disse ela, as lágrimas embargando a voz. — Eu sou o corpo quente que o faz esquecer os horrores que você deixou para trás, mas isso não muda o fato de você se importar mais com estranhos do que jamais se importará comigo.

— Eu não mereço isso, Emily.

— Eu não mereço ser deixada esperando, imaginando se você voltará para mim inteiro ou num saco de cadáveres.

— Não, não merece — disse ele, pousando a taça de vinho e indo até a porta de vidro do terraço —, e é por isso que nunca lhe prometi o eterno. Eu sempre soube que não poderia lhe dar isso.

Então, ali estava. O fim do caso abordado com toda honestidade que era sua marca registrada. Eles finalmente haviam esgotado o tempo e o amanhã que ela tentara tanto adiar, estava na porta.

Repleta de dor, ela disse:

— Nós nunca nos acertamos direito, não é?

— Nunca — admitiu ele, depois de um silêncio terrível.

— Foi sempre algo do tipo um trem de passagem.

— Acho que é isso.

Mas a voz dele estava falhando, como se ele estivesse engasgado. E ela... Ela estava perigosamente próxima das lágrimas. Emily seguiu os passos dos pais e fizera tudo para viver o prazer do momento. E ao fazê-lo, ela perdera tudo. O maior erro também fora dela.

— Então... — Ela deu um suspiro trêmulo. — Acho que é hora de dizer adeus.

— Acho que é.

— É melhor.

— Provavelmente.

Ela fincou as unhas nas palmas das mãos. Mordeu o lado de dentro do lábio até sentir o gosto de sangue.

— Vou arrumar minhas coisas e ir embora. Você deve ter muita coisa a fazer e não precisa de mim.

Ele não discutiu, apenas endireitou os ombros e se virou de frente para ela, com uma expressão indecifrável.

— Tudo bem. Vou levá-la de carro até a casa.

E submetê-los a mais sofrimento?

— Não — disse ela. — Tem um ponto de táxi do lado de fora do seu prédio. Eu tomo um táxi.

Ela deixou a taça de vinho intocada ao lado da dele e subiu ao quarto para jogar as roupas na mala. Ela tinha que ir embora logo, antes que caísse de joelhos e implorasse para que ele não a deixasse.

Emily finalmente estava pronta. Tudo que restava era ir embora e deixá-lo. Se houvesse uma entrada dos fundos para a cobertura, ela teria saído, poupando aos dois a agonia de um último adeus, mas ele continuou na sala que dava para o hall.

— Acho que peguei tudo — disse ela, olhando para frente, porque se olhasse nos olhos verdes mais uma vez perderia a cabeça.

— Se esquecer de alguma coisa, eu mando para a casa.

— Obrigada. — Ela engoliu com dificuldade. — Cuide-se.

Ela tentou abrir a porta. Remexeu na fechadura, que se recusava a destrancar. Sentiu um movimento atrás dela, e renovou suas forças, sem querer que ele a ajudasse.

Não podia olhá-lo, nem falar com ele, nem deixar que ele se aproximasse novamente. Não podia.

Com os olhos transbordando de lágrimas, ela fez uma última tentativa e a fechadura destrancou, mas a porta se recusava a abrir. Foi quando ela percebeu, por entre as lágrimas, que ele a estava segurando. Acima da batida tormentosa de seu coração, ela ouviu a voz dele, dizendo, morna em sua nuca.

— Emily, não vá — ele implorou. — Não precisa terminar assim.

Ela perdeu as forças, tão magoada que não conseguia mais lutar. Largando a bagagem, ela virou e se agarrou a ele, aceitando o fato de ser impotente para recusá-lo, assim como para mudar o rumo que ele tomara antes de conhecê-la.

— Eu temo tanto por você — disse ela, aos prantos.

— Eu sei, meu bem — disse ele, beijando seus olhos, suas lágrimas. — Eu sei.

Com uma fome sem remorso, que os escravizara desde o começo, eles se agarraram como loucos, sabendo que ficarem separados era pior do que estarem juntos. Ela se agarrou a ele, passando as mãos na frente de sua camisa, abrindo os botões. Ele a prendeu junto à porta, levantou sua saia e arrancou sua calcinha. Tirando o jeans, ele a ergueu do chão, passou as pernas dela ao redor de sua cintura e mergulhou nela, como se ela fosse sua única salvação.

Depois disso, a partida dela era algo fora de questão. Em vez disso, eles tentaram fazer o que vinham fazendo tão bem ao longo das duas últimas semanas. Tentaram brincar de casinha.

Ele escolheu as roupas que levaria pela manhã. Ela as dobrou como uma boa esposa faria e as colocou na bolsa de lona que guardava o suficiente para os dias que ele ficasse fora. Ela notou que tinha coisas demais, três jeans, oito camisas e várias trocas de cuecas e meias.

Eles tentaram falar de tudo, exceto o lugar onde ele estaria amanhã, naquele horário, mas a conversa travava e eles caíam em silêncio antes de outra tentativa de uma conversa normal.

Sentaram-se para jantar, mas deixaram a mesa, pois nenhum dos dois conseguia comer. Os olhares se cruzavam e desviavam, quando a emoção ameaçava sufocá-los.

— Vamos parar com isso — ele finalmente disse. — Venha para cama, khristo mou. Deixe-me abraçá-la e amá-la mais uma vez antes que eu vá.

Ela procurou fundir seu corpo ao dele, numa tentativa desesperada de parar o tempo. Guardando todas as palavras, os toques, para um futuro vazio. Ela desejou poder fechar a mente e apenas ouvir seu corpo. Mas a perspectiva sombria de vê-lo voar rumo ao perigo, à morte, ainda a assombrava. Isso a deixava esgotada, sem o que dar significado à sua vida.

— Por favor, não vá — ela finalmente implorou. — Se você me ama, por favor, fique comigo.

— Não posso — disse ele.

E ela também não podia. Ele era um aventureiro, um rebelde de coração, tanto quanto aqueles contra quem lutava, apesar de suas razões serem diferentes. Arriscar a vida dava a ele uma adrenalina que ela jamais entenderia. Ela precisava de estabilidade — um lar de verdade, um marido, filhos — e não conseguiria viver indefinidamente no limite da sanidade, esperando pelo que ele não poderia lhe dar.

A luz do banheiro da suíte entrava no quarto, fazendo sombras nos cantos, mas iluminando o suficiente para que ela o visse dormindo. As horas estavam passando rápido demais, e ela guardava na memória a curva de seus lábios, o formato das maçãs de seu rosto, seus cílios imensos.

Lá fora, o céu parecia mais leve e era o precursor de um novo dia infernal anunciando ser o último dia que passariam juntos. Ela não queria ver nem ouvir e fechou os olhos, apertando o corpo junto ao dele, inalando a essência de tudo que ele era.

6h30.

Hora de agir.

Travando o relógio antes que despertasse perturbando o silêncio, Niko tirou um instante para saborear o calor do corpo dela junto ao seu. Fingindo dormir, ele a ouvira chorar baixinho durante a noite. Fora preciso cada célula de seu corpo para que ele não a abraçasse e dissesse o que ela queria ouvir.

Mandarei outra pessoa em meu lugar e ficarei com você. Vamos nos casar, ter um lar, formar uma família.

Ela ficou exausta antes que a tentação o traísse. Agora ela dormia, com as mechas de cabelo louro espalhadas sobre o ombro dele, como se isso o prendesse a ela. Ela era jovem, linda. Indefesa como uma criança e profundamente triste.

Ele fizera isso a ela. O que começara como um flerte inofensivo, com a intenção de mostrar a Pavlos que sua confiança estava mal depositada, desabrochava, tornando-se algo fora de controle. Niko viu quando começou a acontecer, mas não fez nada para impedir. Ela o cativara como nenhuma outra mulher que conhecera e ele cometeu o erro fatal de se apaixonar por ela.

Pior, egoísta bastardo que ele era, deixara que ela se apaixonasse por ele. E agora tinha de deixá-la, pois sabia que o "viveram felizes para sempre" não fazia parte do jogo. De seus 15 empregados, dez eram pilotos. O mais jovem era solteiro e ainda morava na casa dos pais. Cinco outros eram divorciados, vítimas da carreira que exigia demais das mulheres que os haviam desposado e tido seus filhos.

Ele não queria isso para ela. Para eles. Preferia perdê-la agora, com boas lembranças ainda intactas, do que esperar que toda a alegria e a paixão se transformassem num ressentimento amargo.

6h31.

Cautelosamente, ele saiu da cama, pegou suas roupas e, como fizera antes, desceu para tomar banho e se vestir no banheiro da suíte de hóspedes. Como sempre, ficou embaixo do jato d'água por um tempo enorme, pois não havia como saber quando teria acesso à água quente e toalhas limpas. Porém, naquela manhã, ele se preparou rapidamente para o dia.

6h49.

Pronto para partir. Um homem melhor do que ele jamais seria pegaria a mala e partiria. Ele não podia ir sem um último adeus, e foi até a biblioteca para encontrar caneta e papel.

Eu a amo o bastante para deixá-la livre para o tipo de vida que você está buscando, escreveu ele. O homem que possa lhe dar isso realmente terá muita sorte. Seja feliz, Emily.

Depois parou na sala, tirou uma rosa do arranjo que ela colocara no vaso e subiu de novo.

Ela estava deitada exatamente onde ele a deixara. Ele morreu de vontade de tocá-la. De sussurrar seu nome, de saborear seus lábios mais uma vez.

Mas ele fez a coisa certa. Colocou o bilhete em cima do travesseiro e a deixou.

CAPÍTULO DOZE

— Ele partiu novamente — disse Pavlos, analisando tudo com os olhos idosos e sábios. — E a deixou.

Infeliz demais para aparentar um rosto feliz, Emily desmoronou na cadeira ao lado da dele.

— Sim.

— E agora?

— Acho que também devo ir, Pavlos. Aqui não há mais nada para mim. — Exceto uma rosa murcha, um bilhete que põe fim era tudo e um coração em frangalhos.

— Tem a mim.

Ela sacudiu a cabeça tristonha.

— Eu já tirei vantagem de sua generosidade por tempo demais.

— Bobagem! Você cuidou de mim até que eu recuperasse minha saúde, aturou meu mau humor e...

— E agora você está bem novamente. — Ou o melhor que poderia ficar. A bacia havia sarado relativamente, mas seu corpo de 86 anos estava esgotado e não havia nada que ela pudesse fazer quanto a isso.

— Você me deu um motivo para sair da cama, de manhã — insistiu ele. — Passei a gostar de você. Você é como uma filha para mim e sempre terá lugar em minha casa.

Por um instante, ela ficou tentada. Ser necessária, querida, fazer parte de uma família, apesar de pequena... Não era a paz de espírito que ela sempre buscara, desde que tinha nove anos? Mas o bom-senso dizia que ela não encontraria isso naquela casa. Ela nunca ouviria a campainha sem ter esperanças de que Niko viesse lhe dizer que havia mudado de ideia, que queria isso tudo com ela.

Se Pavlos fosse realmente só, talvez fosse diferente, mas ele tinha a dedicação dos devotos Giorgios e Damaris para cuidar de suas necessidades diárias e o médico da família que o visitava três vezes por semana. Ela o deixaria em boas mãos.

— Também gosto muito de você e jamais me esquecerei de sua bondade — ela disse, baixinho —, mas minha vida é em Vancouver. Eu tenho uma casa lá. Tenho amigos, uma carreira, obrigações financeiras e profissionais a honrar.

— E eu não sou o suficiente para fazê-la dar as costas para isso. — Ele suspirou e assentiu, aceitando. — Você manterá contato?

— É claro.

— Imagino que eu não precise lhe dizer que meu filho é um tolo.

— Não mais do que eu fui, Pavlos.

— Eu tentei alertá-la, garota.

— Eu sei que sim.

O problema foi que o alerta chegou tarde demais. Já era tarde demais a partir do momento em que ela e Niko pousaram os olhos um no outro. A atração entre eles saía de controle, criando uma combustão instantânea que destruiria tudo que estivesse pelo caminho. O medo de viver para se lamentar se dissolvera diante da empolgação, da alegria de estar apaixonada. Nada se comparava a isso.

O que ela não sabia era que, ao terminar, foi-lhe tirado muito mais do que ela poderia imaginar. Sem Niko ela ficava vazia, incompleta. Fazia menos de três meses que ela o conhecera e, durante aquele tempo, ele virou sua vida de cabeça para baixo, roubou tudo que ela tinha a dar, e a deixou sem nada.

Assim ela acreditou, ao dizer adeus a Pavlos. E, talvez, se tivesse escolhido uma outra carreira, ela atribuiria suas mudanças de humor e exaustão ao inevitável abalo emocional causado pelo seu caso de amor que deu errado. Mas a faculdade de enfermagem a ensinara bem. Ela estava sintonizada com seu corpo e, quando chegou o fim do ano, nem precisava de um teste de gravidez para conformar a causa de sua fadiga e enjoo diário.

O futuro que Niko mencionara que ninguém poderia prever estava ali e eliminava qualquer possibilidade de que ela um dia pudesse esquecê-lo. Ele sempre estaria com ela, em seu filho.

A percepção estilhaçou o torpor que a envolvera desde que ele partira. Pelo amor de Deus, ela era uma enfermeira de 27 anos! Deveria saber como se proteger de uma gravidez indesejada. Como pôde ser tão negligente?

Exceto pelo fato de que não fora. Nem Niko. Mesmo nos momentos mais espontâneos, eles tomaram precauções, a ponto de Niko brincar mencionando que compraria camisinhas por atacado para não ter que ir tanto até a farmácia! Mas houve algumas vezes em que eles esperavam até muito tarde para ser seguro. Que idiota ela fora ao se expor a tal risco, e deve ter concebido ali.

Seu médico, a quem ela foi ver no fim de janeiro, logo ratificou essa teoria.

— Você já está em seu segundo trimestre, Emily. Aproximadamente 16 semanas,

— Não pode ser. — A menos que... Tivesse sido no barco? Eles ficaram muito empolgados pela novidade, para serem responsáveis como deveriam ter sido.

— Tem certeza de que menstruou pela última vez no fim de outubro?

— Estou quase certa — disse ela, vagamente lembrando que seu fluxo havia sido menor que o habitual. Somente uns respingos, mas ela não prestara muita atenção, á época. Estava ocupada demais se apaixonando.

— E quanto ao pai?

— O que tem ele?

— Vai contar a ele?

— Não.

— Por que não?

— Porque não estamos mais juntos. Ele não tem vontade de ser pai, ao menos comigo.

Naquela noite, ela ficou deitada, cercada por todas as coisas que descreviam um lar. O papel de parede azul e branco que ela mesma colocara. A colcha feita a mão que ela comprara num leilão, três anos antes. Sua cama de quatro mastros, o baú e a cômoda. A fotografia de seus pais no porta-retrato prateado e duas pequenas pinturas a óleo, que ela encontrara numa liquidação, no verão em que se formou da faculdade de enfermagem.

Eram provas de que ela não precisava de um homem por perto, disse a si mesma. Perto do nascimento, ela colocaria uma cadeira de balanço no quarto, perto da janela, onde amamentaria o bebê e um cestinho perto de sua cama. Ela pintaria unicórnios na parede e um anjo da guarda, pois toda criança precisava ter um anjo da guarda, mesmo que não pudesse ter um pai.

Um pai... Niko...

As lembranças passaram por sua cabeça. De sua respiração morna quando ele se inclinava para beijar seu pescoço e dar bom-dia.

De seu corpo longo e forte, sua pele morena. Do peito musculoso, a curva provocadora de suas nádegas.

De seu belo rosto e dos olhos hipnotizadores, da forma como escureciam quando a paixão se apoderava dele.

De seu riso, seu senso de humor malicioso... Você me deixou com uma excitação que daria inveja a um garanhão, Emily...

Ah, ouvi-lo rir novamente! Vê-lo, abraçá-lo!

Conforme o inverno se transformou em primavera, ela se esforçava para deixar o passado para trás, mas não era fácil, com o bebê dele crescendo dentro dela. Nem teria sido fácil se ela não estivesse grávida.

Qualquer menção de ajuda humanitária logo a fazia lembrar dele. Uma melodia que teriam ouvido juntos, o cheiro da colônia de um homem, um estranho, quando aquele cheiro pertencia somente a ele. Isso já era o suficiente para transformar um dia bom num dia ruim. Ele estava em seu coração, em sua alma.

Mas em outros aspectos, ela estava sozinha. Sozinha e grávida, porque embora ele dissesse que a amava, quando foi colocado em teste, o pai de seu filho preferiu pôr a vida em risco, em algum canto do mundo, em vez de arriscar a dar seu coração a ela.

Bem, deixe-o, dizia ela, furiosa consigo mesma, furiosa com sua própria fraqueza. Ela tivera sua porção de caridade relutante ao crescer na casa da tia, onde nunca fora bem-vinda. Se Niko não podia se comprometer com ela sem reservas, ela não o queria de forma alguma.

A raiva era muito mais fácil de suportar do que a mágoa, embora, no fundo, desse no mesmo.

— Você conseguirá se manter sozinha? — suas amigas perguntaram, quando souberam que ela seria mãe solteira.

— Sim — disse ela, sem que passasse despercebida a ironia quanto ao fato de que o avô do bebê era responsável pelas economias substanciais que ela juntara. — Tenho tudo planejado. Posso trabalhar por mais cinco meses e depois do parto vou tirar licença-maternidade, contratar uma babá para cuidar do bebê.

Mas seus cálculos falharam. Em 12 de maio, quando ela estava com apenas 33 semanas de gravidez, ao contrário do que os médicos haviam previsto, ela teve uma menina de 1,9kg.

Como enfermeira, ela sabia que as chances de sobrevivência sem complicações eram excelentes. Como mãe, ela quase morreu de preocupação, choramingando sobre a criaturinha que arrebatou seu coração ao chegar ao mundo.

Ela lhe deu o nome de Helen e a levou para casa quando estava com 2,4kg.

— Ao menos ela parece estar inteira, quero dizer, para uma prematura.

As amigas de Emily foram mais encorajadoras.

— Ela é adorável, tão miudinha e feminina — concordaram elas, se aglomerando ao redor do cestinho.

Para Emily, ela era o bebê mais bonito do mundo. Trouxera luz à uma vida que, desde o dia em que Niko partira, estivera repleta de escuridão. Sentada na cadeira de balanço, olhando as árvores do lado de fora da janela, Emily encontrou uma paz que há muito lhe escapara.

A primavera emendou no verão. Quando não estava muito quente, Emily colocava Helen no carrinho e saía para passear no parque, ou pela calçada da praia. Ela a amamentava embaixo de um guarda-sol, no pátio.

Ela honrara sua promessa de manter contato com Pavlos e, no começo, eles sempre trocavam e-mails, mas, conforme os meses foram passando, escreviam menos. Ele nunca mencionou Niko, na verdade, tinha pouco a dizer, e ela decidiu não contar sobre a gravidez. Que sentido faria em aborrecê-lo?

Depois que Helen nasceu, ela não tinha certeza de ter tomado a decisão certa. Será que o fato de saber que era avô não traria um pouquinho de alegria à vida de Pavlos? Ou causaria uma distância ainda maior entre pai e filho? Pensando mais objetivamente, será que ela conseguiria ocultar o segredo de Niko?

Ela não tinha dúvidas de que se ele descobrisse que ela havia tido esse bebê, Niko se sentiria obrigado a tomar a atitude honrável de se casar com ela. E isso, ela sabia, a longo prazo só traria infelicidade a todos. Ele jamais se contentaria com a vida doméstica, e ela não viveria — não poderia viver com a carreira que ele escolhera. Criança alguma merecia um pai valentão. Era melhor nem ter pai do que ter um que, como dissera Pavlos, flertava com a morte todas as vezes que ia para o trabalho.

Conforme o verão foi passando, Helen continuava a crescer. Embora ainda fosse pequena para sua idade, ela ganhava peso continuamente, chegando a 3kg com três meses.

Numa manhã, Emily a colocara para tirar um cochilo e estava dobrando roupa quando recebeu um telefonema perturbador de Giorgios. Pavlos tinha piorado e não havia expectativas de que se recuperasse. Ele se recusava a ir para o hospital e estava chamando por ela.

— E quanto ao filho dele? — perguntou ela. — Ele foi contatado?

— Nós tentamos, mas ele está longe.

Típico!, pensou ela. Por que ficar perto de casa, de seu pai doente, quando pode estar longe, dando tudo de si a estranhos?

— Você virá, Emily?

Como ela podia recusar? Pavlos precisava dela.

— Sim, mas levarei algum tempo para providenciar as coisas.

— Receio que ele não tenha muito tempo. — A voz de Giorgios falhou. — Ele está cansado de lutar para viver, Emily. Muitas vezes, ele me pergunta "Para que eu acordo a cada manhã, nessa casa vazia?".

— Diga a ele para aguentar firme — disse ela. — Não deixe que ele se atreva a morrer antes que eu chegue aí.

Ela e Helen chegaram à casa de táxi, dois dias depois. Conseguir o passaporte para o bebê em tão pouco tempo dera algum trabalho, mas Emily apelou para a compaixão do oficial do governo que, ao ouvir sua situação, acelerou as coisas em tempo recorde.

Quando o táxi virou a última curva e a casa surgiu, nada parecia ter mudado. As palmeiras contrastavam com o céu azul. As flores estavam coloridas sob o sol. Orgulhosos como sempre, os pavões passeavam no gramado impecável.

Lá dentro, a casa contava uma história diferente. A atmosfera estava sombria, sufocante, embora o fato de surgir com um bebê tenha causado alguma movimentação.

— Sim, ela é minha — disse Emily para Damaris, estarecida. Depois, para Giorgio: — Cheguei a tempo?

— Neh. Quando ele ouviu que você estava vindo, renovou as forças. Ele está acordado e alguns minutos atrás perguntou quando você chegaria.

Erguendo Helen, ela disse:

— Então, não vamos mais deixá-lo esperando.

Ela havia testemunhado a morte em todos os seus disfarces, mas embora se achasse preparada, ficou chocada quando viu Pavlos. Ele estava deitado junto aos travesseiros, tão frágil e encolhido que uma leve brisa poderia levá-lo. Seu rosto estava pálido, os olhos fechados, e se não fosse pelo leve movimento de seu peito, ele poderia estar morto.

— Segure-a para mim, um segundo, pode ser? — ela sussurrou, entregando Helen a Damaris, e se aproximou da cama. — Olá, querido — disse ela, baixinho.

Ele abriu os olhos.

— Você veio — disse ele, com a voz numa pálida imitação do que havia sido.

— É claro.

— Você é uma boa garota.

Contendo uma onda de mágoa, ela pegou Helen de Damaris e a deitou nos braços dele.

— Eu trouxe alguém comigo — disse ela. — Diga olá para sua neta, Pavlos.

Ele olhou Helen, que o encarava com seus olhinhos azuis imensos. E disse, numa voz quase inaudível.

— Ela é filha de Niko?

— Sim.

As lágrimas rolaram pelo rosto dele.

— Nunca pensei em ver esse dia. Yiasu, kali egoni. Olá, minha pequenina.

— O nome dela é Helen.

— Um belo nome grego. — O ar ficou preso nos pulmões dele. — Um belo nome para uma linda criança.

— Achei que você aprovaria.

Ele desviou os olhos de Helen.

— Como deixaria de aprovar? Ela tem meu sangue e você, como mãe. Conte-me sobre ela.

— Amanhã — disse ela, vendo que ele estava se cansando rápido. — Agora, Pavlos, tente dormir um pouco.

Ele procurou a mão dela.

— O sono virá em breve, garota. Nós sabemos que não acordarei. Fale comigo enquanto ainda tenho tempo. Quero saber tudo.

— Fique com ele — murmurou Damaris, pegando Helen novamente nos braços. — Eu tomarei conta da pequenina.

— Leve Giorgios com você, quando sair — disse Pavlos. — Seu rosto de pesar está me cansando.

— Pobre homem — disse Emily, quando eles ficaram sozinhos. — Ele o ama tanto, Pavlos, e tudo isso... — Ela apontou para o balão de oxigênio e a parafernália hospitalar que havia no quarto. — Isso provavelmente o amedronta.

— Eu sei e o pouparia de ver isso, se pudesse. Para mim, ele tem sido mais filho do que Niko jamais foi.

— Niko também o ama.

— Poupe-me das trivialidades, garota! Eu estou morrendo. Se ele se importasse comigo, por que seria o único a não estar aqui, agora?

Os passos que vinham do corredor pararam junto à porta aberta.

— Mas eu estou aqui — disse Niko. — Vim assim que soube.

CAPÍTULO TREZE

Horrorizada, Emily congelou, tomada de pânico e emoções conflitantes que seu instinto foi o de correr o mais rápido que pudesse, para fugir dele. Qualquer coisa que pudesse abafar a carência causada por sua voz, a vontade de tocá-lo novamente. Qualquer coisa para impedir que ele descobrisse sobre Helen. Mas e se ele já a tivesse visto e reconhecido como sua? E mesmo que não, como ela poderia justificar deixar Pavlos, com ele agarrado à sua mão tão desesperadamente?

Contendo suas emoções, ela assumiu o controle que tanto lhe servira como enfermeira. Com uma calma aparente, ela girou na cadeira e numa única olhada viu tudo nele, desde o alto da cabeça até as botas empoeiradas.

Ele estava horrível. Com os olhos cansados, sem se barbear e precisando de um corte de cabelo. A julgar por sua aparência, ele provavelmente teria dormido de jeans e camisa, o vidro de seu relógio estava rachado. Mas, acima de tudo, ele parecia profundamente triste.

— Vou deixar vocês dois juntos — disse ela, levantando.

— Não — disse Pavlos, com os olhos suplicantes para ela.

Niko atravessou o quarto e a fez sentar novamente.

— Por favor, fique, anjo — disse ele. — O que tenho a dizer é tanto para você quanto para o meu pai.

— Não se atreva a aborrecê-lo.

— Não o farei.

Ele puxou uma cadeira para perto e pegou a outra mão do pai. O contraste das mãos, uma tão grande e forte, profundamente bronzeada, a outra fraca, com todas as veias aparentes através da pele fina como papel.

— Se você está aqui para dançar em meu túmulo — disse Pavlos, com uma centelha da antiga hostilidade carregada na voz —, não precisava ter se apressado. Ainda não estou morto.

— E graças a Deus por isso, patera, pois quero lhe dizer que péssimo papel eu fiz como seu filho.

— Uma revelação divina a essa altura? — Pavlos soltou um riso fraco. — O que causou isso?

— Acabei de voltar de um inferno, onde a corrupção política e o genocídio é que ditam as regras. Presenciei mães que tiveram seus bebês arrancados, pais assassinados diante de seus filhos e fiquei impotente para evitar isso. Conheci milhares de órfãos infectados por doenças que irão matá-los antes de se tornarem adultos. Enterrei um bebê morto e chorei sobre seu túmulo porque não havia ninguém mais para chorar por ele.

Momentaneamente abalado, ele limpou a garganta e passou o polegar suavemente sobre a mão do pai.

— No fim, a devastação e a ruína me derrotaram. O que eu estava fazendo, tentando consolar famílias arruinadas num país estrangeiro quando minha própria família estava

desmoronando? Com que direito o mantive a distância, patera, quando seu maior pecado foi querer me dar uma vida melhor do que aquela que teve quando era jovem?

— Você é meu filho — disse Pavlos. — Teimoso e orgulhoso como o diabo, decidido a seguir seu próprio caminho no mundo, exatamente como eu era com sua idade. E você queria fazer do mundo um lugar melhor.

— Sim, eu queria. Mas eu o negligenciei ao fazê-lo. Será que deixei para muito tarde o meu pedido de perdão?

Com grande esforço, Pavlos ergueu a outra mão e a pousou sobre o rosto barbado de Niko.

— Ah, meu garoto tolo — disse ele, com a voz rouca. — Será que não sabe que nunca é tarde demais para que um pai dê as boas-vindas ao lar para seu filho?

Niko começou a chorar, soluçando terrivelmente, um choro que sacudia todo o seu corpo. Emily não pôde suportar. Levantando da cadeira, ela cambaleou até as portas duplas e saiu para o terraço.

Um caminho saindo da casa conduzia até o jardim, onde havia um banco de mármore, sob um caramanchão de limoeiros. Ela sentou ali, lutando com os demônios que a atormentavam.

Lutara tanto para esquecer Niko. Para se fechar aos sonhos que a despertavam com o cheiro de sua pele. Esforçara-se para se manter firme num mundo sem ele. Para construir uma vida segura ao redor de seu bebê.

E, para quê? Para se apaixonar por ele novamente, num piscar de olhos, abalada pelas lágrimas que jamais o imaginou chorar? Ao deixar seu orgulho indomável de lado, ele revelara seu coração e, ao fazê-lo, entrara novamente no dela.

Ela não podia permitir isso. Não podia se arriscar ser arrastada de volta à infelicidade que tivera antes, por amá-lo. Agora ela tinha uma criança para proteger. Ela deixaria a casa sem que ninguém a visse. Seria a melhor coisa a fazer.

Decidida, ela seguiu pela lateral da casa e foi até a porta da frente, deparando-se com Giorgios.

— Estive lhe procurando, Emily. Sua pequenina está berrando de fome e Damaris não consegue acalmá-la.

Na mesma hora, os seios de Emily começaram a gotejar e uma rápida olhada no relógio da parede mostrou que já passara mais de duas horas desde a última vez que ela amamentara.

— Por favor, peça a Damaris que a traga para mim, no escritório. É mais fresco ali.

— Se preferir ir lá para cima, está tudo pronto em sua suíte.

— Obrigada, Giorgios — disse ela —, mas agora que Niko chegou, eu não ficarei aqui.

— Pavlos ficará desapontado.

— Acho que não. Nós passamos um tempo juntos. Agora é a vez do filho dele.

Niko ficou sentado junto ao pai até que ele adormeceu, depois, silenciosamente, saiu do quarto e foi procurar Emily. Ele e Pavlos finalmente haviam feito as pazes. Agora era hora de consertar as coisas com ela. Ele a magoara muito. Magoara a ambos por razões que, pensando

naquela época, pareciam muito egoístas de sua parte. As coisas seriam diferentes de agora em diante.

A casa estava silenciosa como uma tumba. Uma comparação infeliz, pensou ele, sentindo uma pontada. Mas ao passar por uma sala que quase não era usada, ele ouviu um murmúrio baixinho que chamou sua atenção.

Pensando que um pássaro talvez tivesse ficado preso na sala, ele acabou descobrindo Emily sentada junto à janela aberta, com um xale leve sobre o ombro, a cabeça baixa, olhando para um bebê, com seu seio parcialmente exposto.

Ele ficou chocado. Sim, a incentivara a procurar um homem que pudesse lhe dar o que ele achou que jamais poderia dar, porém, ao longo dos meses que estiveram separados, ele nunca pensou que ela tivesse levado o conselho tão a sério, e o seguira tão rapidamente.

Sentindo estar sendo observada, ela olhou para cima e o viu. Ela arregalou os olhos e cobriu o bebê com o xale, um recém-nascido, pelo que ele pudera observar, provavelmente não teria mais que algumas semanas.

— Bem — disse ele, fingindo um ar divertido, pois o que mais queria era disfarçar sua perplexidade —, por essa eu não esperava.

Ela sacudiu um dos ombros.

— O que posso dizer? O dia foi repleto de surpresas.

Ele olhou o bebê, embora só pudesse ver as perninhas e as solas dos pés vermelhinhos para fora do xale. — Menino ou menina?

— Menina.

— Ela se parece com você?

— Algumas pessoas acham que sim.

— Sorte dela. E você está feliz?

— Delirando de felicidade. Tenho tudo que sempre quis.

— É mesmo? — Ele jamais poderia imaginar. Ela estava tensa, era a própria visão da inquietação. Arrumando o xale, desnecessariamente. Olhando para todos os lugares, menos para ele.

Havia algo errado quanto ao quadro de contentamento que ela estava tentando apresentar, e ao ver seus dedos nervosos ele percebeu o que era.

— Nesse caso — disse ele —, por que não está usando uma aliança?

De todas as perguntas que ela temera que ele pudesse fazer, essa jamais havia passado por sua cabeça, e ela pensou em mentir, já que o enganara tão bem quanto a ter encontrado um homem para seu lugar. Mas subitamente ficou farta de tanta enganação e subterfúgios. Ela contaria a verdade, ou uma versão editada, e se ele persistisse nas conclusões erradas, isso não seria problema dela.

— Porque não estou casada — disse ela.

— Por que não?

— Eu me precipitei num relacionamento com o homem errado e nós seguimos caminhos diferentes, estou criando minha filha sozinha. Não olhe com reprovação. Foi minha escolha e não é algo tão raro nos dias de hoje. Centenas de mulheres tomam a mesma decisão todos os dias.

— Você não é uma dessas mulheres, Emily — disse ele. — Deveria ter ficado com seu marido, como sempre quis.

— Bem, eu não fiquei. Em vez disso, tive um bebê.

Os olhos verdes inesquecíveis a sondavam, minando sua determinação de permanecer fria e desinteressada.

— Não é tarde demais para ter ambos.

— Receio que sim. Não há muitos homens por aí dispostos a assumirem o filho de outro homem.

— Tem eu — disse ele. — Se você me quiser, eu me caso com você.

Ela estava tão despreparada para essa resposta que quase deixou Helen cair.

— Não seja ridículo! O Niko Leonidas que conheço não investe em casamento.

— Aquele homem não existe mais. Ele cresceu e aprendeu o que é importante na vida.

— Ele costumava acreditar que ajudar os necessitados era importante.

— E ainda acredita.

Ela disse:

— Não sou necessitada, Niko. Posso muito bem me virar sozinha.

— Você entendeu mal. O que estou dizendo é que não abandonei as causas que apoiei todos esses anos. Ainda acredito em fazer a minha parte, e sempre acreditarei. Só não preciso continuar provando isso ao fazer roleta-russa com minha própria vida. Há outras formas mais eficazes de fazer a diferença.

— Casar comigo não é uma delas — disse ela. Oh, mas como ela queria que fosse!

Ele atravessou a sala e veio até onde ela estava.

— Ouça-me — implorou ele. — Eu te amo. Dê-me uma chance de lhe mostrar o quanto. Deixe-me formar um lar para você e seu bebê. Deixe que eu seja o pai dela. Não ligo se é o sangue de outro homem que corre em suas veias. Só de ser sua, já é motivo suficiente para que eu a ame como se fosse minha.

— Oh...! — Ela apertou os lábios trêmulos, lutando para conter as lágrimas. — Não era isso que eu esperava quando acordei esta manhã.

— Nem eu. Se você precisa de tempo para pensar nisso...

— Nós dois precisamos, Niko. Agora, seu pai precisa mais de você do que eu, e você está frágil demais emocionalmente para tomar grandes decisões.

— Não a ponto de não saber o que quero. Em respeito ao meu pai, eu não vou pressioná-la a aceitar minha proposta agora, mas não ficarei esperando indefinidamente.

— A questão vai mais além de nós dois, Niko. Minha situação... Bem, não é exatamente como você pensa.

— Você me ama?

— Sim.

— Você está casada?

— Eu já lhe disse que não.

— Então, não há nada que não possa ser resolvido.

Ele passou as mãos na camisa amassada e no jeans empoeirado.

— Olhe, eu estou todo desarrumado, por dentro e por fora. Vou para casa tomar banho e me recompor, mas caso esteja preocupada, achando que meu pedido de casamento é um ímpeto momentâneo de minha parte...

— É? Afinal, você é um homem que gosta de correr para o resgate.

— A pessoa que estou resgatando dessa vez sou eu mesmo, Emily. Levei muito tempo, mas finalmente endireitei as minhas prioridades. Só um tolo descarta os tesouros que abençoam essa vida. Eu estava a caminho de casa para dizer isso ao meu pai, mesmo antes de saber que ele estava morrendo. Para meu eterno arrependimento, esperei até ser tarde demais para compensá-lo pelos anos desperdiçados. Não cometerei o mesmo erro com você.

Então, ele a deixou. Mas não como antes, vazia de tudo, deixando só desespero. Ela uma vez lera que, quando chove no deserto, todos os cactos se abrem em flor. Fazia tanto tempo que seu espírito estava árido como um deserto, mas essas palavras fizeram seu coração florescer de esperança.

Enquanto ele estava fora, Giorgios veio dizer a ela que Pavlos acordara novamente. Ela foi até ele imediatamente.

Seus olhos cansados se iluminaram ao ver que ela levava Helen e ele tentou esticar a mão para segurá-la, mas o esforço foi demais e ele recostou nos travesseiros. Sua pulsação estava inconstante e fraca e seu pobre coração lutava para continuar batendo, e ele logo adormeceu novamente.

Pouco tempo depois, Niko se juntou a ela, assumindo seu posto do outro lado da cama.

Sentindo sua presença, Pavlos sussurrou:

— Você está aqui, filho?

— Estou aqui, Babas.

— Você será um homem rico quando eu me for.

— Não tão rico como seria se você ficasse.

— Não há tempo para isso, garoto. Agora é com você e Emily.

— Eu sei.

— Cuide dela direito.

— Cuidarei.

— E de minha neta. Seja para ela um pai melhor do que fui para você.

Estarrecido, Niko lançou um olhar rápido a Emily, mas só disse:

— Não o decepcionarei, Babas.

— Nunca decepcionou, garoto — disse Pavlos, com um sussurro. — Sempre me deixou orgulhoso... Eu deveria ter lhe falado isso antes.

Ele nunca falou. E adormeceu novamente, dessa vez mais profundamente, com uma respiração fraca que mal movia o lençol sobre ele. Emily se ocupou verificando o oxigênio, torcendo para evitar a pergunta inevitável sobre o comentário de seu pai, mas a atenção de Niko permaneceu em Pavlos.

Uma hora se passou, depois outra. Helen se remexeu, depois franziu o rostinho, e Emily sabia que ela estava com fome.

— Vou amamentá-la no outro quarto para não perturbá-lo — ela disse a Niko.

— Não demore muito — disse ele.

A tarde emendou na noite. Giorgios trouxe chá e sanduíches. Damaris pegou Helen e a colocou para dormir numa gaveta que havia tirado de uma cômoda e forrada com cobertas macias. O médico veio, olhou para Emily, sacudiu a cabeça lamentando e disse que voltaria pela manhã.

Ao longo da noite, Emily e Niko mantiveram vigília. Perdidos em pensamentos sobre o homem que deixara uma impressão tão marcante nos dois, eles falavam pouco. Às seis da manhã do dia seguinte, Pavlos morreu.

— Ele se foi, Niko — disse ela. — Acabou.

Ele assentiu, baixou a cabeça e segurou o corpo frágil do pai nos braços.

Deixando-o para sua última despedida, ela saiu do quarto e foi até o terraço. Na meia luz do amanhecer, as flores brilhavam como pequenas estrelas. Seria outro lindo dia de agosto. O primeiro, de muitos, sem Pavlos.

Ela não ouviu Niko chegando, até que ele falou.

— Ele estava delirando, não estava, quando disse que o bebê era meu?

— Não — disse ela, triste e exausta demais para fingir. A verdade teria que ser dita, cedo ou tarde, e seria melhor dizer logo agora. — Você é o pai biológico.

— Isso é impossível. Nós sempre usamos proteção.

— Não fomos tão cuidadosos como pensamos — disse ela.

— Que idade ela tem? Ela parece recém-nascida.

— Ela tem três meses.

— Quanto pesa?

— Agora, quase quatro quilos, mas nasceu com menos de dois. Ela parece pequena porque nasceu sete semanas mais cedo.

Ele quase cambaleou.

— Por que não me contou?

— Eu tentei, ontem, quando você me encontrou, mas você não deixou.

— Não estou falando de ontem à tarde, Emily. Estou falando dos últimos nove, ou dez meses. Eu teria me casado com você, de uma vez, se soubesse.

— Eu sei. Eu não o queria nessas condições. E ainda não quero.

— Eu temi que essa poderia ser a razão — disse ele. — Eu pareço ter muito talento para arruinar os relacionamentos mais significativos para mim.

E ele entrou de volta na casa, um homem tão repleto de mágoa que ela nem conseguia olhá-lo.

CAPÍTULO CATORZE

Na semana seguinte ela o viu pouco. As providências do enterro e as tarefas relativas a isso o mantiveram ocupado. Pavlos tinha muitos conhecidos nos negócios e a quantidade de pessoas que vieram à casa foi imensa.

Emily ajudou a pobre Damaris, que corria de um lado para o outro, providenciando bebidas e passando os momentos mais calmos no jardim, com Helen, pensando no que o futuro traria. Embora ele tivesse arranjado tempo para conhecer a filha, Niko tratava Emily mais como uma irmã do que como uma amante. Será que ela teria arruinado as chances dos dois ao manter segredo quanto ao bebê?

Ela teve a resposta quando ele veio procurá-la, enquanto estava sentada embaixo de uma oliveira, na grama, olhando o golfo. Durante os dois últimos dias eles ficaram na casa sozinhos novamente e estava uma tarde adorável para ficar dentro de casa.

— Deixemos o passado para trás, Emily — anunciou ele, sentando ao lado dela sobre o cobertor que ela abrira sobre o gramado. — Agora temos que cuidar do futuro. Eu disse que ia apressá-la por uma resposta ao meu pedido de casamento, e tentei manter distância, mas perdi a paciência.

O queixo dela caiu.

— Está dizendo que ainda quer casar comigo?

— Mais do que qualquer coisa que eu já quis na vida. A questão é, você confia em mim para se casar comigo?

— Por que eu não confiaria em você?

— Bem, vejamos. Eu me mostrei inescrupuloso ao tentar expô-la como uma farsante. Eu a seduzi, depois concluí que não combinávamos e devia terminar o relacionamento. Eu a deixei e você teve um bebê, e não se atreveu a me contar porque certamente pensou que eu seria um péssimo pai. Devo continuar?

— Não. Deixemos o passado para trás, lembra? Então, vamos fazer como você disse e conversar sobre o futuro.

— Está bem. Eu decidi o seguinte. Embora eu vá continuar a apoiar as causas que estimo, estou me aposentando como piloto e vou dividir a direção da empresa com o Dinos. Pretendo supervisionar os investimentos do meu pai, como ele gostaria que eu fizesse. Giorgios e Damaris sempre foram leais à minha família, então, se nos casarmos e você concordar, eu gostaria de morar aqui e mantê-los, assim como o restante dos empregados. Como estou indo, até agora?

— Muito bem. Eu não poderia querer nada melhor.

— Isso é um sim ao meu pedido?

— Não tenho certeza — disse ela, timidamente. — Você se mudou aqui para casa há uma semana e tem dormido num quarto no fim do corredor, distante de mim e de sua filha, Planeja continuar fazendo isso?

— Não, se você deixar que eu durma em seu quarto.

— Então, é sim.

Ele fechou os olhos e soltou o ar, longamente.

— Obrigado, anjo — disse ele. — Eu tenho sido um homem muito triste e solitário desde que meu pai morreu, decepcionado comigo mesmo em vários aspectos, temendo ter perdido minha chance com você.

— Eu também tenho andando triste, Niko — disse ela —, mas isso não mudou a forma como me sinto em relação a você. Eu te amo. Sempre amarei.

— Eu também te amo, muito mais do que você pode imaginar. Eu amo nossa filha e as respeitarei pelo resto da minha vida.

Naquela noite, eles ficaram deitados juntos, com Helen no meio deles. Depois de ficar inquieta a noite toda, ela finalmente adormecera.

— Como ela é linda — sussurrou Niko, olhando as suas feições. — As orelhinhas parecem pequenas conchas e olhe como seu nariz é miudinho.

— Ela tem seus cabelos escuros — Emily disse a ele.

— Tem sua boca.

Ela sorriu.

— Ela é nosso bebê.

— Sim — disse ele. — E acho que você deveria colocá-la na gaveta para que nós possamos praticar para fazermos outra igual a ela, mana mou.

Eles fizeram amor, deleitando-se em se redescobrirem. Ele passou a língua nas veias azuladas em seus seios inchados. Ela beijou a cicatriz em seu ombro, onde ele levava o tiro. Com as mãos, os lábios e as palavras de amor sussurradas, eles encontraram a magia que acharam ter perdido e a fizeram novamente maravilhosa. E, quando ele finalmente mergulhou dentro dela, eles ficaram colados, deixando que a paixão os tomasse em ondas infinitas de êxtase.

Depois, Emily ficou deitada nos braços dele, ouvindo Helen murmurando ao dormir, e sussurrou, sonolenta.

— Nós precisamos comprar um berço apropriado para ela, não acha?

— Amanhã, minha querida — disse ele, dando-lhe um beijo de boa-noite.

Ele estava com gosto de limão e raios de sol e todas as coisas gregas. Do fabuloso mar azul turquesa, do pôr do sol alaranjado, do amanhecer etéreo.

Ele tinha o sabor do eterno.

Fim